Lucas Izoton Vieira

O CAMINHO MÁGICO

Um relato emocionante do Caminho de Santiago de Compostela e as lições de vida para o dia-a-dia de um empreendedor.

O CAMINHO MÁGICO
Lucas Izoton Vieira

QUALITYMARK

Copyright© 2003 by Lucas Izoton Vieira

Todos os direitos desta edição reservados à Qualitymark Editora Ltda.
É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, ou parte do mesmo,
sob qualquer meio, sem autorização expressa da Editora.

Direção Editorial
SAIDUL RAHMAN MAHOMED
editor@qualitymark.com.br

Produção Editorial
EQUIPE QUALITYMARK

Capa
WILSON COTRIM

Editoração Eletrônica
PRELO EXPRESS
Produções Gráfica

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

V716c

Vieira, Lucas Izoton

O caminho mágico: um relato emocionante do caminho de Santiago de Compostela e as lições de vida para o dia-a-dia de um empreendedor / Lucas Izoton Vieira. — Rio de Janeiro : Qualitymark, 2003
200p.:

ISBN 85-7303-406-8

1. Vieira, Lucas Izoton – Viagens – Santiago de Compostela (Espanha). 2. Peregrinos e peregrinações – Santiago de Compostela (Espanha). 3. Santiago de Compostela (Espanha) – Descrições e Viagens. I. Título.

03-0351

CDD 920.9133
CDU 929VIEIRA, L. I.

2003
IMPRESSO NO BRASIL

Qualitymark Editora Ltda.
Rua Teixeira Júnior, 441
São Cristóvão
20921-400 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (0XX21) 3860-8422

Fax: (0XX21) 3860-8424
www.qualitymark.com.br
E-Mail: quality@qualitymark.com.br
QualityPhone: 0800-263311

Agradecimentos

À minha família, que sempre me incentivou
na idéia de fazer o Caminho.

Aos meus companheiros de peregrinação,
por tudo que aprendi convivendo com eles.

Aos habitantes das vilas, povoados e cidades seculares
do Caminho, pelo apoio e auxílio aos peregrinos.

A Deus, por ter-me dado força física e espiritual para
percorrer, refletir e aprender muito neste maravilhoso
Caminho de Santiago de Compostela.

À minha querida Vila Velha

Toda a renda obtida com a comercialização deste livro será doada ao Movimento Vida Nova Vila Velha - MOVIVE, uma ONG (Organização Não-Governamental) sem fins lucrativos e sem objetivos político-partidários que, baseada na ética e cidadania, está elaborando um planejamento estratégico de desenvolvimento deste município capixaba para os próximos 20 anos.

Os recursos serão destinados aos projetos e ações que visem aumentar o número de empregos na minha cidade-natal, contribuindo, assim, para uma melhor qualidade de vida de nossa população.

Esta minha atitude, dentre outras, objetiva apenas devolver à minha comunidade um pouco de tudo aquilo que ela já me proporcionou na vida.

Obrigado, Vila Velha!

Lucas Izoton Vieira

Homenagem especial

Dedico este livro ao meu amigo José Dias Lopes Júnior que compartilhou conosco os grandes momentos do Caminho de Santiago de Compostela.

Júnior com um pequenino cão abandonado nas Ruínas de Foncebadon

Três meses após nossa peregrinação e com apenas 38 anos de idade, Deus resolveu antecipar sua partida de nosso mundo. Ele se foi, mas seu sorriso constante está sempre vivo em nossos corações.

Valeu, Júnior! Você ajudou muito a realizar meu sonho. Um dia a gente se vê...

Prefácio

Sinto-me honrada em escrever o prefácio desse livro, pois é com clareza que sentimos a importância do sentimento de respeito, carinho e amor que Lucas ressalta em muitos capítulos, como a fé e a presença de Deus em nossas vidas.

Falar de Lucas é fácil para mim. Sou sua parceira em algumas atividades que visam melhorar as relações interpessoais em sua empresa na busca de uma melhor qualidade de vida, na verdade... sou bem mais que isto, sou sua amiga e grande admiradora. Lucas é uma pessoa empreendedora, criativa, sensível e emotiva, que adora inovar, de coração aberto, se preocupa com o crescimento das pessoas que estão ao seu lado, sempre disposto a ajudá-las, encorajando-as a buscarem o seu caminho.

Neste "Caminho Mágico" Lucas transmite, de forma sensível, muita sabedoria, emoção e entusiasmo para que possamos refletir sobre nossos comportamentos e atitudes. A persistência contínua para atingir os objetivos, a importância das relações interpessoais, do saber ouvir e respeitar as diferenças individuais que fazem parte de nossas vidas, seja em nossa casa ou em nossa empresa, e a qualquer momento, vale a pena analisar e mudar.

O Caminho de Santiago de Compostela nos proporciona essa análise e possível mudança. Se pudermos refletir, vivenciar as mensagens deste Caminho no nosso dia-a-dia, certamente estaremos criando oportunidades para crescer, podendo nos tornar, cada vez mais, pessoas inteiras e conscientes de nossa verdadeira essência, clareando nossa jornada nas nossas descobertas e redescobertas.

Essas reflexões e mudanças enriquecem nossas vidas, nossos crescimentos pessoal, espiritual e profissional. Se estamos bem com nós mesmos, ou abertos às mudanças e realizações, tudo se refletirá nos momentos do cotidiano. Estamos sempre em busca de um relacionamento familiar cada vez mais saudável, respeitando as diferenças, valorizando o amor, a compreensão, o carinho e a sinceridade.

Em nossa empresa também buscamos harmonia. A maior parte de nosso tempo passamos no trabalho. Temos contato com pessoas diferentes, com objetivos e ritmos diferentes, fazendo parte de nossa realidade. "O Caminho Mágico" também nos desperta sinais de alerta para refletirmos sobre nossa atuação profissional, nossas relações com os colegas de trabalho e clientes. O nosso local de trabalho é a nossa segunda casa. Vale também respeitar as diferenças e valorizar as virtudes.

As lições do "Caminho Mágico" são reais. Acredito que trazem mudanças positivas, nos fornecendo recursos que abrem a porta de nosso coração na busca do resgate e da descoberta da magia do caminho que existe dentro de cada um de nós.

Maria Teresa da Silva Cardoso*

** Maria Teresa da Silva Cardoso, psicóloga com pós-graduação na área de Recursos Humanos e Vice-Presidente Técnica da ABRH-ES. Formação em Psicodrama e especialização em Arte-terapia. Diretora-presidente há 14 anos da Psicoespaço – Assessoria e Consultoria em Recursos Humanos, Orientação Vocacional e Grupos Terapêuticos.*

As mágicas lições do
Caminho de Santiago de Compostela
estão na simplicidade das pequenas coisas
que você vê, sente e faz.

Sumário

Introdução 1

Capítulo 1
Um sonho, uma meta 3

Capítulo 2
A história do Caminho de Santiago de Compostela 7

Capítulo 3
Pessoas diferentes, objetivos iguais? 11

Capítulo 4
Riscos? Sempre existirão 15

Capítulo 5
Quem procura, acha 19

Capítulo 6
Planejamento é fundamental 23

Capítulo 7
A cabeça e o coração querem ir. E o corpo, agüenta? 27

Capítulo 8
Bye, Bye, Brasil 31

Capítulo 9
Os preparativos em Madri 37

Capítulo 10
Saint Jean Pied de Port (França): O ponto de partida 43

Capítulo 11
1º Dia: Cruzando os Pirineus a pé 49
(Saint Jean Pied de Port - Roncesvalles)

Capítulo 12
2º Dia: Descendo os Pirineus de bicicleta. Descendo? 59
(Roncesvalles - Puente la Reina)

Capítulo 13
3º Dia: Esperando os amigos 67
(Pamplona)

Capítulo 14
4º Dia: Vivendo e aprendendo 73
(Puente la Reina - Logroño)

Capítulo 15
5º Dia: Desencontros & Sustos 81
(Logroño - Belorado)

Capítulo 16
6º Dia: Ultrapassando os limites 91
(Belorado - Castrojeriz)

Capítulo 17
7º Dia: Perdidos & Achados 103
(Castrojeriz - Calzadilla de la Cueza)

Capítulo 18
8º Dia: Frio, chuva e muito vento 111
(Calzadilla de la Cueza - Mansilla de las Mulas)

Capítulo 19
9º Dia: O reencontro e muita neve 119
(Mansilla de las Mulas - Astorga)

Capítulo 20
10º Dia: Pedalando nas nuvens 125
(Astorga - Ponferrada)

Capítulo 21
11º Dia: Estrume & Sopa 133
(Ponferrada - El Cebreiro)

Capítulo 22
12º Dia: Dores e muita persistência 139
(El Cebreiro - Palas de Rei)

Capítulo 23
13º Dia: Enfim, Santiago 147
(Palas de Rei - Santiago)

Capítulo 24
O sonho realizado 153

Capítulo 25
As lições do meu caminho 159

Não basta apenas viver, é preciso sonhar
(Mário Quintana)

Introdução

Por que este livro?

"O Caminho Mágico" não tem a pretensão de ser um guia turístico ou geográfico completo para os peregrinos que pretendem fazer este intrigante Caminho de Santiago de Compostela.

Também não é intenção fazer um relato de emocionantes e perigosas aventuras ou mesmo ainda descrever com detalhes as belezas naturais e a milenar arquitetura medieval das cidades francesas e espanholas que encontramos durante nossa peregrinação, e tampouco é uma tese de psicologia que defenda a auto-reflexão e nem mesmo um livro de cunho religioso que pretenda divulgar o Cristianismo.

Apesar de conter um pouco de tudo acima, "O Caminho Mágico" é para mim um livro muito simples como também são simples nossas vidas e todos os passos necessários para quem tem objetivos e metas e quer atingi-los.

Nas próximas páginas você vai encontrar um depoimento pessoal de como consegui concretizar o sonho de percorrer este Caminho e relaciono os acontecimentos desta viagem com todas as etapas e procedimentos que o empreendedor brasileiro precisa efetuar para realizar o seu grande sonho: ter seu próprio negócio e obter sucesso no mundo empresarial.

Apesar da simplicidade da narrativa, você vai poder sentir como é importante para qualquer pessoa que quer atingir seus objetivos, as

características comportamentais como transformar seus sonhos em metas, tê-las bem definidas, saber planejá-las, monitorar e acompanhar sua evolução, ser persistente, correr riscos calculados, comprometer-se realmente com os objetivos propostos, buscar informações, ter autoconfiança, saber relacionar-se com outras pessoas e, o principal de tudo, gostar do que se faz.

Procuro ressaltar também o quanto é importante, numa simples viagem ou mesmo em uma empresa, o bom relacionamento, o saber ouvir, aceitar e entender as diferenças individuais das pessoas com quem se convive.

Se você pretende no futuro fazer o Caminho de Santiago de Compostela a pé, de bicicleta ou mesmo a cavalo gostaria de incentivá-lo a preparar a sua mochila e partir. Desejo-lhe também muita sorte na auto-reflexão que fará nestes dias em que você terá como grandes companheiros o azul do céu, o verde das plantações e, à sua frente, um imenso caminho que parece não ter fim.

CAPÍTULO 1

Um sonho, uma meta

"O homem que sabe o que quer
já percorreu um longo caminho."
(autor não identificado)

Todos nós temos vários sonhos em nossas vidas. Alguns sonham em possuir alguns bens materiais como casa, carro e objetos. Muitas vezes, o sonho é dirigido para a família, uma pessoa amiga, viagens e muitas outras coisas.

E por que é tão difícil concretizarmos nossos sonhos?

O ser humano, na grande maioria das vezes, não transforma seu sonho em uma meta e nem se dispõe a planejar e pagar alguns preços para atingi-la. Temos também que nos conscientizar de que um sonho sem nenhuma ação é apenas ilusão, tornando-se inatingível.

Eu tinha um sonho, um desejo muito forte de fazer um dia o Caminho de Santiago de Compostela. A princípio, meu interesse era fazer a pé e sozinho, mas ao mesmo tempo em virtude de suas características como o trajeto de cerca de 800 quilômetros, a necessidade de se despender mais de 30 dias, o receio de estar numa terra diferente da minha com apenas uma mochila nas costas, tudo isso causava-me alguns receios e, ao mesmo tempo, transformava-o num sonho quase impossível, sem nenhuma ação concreta para realizá-lo.

Enfim, fazer o Caminho de Santiago de Compostela era, na prática, para mim, pura ilusão.

Eu já havia lido várias reportagens, inclusive o livro de Paulo Coelho "O Diário de Um Mago" que conta suas aventuras no Caminho e sempre protelava qualquer decisão mais concreta para a realização deste sonho. Uma noite, porém, tudo mudou.

Estava no Restaurante Old Town de um amigo de infância, José Dias Lopes Júnior, e, durante uma conversa com ele, surgiu o seguinte diálogo:

– Júnior, eu tenho um sonho, um desejo muito forte de fazer uma coisa, mas não tomei ainda iniciativa nenhuma para realizá-la. Acredito que é um desejo impossível.

– Que sonho é este? – perguntou ele.

– Eu sou fascinado pelo Caminho de Santiago de Compostela, na Espanha. Tenho uma vontade imensa de fazê-lo a pé e sozinho mas, como já sou quarentão e não estou em boa forma física, acredito que isto seria uma agressão ao meu corpo e à minha mente, e também não gosto muito de solidão – respondi.

– Se você fizer de bicicleta, vou com você. Topa? – retrucou ele, imediatamente.

– Bicicleta? – perguntei.

– Acabei de ler hoje no Jornal do Brasil o relato do cantor e compositor Paulo Sérgio Valle, que fez, com sua esposa, todo o Caminho de bicicleta. É um show. Acho melhor fazermos o trajeto de bicicleta, pois aí teremos mais tempo para visitar os locais, vamos gastar metade do tempo e curtir mais toda a viagem. Além disso, podemos ir com outros amigos – animou-me ele.

Acabei concordando. A partir daí, o grupo começou a ser formado, com o convite sendo feito a várias outras pessoas que eram do nosso círculo de amizades.

Sempre que eu comentava o assunto, muitas pessoas perguntavam-me o porquê de fazer o Caminho de Santiago de Compostela. Eu respondia que esta trilha, para mim, tinha um significado muito forte e era um desafio pessoal conseguir fazê-la, saindo da França e chegando até a Catedral do Apóstolo Tiago. Esta viagem, além de tudo, era um mix de misticismo, religiosidade, reflexão, aventura e cultura. Por isso o meu desejo tão forte de fazê-la.

Um fato curioso é que meu nome é Lucas Izoton Vieira, sendo o sobrenome Izoton de origem italiana e o Vieira de origem portuguesa. Em Portugal, o brasão da família Vieira, cuja origem data do século XII, é composto por seis conchas, que lá são chamadas de *vieiras*, um molusco característico da região. Já no Caminho de Santiago de Compostela, o seu símbolo representativo é essa mesma *vieira*, sendo que os primeiros peregrinos eram também conhecidos como "los concheiros". Simples coincidência ou não, eu brincava com meus amigos dizendo que até no meu nome já estava previsto que eu deveria fazer este Caminho, pois de acordo com um ditado latino *o nome é um presságio*.

Um fator importante é que eu tinha uma vontade muito grande de realizar este objetivo e todos nós sabemos que as pessoas que fazem o que gostam normalmente conseguem resultados bem melhores do que as demais, que muitas vezes, por diversos motivos, não estão atuando naquilo que gostariam. Isto acontece muito no meio empresarial e pesquisas mostram que os empreendedores e profissionais mais bem-sucedidos no mercado são aqueles que estão atuando em segmentos que foram escolhidos porque eles realmente gostavam e tinham forte atração. Já aqueles que decidiram atuar em determinadas áreas por conveniências financeiras, familiares e outras, em sua grande maioria, não obtinham o mesmo sucesso.

No meu caso específico, eu decidi fazer o Caminho e transformei meu sonho em uma meta.

Refletindo...

- *Atue sempre naquilo que você gosta. Faça as coisas que você gosta.*
- *Tenha tempo para sonhar e transforme os seus sonhos em metas bem definidas.*
- *Estabeleça metas e objetivos na sua vida que sejam desafiantes e que tenham um significado pessoal para você.*
- *Defina suas metas de longo prazo, de maneira clara e específica, de modo que seja bem fácil entendê-las.*

CAPÍTULO 2

A história do Caminho de Santiago de Compostela

"Todas as coisas são possíveis
àqueles que crêem."
(S. Marcos, 11:23)

– O que tem este Caminho de especial?

– Quem foi São Tiago?

– Por que Compostela?

Estas e outras inúmeras perguntas são feitas constantemente a todos que já fizeram ou mesmo pretendem fazer o Caminho de Santiago de Compostela. Portanto, se você é uma destas pessoas que ainda ficam intrigadas com o extremo fascínio que este Caminho exerce sobre todos que o conhecem, vou lhe contar, de maneira resumida, um pouquinho da sua história, a mais conhecida e aceita pelos peregrinos, que são relatadas por pesquisadores espanhóis:

Antes de morrer, no ano 33 da Era Cristã, Jesus Cristo orientou seus apóstolos para pregar a palavra de Deus em todo o mundo. Após sua crucificação, o apóstolo Tiago, irmão de João, devido ao seu espírito

aventureiro partiu para a Espanha, uma terra estranha, na época província do Império Romano e onde havia um certo tráfego comercial, tendo desembarcado na Galícia.

Após algum tempo as conversões em terras espanholas não foram muitas e ele resolveu voltar à Terra Santa, acompanhado de dois seguidores, Teodoro e Atanásio, depois de uma permanência de sete anos, dando por encerrada a sua pregação na Espanha.

Ao regressar, por ordem do Rei Herodes Agripa, Tiago foi preso e decapitado em Cesaréia, tornando-se o primeiro dos apóstolos de Cristo a morrer martirizado. Seus restos mortais foram atirados fora dos muros da cidade, mas recolhidos pelos seus fiéis discípulos Teodoro e Atanásio, que partiram, em segredo, de Jaffa, levando o corpo novamente para a Galícia, na Espanha, desembarcando num lugar hoje chamado Padron, às margens do Rio Ulla.

O corpo do apóstolo Tiago foi, então, enterrado num bosque chamado Libredunnum, por volta do ano 44 da Era Cristã. Mais tarde, Teodoro e Atanásio também foram ali enterrados.

Muitos séculos se passaram e o local foi esquecido.

No ano 813, um velho eremita de nome Pelayo começou a ver luzes, uma espécie de chuva de estrelas sobre um bosque da Galícia. No local para onde as estrelas pareciam indicar, o velho descobriu o túmulo de mármore do Apóstolo Tiago e dos seus discípulos. A notícia se espalhou e chegou aos ouvidos do bispo local que comunicou o fato a Afonso II, rei das Astúrias, que mandou construir no lugar uma capela de pedras e um monastério para 12 monges Agostinhos.

Nascia, assim, um dos mais importantes centros de peregrinação da cristandade, junto com Jerusalém e Roma.

A notícia espalhou-se por todo o Continente Europeu e milhares de pessoas partiram de vários pontos da Europa, percorrendo um caminho longo e cheio de perigos, um caminho que ficaria conhecido pelos séculos futuros como o Caminho de Santiago de Campo de Estrela ou Compostela, uma referência às luzes vistas pelo eremita Pelayo.

Nesta época, o Reino das Astúrias estava tentando deter os muçulmanos que já haviam conquistado quase toda a Península. Os muçulmanos combatiam animados pelas relíquias sagradas de Maomé e faltava aos cristãos o poder encorajador de um símbolo concreto. Era necessário algo muito forte que os motivasse e a descoberta do túmulo do Apóstolo – localizado exatamente no Reino das Astúrias – era o que o exército precisava.

Os cristãos passaram, então, a combater com novo ânimo e no ano de 844, na célebre Batalha de Clavijo, correu pelas fileiras cristãs a notícia de que o próprio São Tiago lutava contra os mouros, ao lado do exército cristão. Esta imagem do santo como um cavaleiro medieval, vestido de branco, tendo os mouros sob as patas de seu cavalo, ficou conhecida como Santiago Matamouros e ainda hoje é venerada nas igrejas.

Por volta do ano 845, começaram a chegar os primeiros peregrinos para visitar o túmulo do Apóstolo e em 862 seus restos mortais foram levados para Santiago, hoje cidade de Santiago de Compostela, na época um povoado em pleno desenvolvimento. As peregrinações continuaram com grande intensidade e em 1075 foram iniciadas oficialmente as obras de construção da catedral que, ainda hoje, guarda os restos de São Tiago.

A história registra o ano de 951 como a primeira peregrinação a partir de um ponto além dos Pirineus, onde o Bispo Gotescaldo partiu, a cavalo, da cidade de Le Puy, na França.

Com o passar do tempo, foram criados vários caminhos para se chegar ao túmulo do Apóstolo Tiago, principalmente vindos da França. No século XII, já eram conhecidas quatro rotas principais que eram a "Via Turonense", que saía de Paris e era muito utilizada por ingleses e flamengos, a "Via Lemovicense", que partia de Vezelay, a preferida pelos belgas, a "Via Podiense", saindo de Le Puy e usada pelos alemães e, por último, a "Via Tolosana", dos italianos. Todos estes caminhos se encontravam na cidade de Puente la Reina, na Espanha, onde o percurso se tornava único.

Atualmente peregrinos de todo o mundo que fazem o Caminho preferem usar o trajeto que vai de Saint Jean Pied de Port na França a Santiago de Compostela. Este foi também o roteiro escolhido por nós.

Refletindo...

- *Procure conhecer a história e a cultura de sua região, bem como dos locais que você tem interesse.*
- *Envolva-se e comprometa-se com a sua comunidade. Ajude a manter viva a história de sua cidade.*
- *Viaje sempre que puder. Conheça outras pessoas, cidades, países, respeitando sempre suas tradições e hábitos culturais.*
- *Consiga tempo para realizar os seus desejos e sonhos.*

CAPÍTULO 3

Pessoas diferentes, objetivos iguais?

"Se você não sabe para onde está indo, todo caminho o levará a lugar nenhum."

(Henry Kissinger)

Depois que Júnior e eu decidimos fazer o Caminho de Santiago de bicicleta ficou definido, também, que iríamos formar um grupo de pessoas conhecidas para participar conosco desta experiência. A princípio, achamos que seria muito difícil acharmos parceiros para uma "viagem considerada não convencional" e por isso o convite foi estendido a um grupo maior de amigos que freqüentavam o Restaurante Old Town, do qual Júnior era proprietário e que nós freqüentávamos rotineiramente, já que lá sempre estava presente gente conhecida ou mesmo amigos de infância.

Quando alguém (ou mesmo eu) questionava a heterogeneidade de comportamentos das pessoas que estavam aderindo à Caminhada, eu sempre repetia uma frase:

– "As pessoas podem ser muito diferentes, o importante é que os objetivos sejam iguais".

A princípio, fechamos um grupo de 12 pessoas, o qual chamávamos

o G-12, uma brincadeira alusiva ao G-7, grupo dos sete países mais ricos do mundo. Este grupo inicial transformou-se posteriormente no G-10, em virtude de que alguns companheiros não puderam confirmar a participação, por imprevistos de cunho familiar ou mesmo profissional. Eis a relação, por ordem de idade na época, da equipe que ficou definida que iria fazer o Caminho:

- Sérgio Vasconcelos, 29 anos, advogado, empresário do setor de construção civil, praticante de asa-delta.
- Mauro Schneider Duarte, 33 anos, administrador, já morou na Califórnia, Estados Unidos, adora viajar e praticar esportes.
- Franco Soneghet, 33 anos, advogado, já atuou na área de alimentação com pizzarias, praticante de futevôlei.
- Levy de Souza, 36 anos, industrial do setor de confecções, gosta de futebol e corridas rústicas.
- Luciano Sturzeneker, 38 anos, médico veterinário, possui frigorífico.
- Márcio Nolasco, 38 anos, empresário, já atuou no setor agrícola e atualmente possui uma distribuidora de bebidas.
- José Dias Lopes Júnior, 38 anos, engenheiro, empresário do setor de construção civil e proprietário do Restaurante Old Town.
- Lucas Izoton Vieira, 41 anos, engenheiro, empresário, atuando no setor de moda.
- Rui Abreu, 42 anos, médico anestesista, proprietário de uma clínica médica.
- Josias Soares, 45 anos, engenheiro, atuando no setor agrícola.

Como o leitor pode perceber, a nossa equipe com faixa etária variando de 29 a 45 anos, formações acadêmicas variadas e negócios diferentes era realmente muito heterogênea. As diferenças maiores, porém, não eram estas e sim na área comportamental. Havia extrovertidos e

introvertidos, racionais e sentimentais, sociáveis e reservados, ativos e reflexivos, enfim um pouco de tudo.

Mas, em nossas empresas isto também acontece. Afinal, todas as organizações são formadas por pessoas de diversos níveis culturais e comportamentais, sendo um grande desafio integrá-las e motivá-las a atingir um único objetivo.

A discussão de um determinado assunto por pessoas de características e experiências diferentes é muito gratificante, pois a sinergia obtida gera um resultado final acima daquele proveniente de um grupo homogêneo.

Atualmente participo, na minha cidade, de uma ONG (Organização Não-Governamental) chamada MOVIVE – Movimento Vida Nova Vila Velha, cujo objetivo é elaborar o planejamento estratégico do município para os próximos 20 anos, por iniciativa dos próprios moradores, visando compatibilizar progresso com modernidade e qualidade de vida. Um dos princípios que consideramos fundamentais para se atingir a missão é "estimular e respeitar toda a diversidade de opiniões, que devem ser trazidas ao debate para enriquecê-lo e motivá-lo".

E sempre que alguém mencionava a heterogeneidade do grupo eu repetia a velha frase:

– As pessoas podem ser muito diferentes, o importante é que os objetivos sejam iguais.

Será mesmo que os objetivos individuais de cada um dos participantes do nosso grupo eram realmente iguais? E se fossem, será que conseguiríamos operacionalizar a contento as inúmeras alternativas de atingirmos os objetivos? Bem, as respostas a estas perguntas só seriam conseguidas verdadeiramente durante o Caminho de Santiago de Compostela.

Refletindo...

- *Nas organizações é necessário deixar bem claro, para toda a equipe, a missão e princípios da empresa.*
- *Seja participativo. Cada um deve conhecer perfeitamente as metas da empresa.*
- *Respeite as opiniões contrárias. Incentive-as. Ouça-as com atenção.*
- *Duas cabeças geralmente pensam melhor do que uma sozinha.*

CAPÍTULO 4

Riscos? Sempre existirão

"Não arriscar nada é arriscar tudo."
(Cesare Cantú)

Fazer o Caminho de Santiago de Compostela era para mim a realização de um grande sonho mas, ao mesmo tempo, como qualquer pessoa normal, eu tinha algumas preocupações. Afinal de contas, sair do Brasil e passar vários dias pedalando de bicicleta em um país europeu por trilhas, caminhos e cidades que eu não conhecia causavam-me uma certa inquietação.

Algumas pessoas me perguntavam:

– Lucas, fazer esse Caminho não é perigoso? Como vocês farão para levar as bicicletas? E se alguém se acidentar ou ficar doente?

Apesar do receio, eu não dava o braço a torcer e respondia:

– Não se preocupem, pois vai dar tudo certo. Afinal, o Caminho de Santiago de Compostela é um Caminho religioso, um roteiro místico e, certamente, Deus vai estar conosco todo o tempo, nos protegendo.

É, lá estava eu jogando a responsabilidade para a força divina, sendo que isto é muito comum para nós, seres humanos e, principalmente,

brasileiros. A gente começa alguma coisa, não se preocupa em planejar e depois joga a responsabilidade para os outros. Este também é o perfil médio dos empreendedores brasileiros, que têm sérias deficiências comportamentais, no que diz respeito a planejamento e monitoramento, mesmo nos casos onde os cenários externos apresentam ameaças. Enfim, nós brasileiros temos muita iniciativa, mas somos pouco cautelosos no que fazemos, tanto na vida pessoal quanto na profissional.

Para minimizar os riscos no Caminho resolvi seguir um conselho que norteia muito as minhas ações no dia-a-dia, que é "ter fé e confiar em Deus como se tudo dependesse dele, mas agir e trabalhar como se tudo dependesse somente de mim".

Mas, o que poderia acontecer comigo ou com algum dos nossos companheiros no Caminho? – questionava eu. Então comecei a relacionar os possíveis problemas e causas, além de suas prováveis soluções. Alguns dos itens deste *check-list* preventivo eram:

- E se alguém não conseguisse pedalar o trajeto? A solução óbvia seria usar o Carro de Apoio, sendo que além disso todos deveriam fazer exames médicos e treinar muito.

- E se ocorresse um acidente de bicicleta? Primeiro, todos nós deveríamos usar EPI's – Equipamentos de Proteção Individual. Eu mesmo já havia comprado, meses antes, na Califórnia, Estados Unidos, uma série de EPI's como capacete, óculos, roupas, acessórios para a bicicleta, etc... Segundo, todos também deveriam fazer o Touristcard, um seguro internacional que se responsabiliza pelas despesas médicas e hospitalares durante toda a viagem. Terceiro, deveríamos escolher trechos com menor índice de riscos. Quarto, na Europa o ciclismo é um esporte muito difundido e lá existe respeito para com o ciclista. Logo, não precisaríamos nos preocupar muito com isso.

- E se alguém se perdesse do grupo? Era só marcarmos pontos de encontro periódicos, além do que a função do Carro de Apoio seria monitorar o vaivém de quem estivesse pedalando.

- E a língua? Teríamos problemas de comunicação? Bem, eu não acreditava que isto seria problema, já que o nosso roteiro previa um pequeno trecho na França, bem próximo da fronteira e todo o norte da Espanha. Apesar de só entendermos algumas poucas frases em francês, o espanhol não era problema, pois todos nós dominávamos o "portunhol". Para se comunicar com os peregrinos de todo o mundo, a solução seria então falar o inglês, que, apesar de básico, permitia o entendimento. Já o dialeto basco ninguém sabia nada mesmo e o dialeto galego é uma mistura do português com o espanhol. Eu não via problemas neste ponto, mesmo assim decidi-me por aulas de reforço de espanhol, e por continuar a freqüentar, duas vezes por semana, as aulas de inglês.

Como se podia perceber, os riscos eram pequenos e, mesmo assim, muitos deles podem ser minimizados com pequenas ações de precaução. Muitas vezes na minha vida pessoal e empresarial eu corro alguns riscos desnecessários que poderiam ser minimizados. Como tenho um alto nível de iniciativa e sou impulsivo, freqüentemente não atuo com a cautela necessária, mas no caso deste Caminho eu prometi pra mim mesmo que seria mais precavido e adotaria uma postura mais cautelosa. Enfim, eu teria que correr riscos moderados, apesar de saber que eles existem em tudo que fazemos e acreditar que o principal risco de nossas vidas é a acomodação, isto é, ficar sem fazer nada com receio do que possa acontecer.

Não seria por medo ou por falta de coragem que eu deixaria de fazer o Caminho de Santiago. Afinal os riscos estavam sob controle e nós devemos viver nossas vidas como se elas fossem extremamente curtas, apesar da necessidade de planejá-las como se fôssemos ter a vida eterna. Pra mim o que importa realmente é fazer algo que eu goste, que seja desafiante, que me dê qualidade de vida e que eu possa aprender. Eu tinha certeza que ia aprender, e muito, neste fascinante Caminho.

Refletindo...

- *Seja ousado em definir suas metas.*
- *Não se acomode nunca. Lembre-se de que quem está vivo, merece viver e bem.*
- *Corra riscos calculados. Procure sempre minimizá-los.*
- *Lembre-se também do velho ditado "quem não arrisca, não petisca".*

CAPÍTULO 5

Quem procura, acha

"Culto é aquele que sabe
encontrar aquilo que não sabe."
(Georg Simmel)

Fazer de bicicleta um caminho na Europa, com um grupo de pessoas, percorrendo cerca de 800 km através de montanhas, vilas e cidades medievais não era um simples passeio. Eu precisava obter mais informações sobre o Caminho de Santiago de Compostela e para isso comecei a pesquisar o assunto através das mais diversas formas possíveis. Afinal, a primeira providência que um empreendedor adota quando se propõe a fazer algo é pesquisar muito sobre o assunto.

Descobrimos que em Vitória haveria uma palestra sobre o Caminho de Santiago de Compostela que seria proferida por uma pedagoga paulista e lá fomos, Júnior e eu. Foram cerca de 2 horas de muitas informações, além de contatos com pessoas que possuíam livros ou mesmo já haviam feito o Caminho. Ali mesmo, obtivemos muitas informações importantes.

Consegui também o endereço, em São Paulo, de uma livraria chamada Além da Lenda, onde existiam praticamente todos os livros publicados no Brasil, e mesmo alguns em espanhol, sobre o Caminho de Santiago. Na primeira oportunidade que estive na capital paulista comprei vários livros e guias que me deram informações completas.

Quem também nos auxiliou com boas informações foi a "Associação de Amigos do Caminho de Santiago de Compostela" que tem sede em São Paulo (telefone: 011-299-1687 ou 011-959-6107) e que nos forneceu dados importantes sobre o Caminho, sendo que eles próprios fornecem a Credencial do Peregrino para quando você chegar na Europa não precisar obtê-la por lá.

Os programas de TV, reportagens em jornais, conversas com quem já havia feito o Caminho, tudo isso servia para obtermos todas as informações que precisávamos e proporcionar mais segurança e garantia para todos.

A mania de pesquisar informações, ou melhor o benchmarking, é uma característica pessoal que exercito com freqüência e que tem me ajudado muito. Quando você busca informações sobre qualquer assunto, facilita muito o que você está fazendo. É aquele velho ditado que diz que um homem inteligente aprende com seus próprios erros e acertos, já um homem sábio aprende com os erros e acertos dos outros.

Com todas as informações que havíamos obtido, certamente teríamos condições de fazer um bom planejamento para nossa viagem. Quanto à parte de bicicleta, busquei informações com especialistas, sendo que meses antes na Califórnia, Estados Unidos, procurei uma loja especializada em *mountain bike* e, além de informações básicas, trouxe também uma bicicleta apropriada para o trecho que iríamos enfrentar e todos os equipamentos de apoio necessários, como mochilas, alforjes, capacete, bomba, caixa de manutenção, luvas, roupas e muitos outros apetrechos.

Apesar da grande quantidade de informações que reuni sobre Santiago de Compostela, sugiro a todos aqueles que vão fazer o Caminho que levem apenas um Manual, já que depois, ao longo das cidades, você obterá as demais informações necessárias. Além disso é sempre bom lembrar que papel pesa muito e que na mochila cada um tem que ter apenas o básico e o indispensável.

Refletindo...

- *A busca de informações é fundamental para todos aqueles que vão iniciar um novo negócio ou mesmo planejar uma simples viagem.*
- *Os empreendedores bem-sucedidos pesquisam seu mercado, clientes, fornecedores e concorrentes.*
- *Não tente inventar a roda. Aperfeiçoar as experiências e idéias dos outros normalmente é o melhor caminho.*
- *Quem pesquisa, evita erros e encurta caminhos.*

CAPÍTULO 6

Planejamento é fundamental

"O que merece ser feito,
merece ser bem feito."
(Lord Chesterfield)

Querer fazer o Caminho de Santiago de Compostela é uma coisa. Fazê-lo, e bem feito, é outra coisa. Logo, teríamos que planejar todas as nossas providências preliminares para a garantia do nosso objetivo.

Como algumas pessoas de nosso grupo possuíam pouquíssimas informações sobre o Caminho resolvemos adotar alguns procedimentos que considerávamos básicos. Alguns deles foram:

1º) Elaboração de um Calendário de Reuniões para troca de informações e monitoramento das principais ações e providências.

2º) Definição de uma data de viagem que atendesse a todos e permitisse a programação individual com oito meses de antecedência.

3º) Distribuição de informações básicas para nivelamento de conhecimentos.

4º) Programação de uma contribuição financeira mensal para comprar as passagens e arcar com as despesas básicas comuns durante a viagem.

5º) Definição de responsáveis com respectivas atribuições e prazos para cada tipo de ação, tais como: recursos financeiros, roteiro, bicicleta, apoio, capacitação física, etc...

Com esse planejamento e monitoramento básicos, conseguimos, ao longo dos meses que antecederam a nossa partida, prever e efetuar ações essenciais para a nossa viagem. Quem muito nos ajudou no planejamento durante todo este tempo, com muita paciência e sendo o elo de contato entre todos os participantes, foi minha secretária na COBRA D'AGUA, Katia Cabidelli. Acredito que sem o seu apoio não teríamos conseguido planejar e executar a maior parte das ações que fizemos.

Durante nossas reuniões periódicas já tínhamos uma prévia do que iria acontecer na viagem, com alguns participantes esquecendo a data da reunião, outro chegando no final quando a mesma já estava terminando, outro achando que todo este planejamento era desnecessário, ou, ainda, contestando as decisões, mas também sem apresentar qualquer solução. O comportamento do nosso grupo estava realmente muito parecido com o da maioria das empresas brasileiras. Esse era, talvez, o grande desafio que teríamos no Caminho de Santiago de Compostela: fazer com que pessoas tão diferentes pudessem conviver harmoniosamente para atingir o mesmo objetivo.

Uma das deficiências constatadas no empreendedor brasileiro é o seu pouco hábito de planejar. A grande maioria não tem ainda a consciência da importância do planejamento e por isso, muitas vezes, os seus negócios não obtêm êxito. No nosso próprio grupo, composto por empresários e profissionais liberais, percebia-se como muitos não davam importância ou mesmo não tinham o hábito de planejar adequadamente suas atividades e negócios. Alguns chegavam a comentar que a gente devia ir primeiro para a Europa e depois decidir lá o que realmente fazer.

Uma característica básica do empresário em nosso país, e que gera muitos problemas, é o seu alto nível de iniciativa, aliado à inexistência de metas bem definidas e sem um bom planejamento para atingi-las. Essa combinação comportamental nefasta provoca um alto índice de mortalidade de empresas, retardando o desenvolvimento de nossa nação e criando problemas para todos. Precisamos reverter este quadro.

Refletindo...

- *Um bom planejamento é o início do caminho para quem quer atingir um objetivo.*
- *Ao planejar, envolva e comprometa toda a equipe.*
- *Divida as metas de longo prazo em objetivos de curto prazo e que você possa facilmente mensurar.*
- *Aproveite o talento e a experiência de cada um no planejamento e execução das ações previstas.*

CAPÍTULO 7

A cabeça e o coração querem ir. E o corpo, agüenta?

"Eu posso."
(Dailza Damas, nadadora)

"Vou conseguir percorrer todo o Caminho?" Essa era uma grande questão que eu gostaria de ter 100% de certeza para responder. Eu ficava imaginando o que seria andar ou pedalar cerca de 800 km em um sobe-e-desce de montanhas durante duas semanas em estradas ou mesmo trilhas que dificultavam o percurso. No início, tinha muitas dúvidas quanto a minha capacidade física para fazer isto.

À medida que eu pensava no Caminho, mais vontade eu sentia de iniciar logo a caminhada e daí saiu uma certeza, pelo menos para mim. Ia esforçar-me, o máximo possível, para, no momento adequado, ter condições físicas suficientes para enfrentar os obstáculos e concluir este Caminho. Acredito que o comprometimento e a autoconfiança que eu demonstrava eram quase uma garantia para responder à dúvida descrita no título deste capítulo.

E, mais uma vez, eu lembrava de uma frase de Henry Ford:

– Se você acha que pode, ou acha que não pode, em ambos os casos você tem razão – sentenciava ele.

Independente da minha crença pessoal de que a cabeça comanda o corpo, resolvi adotar alguns procedimentos básicos que considero importantes para todos aqueles que pretendem ter uma vida saudável e, se possível, prolongá-la.

O primeiro passo foi perder peso e poder compatibilizá-lo com minha altura e porte físico. No início do ano de 1996 estava com 93 kg e alguns testes na Academia do Clube Libanês mostravam que meu peso ideal era 81,45 kg. A partir daí adotei algumas ações simples que recomendo a todos para emagrecer sem precisar sofrer muito: A primeira é fechar a boca e comer menos, mas comendo melhor através de saladas, frutas, legumes, peixe e frango. Deve-se evitar também açúcar e gordura em excesso. A segunda ação é fazer algum exercício físico, andar, pedalar bicicleta. A terceira ação específica, no meu caso, foi tomar por algum tempo um composto alimentar. Desse modo alguns meses depois cheguei na faixa dos 82 kg, que é um bom peso para quem é quarentão e possui 1,80 m.

Outro passo na minha preparação física foi intensificar minhas caminhadas no calçadão da Praia da Costa, onde moro, e começar a andar de bicicleta para acostumar-me com aquela que teria de ser uma grande companheira de viagem. Comecei pedalando tímidos 6 a 8 quilômetros diários e passados alguns meses já chegava a jornadas que iam de 50 a 70 quilômetros no fim-de-semana.

Outra medida importante foi efetuar um checkup geral. Os meus testes cardiológicos, em virtude da minha dieta e dos exercícios físicos, apresentaram ótimos resultados para a minha idade e os melhores obtidos nos últimos 13 anos, desde que comecei a freqüentar cardiologista com freqüência semestral ou anual. Afinal, eu tinha que me prevenir, já que pertenço ao grupo de risco com pais que tiveram sérios problemas coronarianos, além da vida atribulada e tensa que sempre tive.

Os demais exames também foram bons, mas nem tanto. No oftalmologista, saí com um óculos. No otorrinolaringologista uma má e uma

boa notícia. A má era que o problema que tenho de perda pequena de audição continuava, mas a boa é que ela estava estacionária e não precisava nem de cirurgia e nem de aparelho. Enfim, no geral tudo bem. Ah! Até ao geriatra fui, para tentar ouvir algum conselho miraculoso para manter minha juventude. Infelizmente o milagre não aconteceu e as orientações para envelhecer de maneira saudável, a grande maioria, eu já estava seguindo.

É, o corpo passou no teste. Acho que minha cabeça estava realmente comandando a parte física, pelo menos no meu caso.

Alguns companheiros meus, porém, não estavam se preparando. Apesar de constantemente nas reuniões e encontros informais solicitarmos e sugerirmos um pequeno planejamento individual para condicionamento físico, poucos eram aqueles que realmente estavam efetuando exercícios ou mesmo pedalando de maneira adequada para enfrentar o Caminho. Eu tinha, contudo, esperança de que a força de vontade e a persistência pessoal de cada um pudessem minimizar o não-planejamento e a não-preparação individual. Tomara que Henry Ford estivesse realmente certo.

Este quadro é muito parecido com a realidade empresarial brasileira, onde a maioria dos nossos empreendedores não se conscientiza ou mesmo não quer se preparar adequadamente para enfrentar os obstáculos que são comuns a todos aqueles que se aventuram a ter o seu próprio negócio.

O dia-a-dia do empresário brasileiro força-o a momentos de tensão, de estresse e todos nós sabemos que essa situação não é boa para ninguém. É importante que todas as pessoas se preocupem com a sua saúde e tenham hábitos saudáveis que possam tornar sua vida mais agradável e menos sujeita a surpresas indesejáveis. Enfim, o melhor é adotar a linha "corpo são, mente sã".

Refletindo...

- *Caminhe pelo menos três vezes por semana ou pratique um esporte regularmente.*
- *Evite fumar. As estatísticas mostram o resultado deste hábito.*
- *Mantenha seu peso normal evitando alimentos gordurosos e reduzindo o açúcar.*
- *Faça exames médicos periódicos. É melhor prevenir do que remediar.*

CAPÍTULO 8

Bye, Bye Brasil

"Prefiro a angústia da busca,
do que a paz da acomodação."
(Dom Resende Costa)

Dia 25 de abril de 1997, 8 horas da manhã. No Convento da Penha, em Vila Velha – ES, começa uma nova missa. Este ato religioso tinha para mim um sabor muito especial já que estava sendo celebrado em intenção ao nosso grupo que ia fazer a peregrinação no Caminho de Santiago de Compostela.

Eu estava emocionado. A meu lado, compenetrados, estavam "Serjão", Maurinho, Levy, Luciano e Júnior com os olhares fixos no altar. Durante todo o tempo, eu pedia a Deus proteção para a nossa turma, pois, no fundo, eu ainda tinha alguns receios, porque apesar de todos nossos cuidados existiam riscos nesta viagem.

Orei muito pedindo a Deus que me desse forças para completar o Caminho, pois confesso que também estava receoso de não conseguir fazer todo o percurso, já que o mesmo era longo e nas últimas semanas eu havia treinado pouco e, para agravar ainda mais a situação, estava com fortes dores nas costas. Eu não sabia se a dor era física ou psicológica. Só sabia que doía e não era pouco.

Durante a missa chorei muito e disfarçadamente enxugava as lágrimas que rolavam no meu rosto. A sensação era de alívio. Senti-me mais leve, tranqüilo e autoconfiante. Quando o padre nos abençoou, no final da missa, eu tinha certeza de que tudo iria dar certo.

Ainda no Convento, coloquei no meu pescoço duas pequenas medalhas: uma de São Francisco de Assis e outra de Nossa Senhora da Penha. Era uma maneira de lembrar-me sempre da filosofia de vida de São Francisco, que não ligava muito para bens materiais, preocupando-se sempre com o bom relacionamento entre as pessoas, e também de Nossa Senhora da Penha, a padroeira da minha cidade, Vila Velha, e de todo o Estado do Espírito Santo. Eu realmente estava muito bem acompanhado.

Após a missa, uma tarefa que considero árdua em todas as viagens: "completar e fechar a mala". No meu caso específico não era mala e sim mochila, alforjes de bicicleta e a própria bicicleta.

Apesar de todas as roupas e materiais já estarem prontos há alguns dias, chequei, um a um, todos os itens. Afinal, eu estava levando o mínimo indispensável e todos eles eu considerava essenciais para o Caminho.

Uma peça eu guardei com muito cuidado: a Bandeira do Brasil em tecido e várias bandeiras pequenas, também brasileiras, em papel. Eu tinha a intenção delas serem minhas companheiras inseparáveis de viagem.

À tarde, no Aeroporto de Vitória, o encontro com toda a turma: "Serjão", Maurinho, Márcio, Rui, Levy, Luciano, Josias, Franco, Júnior e eu. Apesar de que, por motivos profissionais, Josias e Júnior só pudessem viajar alguns dias depois, eles estavam no aeroporto para a nossa despedida. Um fato engraçado: todos cortaram os cabelos bem baixinho, sendo que alguns ficaram quase carecas, para evitar trabalhos desnecessários com a manutenção do cabelo.

Um pouco antes do embarque, no saguão do aeroporto, uma pessoa que não conheço aproximou-se de mim e disse:

– Vá com Deus e tenho a certeza de que no seu caminho tudo dará certo e que você conseguirá completar o percurso – disse o desconhecido.

– Por que você está me dizendo isso e como sabe para onde estamos indo? – retruquei.

– Ontem eu assisti a uma entrevista sua no Programa Jogo Aberto da TV Gazeta (afiliada à Rede Globo no Espírito Santo) e ouvi sua resposta à pergunta do apresentador Edu Henning se você era religioso. Você falou com muita convicção que acreditava bastante em Deus e por isso tenho certeza de que Ele vai proteger todos vocês.

Agradeci ao desconhecido e pensei no assunto. Realmente eu acredito muito em Deus e procuro na minha vida adotar uma postura de respeito a todos e, sempre que possível, ajudar as pessoas. Acredito que este é o melhor caminho para seguirmos a lei divina, independente do volume de orações e freqüência de visitas à igreja.

Despedi-me da minha família, dos amigos e seus familiares que foram ao aeroporto. Os olhos ficaram vermelhos mas segurei as lágrimas, apesar da previsão de que eu ia ficar mais de três semanas afastado da minha esposa, filhas e empresa.

O vôo Vitória–Rio transcorreu normalmente e já no Aeroporto do Galeão fizemos uma pequena reunião para discutir a contabilidade da viagem e também confirmar o roteiro básico. Ficou definido que faríamos um caixa-único para as despesas comuns e que partiríamos realmente de Saint Jean Pied de Port, na França, no dia 30 de abril. Sendo que Júnior e Josias que chegariam no Aeroporto de Pamplona, no norte da Espanha, no dia 2 de maio à tarde, iniciariam o percurso conosco a partir da cidade de Puente de la Reina, onde todos os Caminhos europeus se encontram e se fundem num único até chegar a Santiago.

Ao nos apresentarmos no portão de embarque um primeiro problema apareceu. A aeronave, que nos levaria à Europa, teve problemas no percurso São Paulo–Rio e precisou ser trocada. Isto atrasou

um pouco a partida, mas não comprometeu em nada a animação do grupo. Na sala de embarque, encontrei um passageiro de Brasília que também iria fazer o Caminho de Santiago, só que a pé. Ele pretendia, após chegar a Madri, pegar um outro vôo ou mesmo trem ou ônibus o mais rápido possível para Roncesvalles para iniciar logo a caminhada. Quando ele falava do Caminho seus olhos brilhavam. Com o tempo fui percebendo que este brilho no olhar é comum a quase todos que pretendem fazer ou já fizeram o Caminho.

Já estávamos voando há mais de 1 hora e meia e perto de Salvador quando o comandante, através do sistema de som, fez o seguinte aviso:

– Senhores passageiros, infelizmente não tenho uma boa notícia para dar. Estamos com problemas no gerador e é muito perigoso prosseguirmos viagem nestas condições. Por isso estamos retornando ao Aeroporto do Galeão para nova troca de aeronave. Nos sete anos que piloto aviões, é a primeira vez que este problema acontece.

Um rápido silêncio se fez no avião, mas depois de curto espaço de tempo o mesmo foi substituído por uma ruidosa conversa entre todos os passageiros e achamos conveniente levar, no momento, tudo na brincadeira. Era a melhor solução, ou única, talvez.

Enquanto retornávamos para o Galeão, comecei a ler o jornal espanhol "La Vanguarda", mais precisamente de Barcelona, e uma outra notícia deixou-me apreensivo. Em algumas cidades que iríamos passar a temperatura estava bem baixa, por exemplo Burgos e Pamplona chegaram a ter temperaturas nos dias anteriores de até 3ºC e isto estava totalmente fora dos nossos planos, já que a data da viagem foi escolhida levando em conta a temperatura de anos anteriores. Esperávamos pedalar todo o percurso com sol e com a temperatura entre 12 e 25ºC.

O valor do câmbio também apresentava um dólar equivalente a 144 pesetas. Lembrei-me de que cerca de 5 anos atrás, quando estive em Madri, um dólar valia cerca de 120 pesetas.

Esta situação de espera que estávamos enfrentando era muito parecida com o cotidiano da vida dos empresários brasileiros, que são obrigados a conviver com as oscilações da economia e das notícias de Brasília. Uma característica forte dos empreendedores, porém, é não levar muito em conta os problemas cujas soluções, a princípio, não dependam deles, e sim de uma conjuntura global. O empreendedor normalmente empenha-se e toma iniciativa nas situações em que ele pode influenciar o resultado final e de cuja esfera de decisões ele pode participar. Afinal, o empreendedor, por ser autoconfiante, prefere ter sempre sob seu próprio controle as rédeas da situação, só que, neste momento, dentro do avião, nossa única opção era aguardar.

Chegamos finalmente ao Galeão, fizemos a troca da aeronave e desta vez felizmente tudo deu certo, sendo que o saldo negativo de todos os problemas eram apenas quatro horas de atraso na viagem. Pousamos, então, em Madri, no sábado, 26 de maio, às 12 horas de Brasília, ou seja, 17 horas local.

Logo depois estávamos bem instalados em um hotel no Centro de Madri e tudo corria muito bem.

Deus realmente estava nos protegendo.

Refletindo...

- *Precisamos ser sempre otimistas em relação à nossa vida.*
- *A gente colhe nesta vida o que planta.*
- *Arranje tempo para você mesmo.*
- *Não tenha medo de ser ousado.*

CAPÍTULO 9

Os preparativos em Madri

"Cada um pensa em mudar a humanidade, mas ninguém pensa em mudar-se a si mesmo."
(Tolstoi)

Havíamos definido no Brasil que haveria um Carro de Apoio para auxiliar o grupo em situações de emergência ou mesmo para abrigar um companheiro quando este tivesse problemas para completar o percurso. Inclusive, estava definido que Josias seria o responsável pelo Carro de Apoio, já que ele alegava não estar em forma física para fazer o percurso de bicicleta. Alguns membros do grupo também se colocaram à disposição para, se necessário, dirigir em alguns momentos o veículo.

A princípio, tudo bem. A princípio somente. É que apesar de estar tudo planejado esquecemos ou mesmo fomos enrolando e não agimos, isto é, não alugamos o veículo no Brasil, o que seria muito mais barato do que alugar diretamente na Europa.

E agora estávamos nós no Aeroporto de Madri tentando corrigir o problema. Os preços orçados no Brasil giravam em torno de 1.600 a 1.800 dólares pelo período que estaríamos na Europa, só que nas locadoras espanholas não encontrávamos o carro ideal e quando existia al-

gum modelo que seria um paliativo, os preços subiam para algo em torno de 2.800 a 3.000 dólares. Resolvemos, então, deixar para alugar no dia seguinte, apesar de ser um domingo.

Outra falha ao chegarmos na cidade de Madri é que não trocamos, no aeroporto, os dólares por pesetas e quando saímos à noite tivemos dificuldade em pagar nossas despesas. Apesar de já ter feito várias viagens internacionais na minha vida lá estava eu e outros companheiros também experientes dando um furo desses. Como diriam minhas filhas, "pagando o maior mico".

Nestes primeiros momentos de convívio, delineava-se, provavelmente, o que seria o maior problema e ao mesmo tempo o maior aprendizado do Caminho: o relacionamento humano. Nas primeiras tomadas de decisão sobre a viagem já encontrávamos grande dificuldade para compatibilizar os interesses individuais e, logicamente, de todo o grupo. Afinal, apesar de nos conhecermos há muitos anos, a maioria desde a infância, no Colégio Marista, agora é que estávamos tendo a oportunidade de conviver com mais intensidade e conhecer realmente o comportamento e desejos de cada um. Foi aí que começamos a descobrir que, embora todos tivessem a intenção de fazer o Caminho de Santiago, cada um pretendia fazê-lo à sua maneira.

A despeito de sermos um grupo formado por empresários e profissionais liberais da mesma cidade, muitos contemporâneos, com idades variando de 29 a 45 anos, percebia-se de imediato a grande diferença de comportamentos existentes, o que exigia uma grande habilidade e até mesmo "jogo de cintura" para termos uma convivência agradável e com menos atrito. Nas pequenas coisas percebia-se o antagonismo de muitas posições. O interessante é que, cada um, no seu dia-a-dia, adotava atitudes similares àquelas que adotava na sua empresa. Isto é, o companheiro que tinha o hábito de planejar na sua empresa, adotava a mesma postura pessoal neste Caminho. Outro que não acreditava muito em planejamento e não tinha o hábito de fazê-lo em nível profissional não planejava quase nada em termos de sua viagem pessoal.

Realmente, compatibilizar interesses destas pessoas tão diferentes seria um grande laboratório e aprendizado para nossas vidas. O im-

portante agora era fazermos o Caminho e administrarmos os eventuais conflitos que pudessem surgir.

Apesar do dia 27 de abril ser um domingo, comecei a procurar opções para aluguel de um veículo que atendesse às nossas necessidades. As locadoras tradicionais não dispunham deste tipo de carro ou mesmo não estavam trabalhando neste dia. Até que conseguimos uma alternativa paliativa que nos atendeu: uma Furgoneta Ford Transit onde cabiam oito pessoas e tinha espaço para várias bicicletas. Ainda não era o carro ideal mas parecia ser a única opção naquela hora. O carrinho estava com uma aparência ruim, com arranhões e batidas nas suas laterais. Este fato não nos incomodou, pelo contrário, ficamos até satisfeitos de já estar com o carro "baleado". Logo, não teríamos muito que nos preocupar com ele. O preço também acabou ficando camarada, cerca de 2.200 dólares por 20 dias. Era o que precisávamos.

À tarde fomos ver, em Madri, uma tourada na Plaza de Toros Monumental de Los Ventos. Achei uma loucura, inclusive desumano (torturar boi é desumano?) com milhares de pessoas incentivando os toureiros e coadjuvantes a matarem um touro. Apesar de minha indignação e de não concordar com este "esporte", preferi assistir em silêncio ao espetáculo já que prefiro respeitar as tradições e a cultura dos povos. Realmente, no meu íntimo não concordava com dezenas de homens sendo aplaudidos por estarem matando um touro. Alguns companheiros nossos, inclusive, preferiram ir embora mais cedo e não ver o final do "show".

Naquela noite, ao dormir, voltava sempre à minha mente a figura dos touros ensangüentados.

Na segunda-feira pela manhã, com o comércio de Madri todo aberto, começamos a procurar lojas especializadas em bicicletas, sendo que tínhamos alguns endereços que nosso companheiro Maurinho havia obtido pela Internet. Compramos então as bicicletas e os acessórios complementares que estavam faltando. Foi bastante demorada a escolha e montagem das bicicletas, tanto que encerramos as nossas compras às 9 horas da noite, de onde partimos em direção à França. Como já era tarde, decidimos que iríamos dormir na cidade de Burgos, que fica

a cerca de 240 km de Madri. Como a autopista N-5, que liga Madri a Burgos, era muito boa e bastante sinalizada fizemos uma viagem segura até o nosso destino.

A viagem estava realmente segura no aspecto trânsito/estrada, mas, em nível comportamental, começamos, todo o grupo, a conhecer um pouco mais uns aos outros. As diferenças individuais eram latentes e bastante significativas e por isso surgiram divergências e conflitos. Divergências são normais em qualquer grupo e são até mesmo saudáveis. É desejável conhecermos sempre as posições que um companheiro nosso tem para determinado assunto, o que enriquece o debate sobre o tema e melhora as tomadas de decisão. O difícil era contornar e amenizar os conflitos surgidos em virtude de características comportamentais extremamente divergentes e, muitas vezes, mesmo falta de respeito ao ser humano que estava a seu lado.

Estas poucas horas, com oito homens dentro de um veículo, já davam uma pequena demonstração de como poderia ser a nossa viagem.

Burgos era a primeira cidade que encontrávamos e que fazia parte do Caminho de Santiago de Compostela, inclusive seu crescimento foi devido ao grande volume de peregrinações na Era Medieval. Dom Rodrigo de Vivar, *El Cid*, o grande guerreiro espanhol, tem uma linda estátua logo na entrada da cidade histórica. Na parte da manhã, visitamos alguns pontos turísticos e na Catedral Metropolitana de Santa Maria, uma belíssima obra gótica, que estava em processo de restauração, orei bastante. Pedi a Deus que realmente me desse forças para poder fazer o Caminho, que não houvesse acidentes ou problemas maiores com todo o grupo, que os conflitos interpessoais se amenizassem e que eu pudesse ter condições de fazer minhas reflexões, repensar meus comportamentos e até mesmo alguns objetivos que tenho na minha vida. Acreditava que estava na hora de fazer um balanço geral destas quatro décadas de vida, uma auto-análise das minhas características comportamentais, dos acertos e erros que cometi. Era necessário repensar, de maneira geral, as minhas metas de vida e algumas alterações no meu comportamento para que pudesse conviver melhor com todos, fazer mais

pessoas felizes e, conseqüentemente, ser ainda mais feliz. E pedi a Deus que me desse condições para tudo isso.

No caso específico de nossas empresas, é importante que de tempos em tempos façamos uma reflexão geral. Uma avaliação sobre os objetivos de médio e longo prazos, o mercado que atuamos, nossas vantagens competitivas, as virtudes e deficiências da equipe, enfim independentemente do planejamento estratégico que é elaborado normalmente todo ano e suas revisões periódicas é desejável que o nº 1 da empresa, individualmente e também junto com sua equipe, repense tudo. Normalmente se tem agradáveis surpresas.

Saímos de Burgos em direção a Saint Jean Pied de Port, na França, de onde, no dia seguinte, iríamos iniciar o Caminho. Na estrada, depois da cidade de Pamplona, já subindo os Pirineus, começamos a ver várias placas indicativas do Caminho de Santiago, bem como peregrinos a pé ou de bicicleta com suas mochilas e bandeiras de seus países. Ficamos emocionados, afinal estávamos chegando perto do local que seria o nosso ponto de partida e já estávamos entrando no clima, no verdadeiro ambiente de quem faz a peregrinação a Santiago de Compostela.

Muitas pessoas idosas estavam fazendo o Caminho, com seus passos lentos mas seguros, cajado na mão e olhares perdidos no horizonte. Eu tinha uma enorme curiosidade em saber o que estaria passando pela cabeça de um peregrino naquele momento. Bem, amanhã quando eu iniciasse também a minha caminhada vivenciaria esta experiência e, possivelmente, teria a resposta às minhas indagações.

Refletindo...

- *Não adianta só planejar, temos que agir.*
- *Antes de qualquer viagem, faça sempre um check-list detalhado.*
- *Só conhecemos verdadeiramente uma pessoa quando passamos a conviver com ela.*
- *A convivência com pessoas de comportamentos, em princípio, antagônicos pode nos ensinar muito.*

CAPÍTULO 10

Saint Jean Pied de Port (França): o ponto de partida

"Os únicos limites do homem são:
o tamanho das suas idéias e o grau
da sua dedicação."

(F. Veiga)

O relógio marcava 18 horas e o sol ainda estava bastante forte, pois nesta época do ano o anoitecer é por volta das 21h30min.

À nossa frente, a Colegiata de Roncesvalles, uma construção medieval, um dos mais antigos postos de assistência aos peregrinos e também ponto de partida para muitos que querem fazer o Caminho somente em terras espanholas. Era ali que iríamos tirar a Credencial dos Peregrinos, porque apesar de a termos solicitado à Associação dos Amigos de Santiago de Compostela que ficava em São Paulo, não houve tempo hábil para chegar em nossas mãos, devido ao atraso dos Correios.

Na Colegiata fomos atendidos por Angel, um espanhol muito falante, responsável pela emissão das credenciais, sendo que o mesmo teceu alguns comentários sobre nós brasileiros:

– Vocês brasileiros são um pouco malucos – disse ele.

– Por que malucos? – questionei.

– Olha o livro que Paulo Coelho fez sobre o Caminho. Não é a nossa realidade. E a Baby Consuelo?

Como não reagimos parece que ele resolveu amenizar os comentários e continuou:

– A Ana Sharp é pessoa muito boa e já esteve aqui. A Shirley MacLaine também é extremamente simples e simpática – disse ele.

– Todos eles já ficaram hospedados aqui?

– Sim, no nosso albergue ou no hotel aqui ao lado. E vocês, por que não dormem em Roncesvalles nesta noite?

– Angel, agradecemos a sua oferta, porém o nosso ponto de partida é Saint Jean Pied de Port mas, amanhã, certamente passaremos a noite aqui.

– Tudo bem. Lembrem-se que amanhã, à noite, às 20 horas, haverá uma missa especial com a bênção aos peregrinos de todo o mundo – disse ele.

Ali mesmo em Roncesvalles, numa pequena loja, comprei alguns adereços que seriam meus companheiros em toda a viagem: a *vieira*, uma concha com o símbolo da cruz, que iria carregar pendurada no pescoço e serve para identificar os peregrinos. Adquiri também dois pins (broches) em formato de concha, sendo que fixei um no meu colete e outro no boné. Agora eu já estava identificado como peregrino do Caminho.

Entramos em nosso carro em direção a Saint Jean Pied de Port e deixamos para trás Roncesvalles, uma pequena vila espanhola que está perto da fronteira com a França e fica a 960 metros de altura, já na Cordilheira dos Pirineus.

Chegamos a Saint Jean Pied de Port, uma cidade francesa cujo marco principal no Caminho de Santiago de Compostela, ou melhor na França

o nome é "Chemin de Saint Jacque du Compostelle", é o encontro dos três Caminhos franceses. É uma cidade pequena e bonita cortada pelo Rio Nive e está a cerca de 200m do nível do mar. Ficamos hospedados num pequeno hotel logo na entrada da cidade, onde fomos bem recebidos pelo casal que administra o local.

À noite, dirigimo-nos à casa de Madame Debrill, a hospitaleira de Saint Jean Pied de Port para conversar com ela e receber também o primeiro carimbo nas nossas Credenciais de Peregrino. Através de algumas perguntas a moradores locais consegui o seu endereço, Rue de la Citadelle, nº 27, que ficava numa pequena viela atrás da igreja local após cruzar o Rio Nive. Na entrada da sua residência um brasão do Caminho e os dizeres "Chemin de Saint Jacques – Centre D'etudes Compostellanes" (Caminho de Santiago – Centro de Estudos Compostelanos).

A Madame Debrill, uma senhora francesa muito simpática, foi bastante atenciosa conosco. A sua aparência, com cabelos brancos, óculos e um cordão com a concha que simboliza o Caminho, nos tranqüilizou. Um mix de espanhol e inglês, com algumas palavras em francês, norteou nossa conversa.

– Um grande número de brasileiros está fazendo o Caminho agora. Alguns dias atrás, inclusive, estiveram aqui comigo um bispo da Amazônia e dois padres. Qual o motivo de tanto interesse pelo Caminho de Santiago? – indagou ela.

– Nos últimos tempos o Caminho tem sido muito divulgado pela imprensa brasileira, através de reportagens em TV e jornal, além de que alguns livros que foram escritos tiveram muito sucesso, como é o caso do de Paulo Coelho – expliquei.

– Eu tenho o livro dele comigo, mas a sua história é uma versão pessoal, onde aproveitou cenários e pessoas reais, criando fatos e diálogos que, para nós, não representam o real sentido do Caminho. O que ele cita sobre minha pessoa e o Padre Javier de Roncesvalles não condiz com nossa realidade.

Senti que, apesar de toda a fama, o nome do escritor Paulo Coelho, junto às pessoas que vivem no Caminho, era muito polêmico e preferimos mudar de assunto.

Madame Debrill elogiou ainda o trabalho que Danilo Brandani Tiisel (coordenador, no Brasil, da Associação dos Amigos de Santiago de Compostela) estava fazendo e nos orientou um pouco sobre o Caminho.

A conversa transcorreu sempre num clima muito cordial e quando falamos que desejávamos tirar fotos, ela pediu para se arrumar um pouco, pois acreditava não estar bem vestida. Após arrumar os cabelos e colocar um xale batemos algumas fotos dela e do escritório que improvisou na sala de sua própria casa. Ao sair da sua casa, uma curiosidade: a casa em frente tinha a data de construção de 1510.

Foi muito interessante esta conversa com Madame Debrill, bem como os dados obtidos com outras pessoas com as quais havíamos conversado anteriormente. Todas essas informações nos ajudaram a conhecer melhor o Caminho e facilitaram nossas tomadas de decisões futuras. Na vida dos empreendedores ocorre a mesma coisa. Quanto mais informações são obtidas sobre o tema desejado e mais pessoas que se relacionam com este assunto são contactadas, mais facilidades teremos, principalmente, quando, através do conhecimento ou influência destas pessoas, conseguimos encurtar alguns caminhos e evitar obstáculos. Relacionar-se bem, pesquisar muito e obter sempre informações é um hábito constante dos empreendedores que são bem-sucedidos.

Mais tarde, fizemos no quarto do hotel uma pequena reunião onde decidimos como seria o roteiro do dia seguinte, quando iniciaríamos nossa peregrinação com a rota Saint Jean Pied de Port–Roncesvalles.

Refletindo...

- *Os homens insatisfeitos e inconformados são aqueles que transformam o mundo.*
- *A autoconfiança é fundamental para quem vai enfrentar qualquer desafio.*
- *Os empreendedores de sucesso utilizam pessoas-chave ou suas informações como agentes para atingirem seus próprios objetivos.*
- *É fundamental o bom relacionamento em tudo que fazemos.*

CAPÍTULO 11

1º dia: cruzando os Pirineus a pé

Saint Jean Pied de Port – Roncesvalles

"O homem que removeu a montanha,
começou carregando pequenas pedras."
(Provérbio chinês)

Dia 30 de abril de 1997, quinta-feira. Por volta de 6h40min, o dia começa a clarear na pequena cidade de St. Jean Pied de Port, situada aos pés da Cordilheira dos Pirineus, no sul da França.

Acordei ansioso, aguardando a esperada hora de iniciar a caminhada em direção ao túmulo do Apóstolo Tiago na cidade de Santiago de Compostela. Estava excitado e um pouco preocupado com o que iríamos encontrar pela frente. Eu tinha ainda muitas dúvidas!

O céu, apesar de um pouco nublado, mostrava-se adequado para este roteiro do primeiro dia. Na noite anterior havíamos combinado que o grupo se dividiria em dois. Levy, Luciano, Franco e eu faríamos o percurso de St. Jean Pied de Port a Roncesvalles a pé, pela Rota Napoleônica, enquanto que "Serjão", Maurinho e Márcio enfrentariam, de bicicleta, este percurso pelas Rodovias N-133 e C-135 que ligam as duas cidades. Rui Abreu, neste dia, seria responsável pelo Carro de Apoio.

Ainda no dia anterior, quando viemos na Furgoneta de Roncesvalles para Saint Jean Pied de Port pela Carretera, já dava para perceber as dificuldades que a turma da bicicleta iria enfrentar. Ao mesmo tempo olhávamos para o nosso lado direito e víamos uma dificuldade ainda maior: um grande número de altas montanhas cobertas por campos, pedras e florestas. Algumas quase encobertas por nuvens. Era por ali que passava a Rota Napoleônica que escolhi para fazer a pé neste dia. Bela escolha!

Apesar de no meu livro-guia *(Guia Práctico del Peregrino – Everest)* constar que a cidade ficava a 230m de altitude, o altímetro de Sérgio mostrava 170m e nos dois trajetos a pé ou de bicicleta teríamos que subir várias montanhas e depois descer novamente para chegar a Roncesvalles, que ficava a 962m de altura.

Em todo o grupo notavam-se sinais de ansiedade, o que é muito comum para qualquer ser humano que está iniciando um desafio ou com um grande obstáculo a ser superado. Isto acontece muito comigo, tanto na minha vida pessoal como profissional e tenho consciência da necessidade de controlar melhor minha ansiedade nestas situações. Apesar de possuir uma grande autoconfiança (às vezes, acho que é até excessiva), tenho dificuldades em controlar-me e, mesmo disfarçando, demonstro isso claramente para aqueles que estão à minha volta.

Após o café da manhã no próprio hotel, saí para comprar a comida que seria utilizada no trajeto e deparei-me, então, com um pequeno problema. No bolso do meu colete havia dólares, pesetas e até mesmo reais. Só não havia francos franceses que era justamente o que eu precisava e o que todos os locais exigiam. Tentei com jeitinho brasileiro convencê-los a aceitar outras moedas que não a francesa, mas os comerciantes foram intransigentes e não arredaram o pé. Lá estava eu, atrasando o início da viagem para procurar um banco e cambiar dinheiro. Felizmente consegui, após procurar bastante, achar um na rua principal e comprar minha preciosa alimentação, ou seja, uma dúzia de bananas que seria juntada a duas barras de chocolate e a um cantil de água. Lá estava meu almoço e lanche, nos Pirineus, já providenciado.

Logo pela manhã, algumas divergências no grupo quanto aos horários de saída, o que considerei muito normal. Imagine pessoas diferentes, "brasileiras", com pensamentos e objetivos distintos neste Caminho e alguns resistentes a quaisquer tipos de normas ou pequenos regulamentos simples, como é o caso de estabelecimento de horários? Nesta hora, lembrei-me da função de um guia de turismo e passei a dar-lhe mais valor.

Realmente nestes primeiros dias, o mais difícil de tudo estava sendo a convivência e o relacionamento interpessoal entre nós. No grupo já surgiam vários comportamentos individuais dominantes, como "o líder", "o contestador", "o vaselina", "o maria-vai-com-as-outras", "o anarquista", "o técnico", "o apaziguador", etc... Exatamente como nas organizações em que atuamos. Constatei, mais uma vez, que esta viagem seria para mim um grande laboratório de psicologia. Lembrei-me até do treinamento do qual eu havia participado, em Belo Horizonte/MG, meses atrás, quando a ONU – Organização das Nações Unidas e o SEBRAE, parceiros no Brasil do Programa Empretec, fizeram uma reciclagem dos instrutores brasileiros que atuam no país, eu sou um deles, e o tema principal era Comportamento Humano. Naquela semana eu havia estudado muito Freud, Lewin, Maslow, Horney, Ellis e tudo indicava que eu teria que aplicar, e muito, estes conceitos na viagem.

Às 9h45min saímos do centro da cidade e nos dirigimos para a "Route des Ports de Cize" ou "Route de Napoleon". Como eu não sabia exatamente o nível de temperatura e ventos que enfrentaríamos na Cordilheira dos Pirineus optei por uma calça de tactel e camisas de malha, tendo como opção um blusão de moletom se estivesse frio, sendo que nos pés eu estava usando uma botina que havia comprado nos Estados Unidos e era adequada para a prática de trekking, estando a mesma já bastante usada. A mochila estava leve, pois eu levava apenas o essencial, ou seja, dentro dela somente o que seria estritamente necessário, já que os peregrinos que fazem o Caminho a pé dizem que cada um grama adicional com o passar do tempo torna-se 1 quilo. Com este sábio conselho na cabeça, para reduzir o peso descartei até mesmo o guia, que era um livro de quase 300 páginas e só levei uma das páginas que mostrava o mapa detalhado deste percurso.

Acredito que este conceito de termos ao nosso lado apenas o indispensável é fundamental. A prática dos 5S* nas nossas vidas, tanto pessoal como profissional, facilita muito a rotina do dia-a-dia e, certamente, quem consegue aplicar esta filosofia japonesa racionaliza, em muito, tudo o que faz.

Já estávamos na trilha, uma pequena pista asfaltada que passava por pequenos povoados como Erreculuch, Untto e Arbola Azpián. De cajado nas mãos, ia subindo lentamente as montanhas e ficava emocionado ao olhar para trás e ver a cidade de Saint Jean Pied de Port se distanciando. A paisagem muito bonita com campos verdes, rebanhos de ovelhas e plantações ia surgindo à nossa frente. Pequenas propriedades rurais francesas – similares às brasileiras – demonstravam apenas uma pequena diferença já que as cercas, as casas, os caminhos, tudo era muito organizado e limpo.

As primeiras horas, apesar do cansaço, foram até tranqüilas. O único inconveniente é que quando parávamos de andar, suados, nem que fosse por um ou dois minutos, o frio e o vento começavam a nos castigar e o suor quente transformava-se num líquido gelado que incomodava e gerava desconforto em todo o corpo.

Por volta das 14 horas, um impasse num cruzamento: qual o caminho certo? Não havia sinalização e ficamos com muitas dúvidas. Após uma avaliação escolhemos a alternativa da esquerda e continuamos andando até achar alguém que pudesse nos indicar o caminho correto. Já estávamos andando acerca de 20 minutos e, nada.

Até que surgiu, no alto de um monte, um casal de camponeses franceses. Afoito e ansioso, dirigi-me rapidamente para lá e apesar das dificuldades de comunicação, eles disseram-me que estávamos na trilha correta e que alguns quilômetros na frente haveria uma "croix" (cruz em francês) e eu deveria pegar à direita. Fiquei na dúvida se eu havia entendido a orientação de maneira certa, mas, mesmo assim, continuamos

** O "5S" é uma ferramenta gerencial, na área de qualidade. É de origem japonesa e utiliza-se para eliminar desperdícios. O nome "5S" é proveniente das iniciais de cinco palavras em japonês: SEIRI – seleção, SEITON – ordenação, SEISOU – limpeza, SEIKETSU – saúde, SHITSUKE – autodisciplina.*

a andar, até que encontramos desta vez um peregrino espanhol que disse que também estava se sentindo perdido, mas que ele achava que à frente haveria indicações seguras. Realmente, alguns minutos depois achamos o cruzamento ao qual o casal francês havia se referido e as setas amarelas indicavam novamente que estávamos no caminho correto.

A sensação de dúvida é realmente cruel. O mapa confuso, as orientações em um francês pouco compreensível, um lugar diferente, o cansaço físico, a possibilidade de nos perdermos e não ter tempo de chegar a Roncesvalles com o dia claro. Tudo isso me atormentou. Relembrei-me de algumas situações similares em minha vida. Realmente a sensação de insegurança e dúvida é terrível e devemos ter muito autocontrole e serenidade para processá-la.

Antes de atravessarmos a fronteira em plena montanha, descansamos por cerca de 10 minutos e após fazermos um pequeno lanche com banana, chocolate e água voltamos a andar. Franco e Levy se distanciaram à frente e eu fiquei acompanhando Luciano que estava mais cansado. Quando me distanciava um pouco dele, eu o aguardava mais na frente, sempre andando de um lado para o outro, pois se parasse o vento frio castigava e o corpo ficava gelado.

Finalmente passamos pelos trechos mais altos, acima de 1.500m de altitude, e entramos por uma trilha no meio de uma floresta com árvores enormes. O Caminho era marcado com pequenas setas (flechas) pintadas de amarelo nas pedras ou troncos de árvore ou, também, por duas faixas nas cores vermelha e branca pintadas nas árvores identificando que o Caminho de Santiago é um caminho europeu.

A paisagem agora era apenas árvores e árvores. Por volta das 17 horas passaram duas peregrinas que acredito serem alemãs e, rapidamente, sumiram à nossa frente na floresta. O preparo físico delas parecia ser bem melhor do que o nosso.

Uma hora depois, vejo ao longe a Cúpula do Monastério de Roncesvalles. Estávamos chegando ao nosso destino do primeiro dia. Saindo da floresta passei por uma pequena ponte que cortava um riacho nos fundos da Colegiata de Roncesvalles, e, finalmente, entrei no pórtico. A

construção era do século XIII, estilo gótico francês, constando de Igreja, Museu, Biblioteca e Albergue dos Peregrinos. A altitude, 962m.

Luciano e eu éramos os últimos a chegar. Rui, no Carro de Apoio, e o grupo formado por Márcio, "Serjão" e Maurinho, que vieram de bicicleta, chegaram por volta das 15 horas. Da turma que veio a pé, Franco e Levy chegaram às 17 horas e nós às 18 horas. O dia ainda estava claro e o sol brilhava no céu. Meus olhos também brilhavam muito. Afinal, depois de mais de 8 horas de caminhada com apenas duas pequenas paradas de no máximo 10 minutos, havíamos conseguido vencer os cerca de 30 km entre a cidade de Saint Jean Pied de Port e Roncesvalles. Estava feliz, aliviado e satisfeito com a sensação de dever cumprido.

Para dormir esta noite o grupo se dividiu, uma parte ficando no Albergue dos Peregrinos e outra no Hotel La Posada. O albergue era simples, limpo, com água quente e vários beliches enfileirados, com capacidade para abrigar 50 peregrinos. Ele abre normalmente às 16 horas e fecha às 22 horas, sendo que às 22h30min todas as luzes devem ser apagadas. O pernoite é grátis neste albergue e nas dezenas de outros refúgios existentes no Caminho, sendo que eles solicitam contribuições espontâneas no valor de 200 a 400 pesetas, isto é, algo entre 1,50 a 3,00 dólares que os auxiliam na manutenção do mesmo.

Às 20 horas nos dirigimos todos à igreja para assistir à esperada missa com o cônego de Roncesvalles, Don Javier, seguida da Bênção dos Peregrinos. No altar, cinco padres participavam da celebração que tinha um cunho espiritual muito forte. À medida que orávamos minha emoção aumentava e sentia-me mais leve e tranqüilo. Recordei-me, então, de uma missa à qual havia assistido alguns dias antes em Vila Velha – ES, na Romaria de Nossa Senhora da Penha (Procissão dos Homens), no pátio do Convento da Penha e analisei as diferenças. Lá, eu que fui procurar paz espiritual, ouvi durante o culto palavras como neoliberalismo, precatórios, FHC, corrupção, CPI, auxílio-paletó para deputados e até mesmo críticas aos programas de qualidade total. Agora eu estava numa cerimônia religiosa ouvindo palavras carinhosas, de cunho espiritual, que me faziam refletir e chegar mais perto de Deus. A diferença entre os dois estilos era muito grande e, certamen-

te, quando eu procuro uma igreja para orar prefiro ouvir palavras mais voltadas para meu espírito do que sermões similares a discursos radicais de partidos políticos. Apesar de respeitar esta postura de alguns religiosos e concordar com determinados posicionamentos, prefiro a primeira opção.

Na hora da Comunhão todo nosso grupo estava ali junto. Conosco, também presentes, peregrinos de diversos países como Espanha, França, Holanda, Alemanha, Suíça e Itália. As feições de todos demonstravam um sentimento de devoção, paz e auto-reflexão. Não consegui segurar algumas lágrimas neste momento. Eu estava realmente emocionado e um sentimento de paz invadiu-me.

No final, a tradicional Bênção dos Peregrinos que são chamados à frente do altar por seu país de origem. Tive uma surpresa quando o padre, ao invés de chamar os espanhóis como um todo, chamou os bascos, galegos, catalões, castelhanos, e assim por diante. Ao longo da viagem eu iria entender melhor esta atitude.

Após a missa, dirigimo-nos para um restaurante e tivemos um gostoso jantar, que era o Menu dos Peregrinos com muita sopa, filé de merluza e vinho tinto. Eu estava com fome, pois as bananas e o chocolate, que comi durante o dia, não me saciaram.

A temperatura era de 5°C, em frente ao pequeno Hotel de Roncesvalles, uma construção de 1612 e antes de dormir, enquanto tomava uma taça de vinho, conversei um pouco com José Maria, um garçom espanhol que ali trabalhava.

– Foi muito cansativo para nós este primeiro dia de Caminho – comentei.

– Vocês brasileiros reclamam demais do cansaço e são um pouco frouxos. Os europeus têm muito mais resistência às caminhadas e não se queixam tanto – disse ele.

– Talvez eles pratiquem mais o trekking do que nós – retruquei procurando uma saída honrosa para nós. Tentando mudar a conversa, perguntei-lhe:

– E aqui, têm se hospedado muitos brasileiros?

– Sim, atualmente muitas pessoas do Brasil têm feito o Caminho e, aqui mesmo, já ficaram hospedados Paulo Coelho, Baby Consuelo e muitos outros brasileiros.

José Maria disse, ainda, que quando a cantora baiana Baby Consuelo fez a caminhada chegou no hotel com muito peso na mochila e que ali mesmo ela havia reduzido o volume de pertences para diminuir o peso e facilitar a caminhada.

Nesta noite, antes de pegar no sono, dentro do meu saco de dormir, orei bastante e agradeci a Deus tudo que ele estava me proporcionando. Dormi feliz.

Refletindo...

- *Quem acha que sabe algo e não aplica é porque ainda não o sabe verdadeiramente.*
- *Os empreendedores sempre encontram maneiras de fazer as coisas melhor e/ou mais rápido.*
- *Para sermos vencedores, temos que ter sempre pensamentos vencedores.*
- *Cuide bem da sua alma e do seu espírito. Dê-lhes a mesma atenção que normalmente dá ao corpo.*

CAPÍTULO 12

2º dia: descendo os Pirineus de bicicleta. Descendo?

Roncesvalles – Puente la Reina

"Quanto maior é a dificuldade, tanto maior é o mérito em superá-la."
(H. W. Beecher)

Dia 1º de maio de 1997, quinta-feira, um feriado nacional na Espanha com muito sol. Acordei um pouco antes das 7 horas da manhã e, após recolher todas as roupas que havia lavado no dia anterior, preparei minha bagagem para este segundo dia do Caminho.

A nossa programação previa fazermos o percurso de Roncesvalles a Puente la Reina de bicicleta, com chegada por volta das 18 horas.

Após um bom café da manhã e uma inspeção detalhada das bicicletas o grupo se preparou para partir. Mais uma vez a turma se dividiu, sendo que Maurinho e Franco iniciaram primeiro pela trilha. Rui e Luciano pela rodovia, Márcio e eu também pela trilha original, "Serjão" sozinho pela rodovia e Levy ficou responsável pelo Carro de Apoio.

Apesar do cansaço do dia anterior, eu havia dormido bem e estava bem disposto. Este seria meu primeiro dia pedalando a bicicleta e o meu livro-guia mostrava que iríamos descer de uma cota (altitude do local,

informação técnica utilizada pelo ciclista para melhor programar o caminho a ser percorrido) de 962m (Roncesvalles) a 347m (Puente la Reina), o que demonstrava ser uma grande descida. Certo? Não, errado, havia muitas subidas e descidas íngremes no trajeto e este era mais um obstáculo a ser vencido.

Por volta das 9 horas da manhã, Márcio e eu entramos na trilha à direita na saída da Colegiata de Roncesvalles. Nos primeiros metros já tínhamos uma demonstração do que iríamos encontrar pela frente, com poças de lama, raízes e pedras ampliando ainda mais as dificuldades. Depois de um certo tempo percebemos que estava muito difícil seguir a trilha original e optamos por retornar à Carretera C-135.

Quando passamos pelo vilarejo de Burguete, encontramos muitos peregrinos nas ruas com cajados nas mãos entrando pelas trilhas a pé. Um pouco mais à frente conversei com uma senhora espanhola que me explicou que todos os hotéis das montanhas estavam ocupados para este feriado prolongado, já que o feriado era na quinta-feira mas muitos iriam "enforcar" a sexta-feira feira e emendar com o sábado e domingo. Lembrei-me, então, do meu querido Brasil.

Pelas estradas encontramos uma quantidade muito grande de ciclistas treinando, sozinhos e em equipes, com bicicletas apropriadas para asfalto e com equipamentos completos de segurança. Não é à toa que os europeus, principalmente franceses, espanhóis e italianos, dominam o ciclismo mundial. Logo após uma breve parada para bater fotos dos Pirineus bem ao longe, lembrei-me com orgulho e alegria da caminhada do dia anterior.

Na Vila de Espinal, à frente, encontramos algumas pessoas preparando uns bonecos gigantes e elas explicaram-me que eram bonecos típicos que representavam os costumes da região e iam ser usados numa grande festa no próximo sábado.

Despedi-me do grupo e lembrei-me de que estes bonecos eram parecidíssimos com os bonecos gigantes do Carnaval da cidade de Olinda, em Pernambuco.

Um fato que também me enchia de orgulho era quando eu passava pedalando, por algumas pessoas, e elas falavam ou gritavam a palavra Brasil, o que demonstrava que elas conheciam a nossa bandeira, pois eu havia pendurado uma pequena na minha bicicleta. Acredito que o nosso símbolo era bastante conhecido em virtude da torcida brasileira ter invadido a Espanha na Copa do Mundo em 1982 e também nas Olimpíadas de Barcelona em 1992. Além disso, os principais craques do nosso futebol estavam jogando lá. Uma curiosidade: jogadores como Ronaldinho, Roberto Carlos, Bebeto e até mesmo Rivaldo eram muito elogiados. As principais críticas eram para Romário, que, por ser polêmico, dividia, como no Brasil, as opiniões dos torcedores.

A estrada C-135 era muito bem sinalizada e todos os automóveis respeitavam as bicicletas, sendo que o sobe-e-desce do trecho fazia com que, freqüentemente, eu variasse de uma velocidade de 60 km por hora, nas descidas em ponto morto, para 4 a 6 km por hora, em marcha 11, nas subidas mais íngremes. Uma grande lição que também tive nesta parte da manhã era a necessidade de utilizarmos corretamente todos os equipamentos de segurança. Em um determinado momento, numa curva, uma pedra bateu no meu olho direito e machucou-o, e por pouco não provoca um problema maior. A partir daí passei a usar permanentemente os óculos.

Em determinados trechos tentamos, mais uma vez, seguir a trilha dos peregrinos que fazem o Caminho a pé, mas novamente enfrentamos pedras, lamas e locais íngremes que impediam o trânsito de bicicleta. Tomamos, então, a decisão de retornar definitivamente à Carretera e fazer o Caminho por ela até Puente la Reina.

Por volta das 13 horas paramos em uma pequena vila para almoçarmos um sanduíche de "huevos com jamon", que mais parecia uma sola de sapato, e repor a água do cantil. Márcio e eu havíamos constatado que estávamos com o tipo de bicicleta errado. Quando planejamos a viagem no Brasil acreditávamos que iríamos fazer a maior parte do percurso pela trilha de pedestres e agora estávamos sendo obrigados a usar a estrada. Neste caso não era correto usarmos *mountain bike* e sim uma *road bike*.

Após terminarmos o lanche voltamos para a estrada e, como era feriado, quando passávamos pelas vilas e pequenas cidades encontrávamos muita gente consertando casa, lavando carro, brincando com crianças. Já na cidade de Larrasoaña, vimos uma linda ponte medieval que cruzava um rio de águas muito límpidas e frias. Paramos para bater fotos e senti um pouco de inveja quando, em frente dessa ponte, uma família fazia um piquenique debaixo da árvore. Eram dois casais de espanhóis com várias crianças. Lembrei-me com saudades de minha família e percebi que já haviam passado seis dias desde que me despedi de minha mulher e filhas no Aeroporto de Vitória.

Procuramos então, Márcio e eu, o Albergue dos Peregrinos de Larrasoaña para obtermos o selo de comprovante em nossa Credencial de Peregrinos. Este selo é um carimbo que recebemos nas principais vilas e cidades que passamos e servem para comprovar que realmente fizemos o Caminho. Na cidade de Santiago de Compostela ao mostrar a credencial com todos os carimbos recebe-se o Certificado de Peregrino, em latim. No albergue, fomos informados de que só quem estava fornecendo o selo era o Sr. Santiago Zumbidi, que também era o prefeito daquela cidade. Como precisávamos do selo, fomos até a casa do prefeito e o chamamos. Acredito que ele estava na sesta, já que eram 3 horas da tarde de um feriado. O Sr. Santiago foi muito gentil e educado conosco falando sobre a sua cidade e demonstrando conhecer muitas coisas do Brasil. Ele nos mostrou, inclusive, vários recortes de jornais brasileiros falando sobre o Caminho de Santiago e citou, ainda, várias pessoas famosas de nosso país que fizeram o Caminho, como Ana Sharp, Paulo Coelho, Baby Consuelo e outros. Um dos seus *hobbies* é colecionar pedras do Brasil. Após receber orientações, visitar o albergue que era muito limpo e aconchegante, tiramos algumas fotos e voltamos para a estrada em direção a Pamplona.

Toda a trilha pela qual estávamos passando era sinalizada por setas amarelas e por duas faixas paralelas branca e vermelha que são um padrão internacional dos caminhos europeus. Quando, porém, encontrávamos duas faixas branca e vermelha cruzadas, significava que não deveríamos seguir por ela. O correto era sempre seguir as duas faixas paralelas e as setas amarelas.

Quando estávamos chegando a Pamplona, minha bicicleta apresentou problemas na corrente com a 1ª marcha não entrando e quando eu forçava a mesma existia a possibilidade de partir a corrente. Dessa forma, tive que seguir a viagem só usando as 2ª e 3ª marchas.

Os termômetros de Pamplona marcavam 34ºC, temperatura bem acima dos 5ºC da noite anterior, ao dormir em Roncesvalles. Na Calle Carmem muitos jovens punks, vestidos de preto, bebiam nos bares aproveitando a tarde ensolarada do feriado de 1º de maio. Paramos no Parque de La Taconera para descansar um pouco. Como havíamos passado minutos antes pela Plaza de Toros e em Pamplona existe a festa tradicional de soltar os touros na rua para estes correrem atrás das pessoas, lembrei a Márcio (que é apaixonado por touradas) que pelo menos nesta cidade e neste dia os touros levavam a melhor sobre os seres humanos (seres humanos?).

Como Márcio estava muito cansado e nós não sabíamos onde estavam os nossos outros companheiros, ele sugeriu que eu fosse na frente para encontrar o Carro de Apoio e, se fosse possível, pedir-lhe para retornar e ajudá-lo. Tomei a Carretera N-11 que liga Pamplona a Logroño para vencer os 22 km que ainda faltavam para chegar a Puente la Reina. Logo no princípio uma constatação. Realmente minha 1ª marcha não entrava e eu estava impossibilitado de usar as marchas 11, 12 e 13 que seriam importantíssimas para vencer os 800m de altitude do Alto del Perdón. A solução foi usar as marchas disponíveis 21, 22 e 23 e resignar-me com a grande perda de tempo.

Estava muito difícil vencer este desnível e o suor escorria abundantemente na testa, ardendo os meus olhos. Parei por muitas vezes para descansar e destravar a corrente e durante alguns quilômetros também empurrei a bicicleta colina acima. O cansaço era enorme e eu estava tendo dificuldades de enxergar. Pensei até mesmo em desistir e aguardar o Carro de Apoio, mas o meu comprometimento (ou orgulho, não sei) falou mais alto. Eu iria tentar chegar a Puente la Reina mesmo que tivesse que empurrar a bicicleta toda a colina acima.

Estava pedalando na marcha 21 a uma velocidade de 5 km/h quando vi, através de umas árvores, o topo do Alto del Perdón. Finalmente,

exausto, eu tinha chegado ao ponto máximo e a partir daí, conforme o mapa previa, felizmente existia uma grande descida. Dois minutos depois eu estava descendo em alta velocidade e o computador de bordo registrou 63 km/h. Que diferença entre os dois momentos! Do inferno ao paraíso em apenas dois minutos.

Quase uma hora depois cheguei a Puente la Reina e ao dirigir-me ao Abrigo dos Peregrinos, encontrei Luciano com o Carro de Apoio.

– Luciano, Márcio e eu nos atrasamos, sendo que ele ainda está na estrada e apresenta muito cansaço. Mas onde está a turma?

– Você é o primeiro a chegar e eu não tenho idéia onde estão os outros, desde que troquei de lugar com Levy e cedi-lhe minha bicicleta – disse ele.

– Você precisa, então, voltar pela estrada até Pamplona e tentar encontrá-los que eu ficarei aqui no abrigo aguardando-os – completei.

Enquanto Luciano retornava para a estrada com a Furgoneta e como eu ainda demonstrava muito cansaço alguns jovens holandeses ajudaram-me, inclusive fornecendo-me água. Eles disseram que estavam fazendo o Caminho a pé e que gastaram três dias para percorrer o trecho de Roncesvalles a Puente la Reina sendo que os pés de algumas das moças causavam pena, já que estavam cheios de bolhas e elas tinham dificuldade para caminhar.

Como o Abrigo dos Peregrinos estava lotado e ali não era possível nosso pernoite, procurei um hotel. Mais tarde, uma surpresa: quem chegava a Puente la Reina de bicicleta era Márcio, sendo que os demais só chegaram bem mais tarde. Neste dia houve muitos problemas, principalmente com Franco e Maurinho que vieram pela trilha que era muito difícil, sendo que Franco chegou a cair de bicicleta e sofreu pequenas escoriações. Maurinho, que perdeu o freio da frente, foi salvo na estrada pela Furgoneta. Já "Serjão", Rui e Levy, por falhas de comunicação, ficaram muito tempo parados na Catedral de Pamplona.

Enfim, apesar de tudo, estavam todos bem. Ao anoitecer, quase às 10 horas da noite, fiquei muito tempo meditando embaixo da ponte da cidade e pensando no que ocorreu durante todo o dia. Realmente eu estava aprendendo e muito.

É, a vida é um eterno aprendizado e todos nós que atuamos no mundo dos negócios temos consciência de que as principais lições aprendidas são aquelas provenientes de nossos erros. Os nossos acertos, geralmente, são logo esquecidos e o importante é avaliarmos cuidadosamente as possíveis causas que nos levaram a cometer determinados enganos. Através desta análise sincera é que aprendemos, e muito.

Mais tarde, ao guardar a bicicleta constatei que havia rodado 83 quilômetros no dia. A temperatura de 16°C proporcionou-me uma excelente noite de sono.

Refletindo...

- *Seja persistente sempre.*
- *Não tenha compromisso com o erro. Não é vergonha rever sua posição e mudar de opinião.*
- *Se necessário, mude de estratégias para superar os obstáculos encontrados.*
- *O verdadeiro empreendedor assume sempre responsabilidade pessoal para o atingimento de suas metas.*

CAPÍTULO 13

3º dia: esperando os amigos

Pamplona

"Um homem é um sucesso se pula
da cama de manhã e vai dormir à noite,
e nesse meio tempo faz o que gosta."
(Bob Dylan)

Dia 2 de maio de 1997 (sexta-feira). A temperatura pela manhã em Puente la Reina é bastante agradável, apesar do calor. Esta vila surgiu entre os séculos XI e XII devido às peregrinações e sua importância cresceu quando foi construída a famosa ponte sobre o Rio Arga, sendo o seu nome Puente la Reina (Ponte da Rainha) atribuído às responsáveis pela sua construção, Dona Mayor e Dona Estefania. Neste local todos os Caminhos para Santiago de Compostela se transformavam num só, por isso a sua importância para os peregrinos.

Neste dia, chegavam do Brasil nossos dois últimos companheiros, Josias Soares e José Dias Lopes Júnior que, devido a problemas pessoais e profissionais, não puderam viajar com todo o grupo. Eles chegaram no final da tarde no Aeroporto de Pamplona e nós havíamos combinado aguardá-los para que pudéssemos fazer o Caminho todos juntos a partir de Puente la Reina.

Como havíamos forçado bastante a caminhada nestes dois primeiros dias aproveitamos para descansar um pouco e também fazer manutenção nas bicicletas pois algumas estavam com problemas. No dia anterior Maurinho, que havia feito um bom trajeto pela trilha original, "ganhou de presente" um pneu furado, uma roda empenada e, ainda, perdeu o freio dianteiro. Sua sorte foi que Luciano, pilotando o Carro de Apoio, encontrou-o na beira da estrada. A bicicleta de Márcio apresentava a corrente quebrada e a minha não conseguia engatar as primeiras marchas.

Na própria cidade de Puente la Reina conseguimos encontrar uma oficina que deixou nossos equipamentos prontos para seguir o Caminho. O proprietário da oficina ainda nos orientou sobre conceitos básicos e simples que qualquer ciclista deveria saber e eu não sabia, como: passar as marchas seguindo a lógica do esforço humano e utilizando melhor as combinações 11, 12, 13 para as subidas, 21 a 27 para velocidade média de passeio e 35, 36 e 37 para altas velocidades, evitando travar a corrente nos câmbios das marchas. É, vivendo e aprendendo!

Após acertarmos as bicicletas, nos dirigimos para a cidade de Pamplona e enquanto aguardávamos o vôo dos nossos amigos conhecemos melhor a Catedral, a Plaza del Castilho e outros pontos turísticos.

No Alto del Perdón, com seus monumentais moinhos de vento, pudemos conhecer a gigantesca estrutura de um campo de energia eólica (energia obtida através da força dos ventos) onde as pessoas ficavam minúsculas perto de suas imensas torres. De lá também era possível desfrutarmos de toda a paisagem das cidades de Pamplona e Puente la Reina.

Ao visitarmos uma enorme loja de equipamentos esportivos e especializada em bicicletas, aproveitamos para comprar vários EPI's – Equipamentos de Proteção Individual, que estavam faltando para alguns, além de acessórios, roupas e até mesmo alimentos apropriados para a nossa jornada. Ali também, Rui Abreu, que é médico, ajudou-me a com-

prar uma palmilha ortopédica para eu usar no meu pé direito que havia machucado na caminhada a pé nos Pirineus. Apesar de não ser uma palmilha feita sob encomenda, o importante é que ela eliminou praticamente a dor que eu estava sentindo.

Algumas constatações já eram percebidas neste início de caminhada, como sermos confundidos com italianos, provavelmente por nosso jeito expansivo, sempre falando alto e rindo. O engano só era corrigido quando eles viam a nossa bandeira verde e amarela que sempre acompanhava o grupo. Outra constatação era de que o peregrino mais difícil de se conversar era o francês, pois ele não queria falar ou fingia não saber outra língua além da de sua terra natal. A maioria deles não aceitava conversar em inglês e espanhol, quanto mais em italiano ou português. Logo, o diálogo em francês ficava difícil, pois o nosso conhecimento desta língua se limitava a uma dúzia de frases aprendidas no Colégio Marista quando éramos adolescentes.

No final da tarde no aeroporto, uma grande algazarra, para variar, marcou a integração de Júnior e Josias ao grupo. Finalmente o G-10 estava novamente completo, apesar de que Franco tinha tomado a iniciativa de continuar, naquele dia, o Caminho de bicicleta pela trilha original até a cidade de Estella.

À noite, por volta das 21 horas, fui sozinho ver o pôr-do-sol debaixo da ponte, que é o grande cartão postal de Puente la Reina e fiquei um grande tempo meditando e observando a beleza do local. Naquele silêncio, comecei a refletir sobre esta semana que eu já estava fora do Brasil, longe da família, participando de uma peregrinação, totalmente não convencional. Relembrei todos os conflitos interpessoais que tivemos, o esforço físico despendido e constatei que, apesar do pouco tempo no Caminho, já podíamos perceber algumas mudanças no comportamento da maioria. Alguns componentes do grupo já davam depoimentos como estes:

– Tenho um filho que está crescendo e sinto que ele está afastado de mim. Quando retornar ao Brasil vou dedicar-me mais a ele. Quero ser realmente seu pai – dizia um.

– Antes eu fumava dois maços de cigarro por dia, agora só estou fumando cerca de 4 cigarros diários, algo em torno de 10% do que consumia antes. Será que vou conseguir parar definitivamente? – questionava outro.

– Na estrada eu pensei em parar e não prosseguir, mas me esforcei muito e consegui atingir minha meta. Estou feliz com minha persistência – retrucava outro.

– Estou passando uma fase difícil com minha família. Preciso refletir mais sobre isso e ter uma vida mais equilibrada – filosofava mais um.

Parecia que o Caminho de Santiago de Compostela já estava provocando algumas transformações. No meu caso particular eu também sentia muita necessidade de ter mais tempo para mim próprio e para minha família, reduzir esta ansiedade que tenho em demasia para com meus projetos pessoais e profissionais. Bem, estes questionamentos individuais já eram um bom início.

Nesta noite, encontrei com dois casais espanhóis que moravam em San Sebastian, norte da Espanha, no Mar Cantábrico. Eles conheciam do Brasil apenas Carnaval e futebol. Gastei um bom tempo explicando-lhes as transformações sociais, políticas e econômicas que o nosso país vem realizando nos últimos anos. Eles desconheciam totalmente o potencial das nossas riquezas naturais, nosso parque industrial, enfim que somos a 8ª economia do mundo. Para eles tudo isso era surpresa. Pela ênfase que dei às minhas palavras, espero que eles tenham saído com uma nova visão do nosso Brasil.

Após retornar ao hotel estávamos Maurinho e eu jantando no restaurante e já era quase meia-noite quando um garçom avisa que tinha um telefonema urgente para o Sr. Lucas. Tremi na hora e pensei logo em uma má notícia do Brasil, já imaginando o pior. Quando vou atender o telefone, caiu a ligação e minha preocupação aumentou ainda mais. Imediatamente liguei para minha mulher, Celinha, no Brasil, e perguntei ansioso:

– Célia, o que aconteceu? Por que você ligou para mim?

– Não, Lucas, não fui eu que liguei para você, estamos todos bem...

Neste momento, sou interrompido novamente pelo garçom que avisa que tem outro telefonema urgente para mim na recepção. Ao atender o outro telefone, eis que uma voz conhecida diz:

– Lucas, estou na cidade de Estella e não quero ficar aqui. Inclusive já perdi a minha vaga no albergue e não tenho onde dormir. Preciso que vocês venham me buscar – dizia Franco.

– Franco, aqui no hotel, agora, só tem Maurinho e eu, e estou de bicicleta, pois o restante do grupo saiu para jantar no Carro de Apoio. Vou tentar achá-los e passar o seu recado.

À meia-noite a temperatura estava perto de 14ºC e saí de bicicleta pela cidade procurando a Furgoneta. Após passar por algumas ruas e vários restaurantes, consegui achá-los e passei-lhes o recado de Franco, sendo que o grupo se dispôs imediatamente a ir buscá-lo. Apesar deles terem ficado até as 2 horas da madrugada, na cidade de Estella, procurando Franco no endereço e referências que ele deu não conseguiram achá-lo e a turma teve que retornar a Puente la Reina, pois no dia seguinte todos teriam que fazer um grande esforço para vencer o trajeto até a cidade de Logroño, onde esperávamos encontrar novamente Franco, que certamente já deveria estar dormindo em alguma outra pousada.

Refletindo...

- *Há um ditado que diz: "Só existe uma coisa melhor do que fazer novos amigos: conservar os velhos". Pratique-o*
- *Os empreendedores bem-sucedidos sempre procuram o apoio de especialistas para obter informações essenciais ao seu negócio.*
- *Procure sempre manter contatos e bons relacionamentos com todos à sua volta.*
- *Monitore e acompanhe sempre o seu planejamento. Reveja as metas, se necessário.*

CAPÍTULO 14

4º dia: vivendo e aprendendo

Puente la Reina – Logroño

"O único meio de evitar erros é adquirindo experiência; mas, a única maneira de adquirir experiência é cometendo erros."

(Autor não identificado)

Acordamos cedo para iniciar nossa caminhada. Era um dia de sábado e a cidade de Puente la Reina estava ainda mais calma do que o normal. Nossa meta era fazer o trajeto até a cidade de Logroño, o que significava um percurso de cerca de pouco mais de 70 km, passando pelas cidades de Estella, Los Arcos e Viana.

Algumas pessoas do grupo haviam dormido muito pouco em virtude de terem procurado Franco na madrugada anterior, bem como devido ao leve excesso de vinho espanhol na comemoração pela chegada de Júnior e Josias. Este também havia se comprometido a ser, durante toda a viagem, o responsável pelo Carro de Apoio, o que fez Rui Abreu comprar uma nova bicicleta, completando, assim, os equipamentos do G-10 (1 Carro de Apoio e 9 bicicletas).

Como estava ameaçando chover, eu fiquei na dúvida se deveria usar ou não a roupa apropriada para chuva, que era muito trabalhosa de vestir e mesmo incômoda de se usar. Neste momento, guardando as devidas

proporções, senti-me como um "piloto de Fórmula-Um" que instantes antes da corrida com o céu nublado fica na dúvida se coloca pneus para pista seca ou pista molhada, sendo que no dia anterior já tinha tido a sensação de como é dirigir uma bicicleta com marcha quebrada. Resolvi arriscar (afinal todo empreendedor arrisca-se no dia-a-dia, mas é claro com riscos calculados) e optei por não usar a roupa de chuva. Só o futuro me diria se estava certo ou errado.

Na saída, aconteceram comigo e com alguns companheiros pequenos problemas técnicos. Era muito incômodo pedalar com mochila nas costas, o que exigia a necessidade de fixá-la nos alforjes da bicicleta, só que eu, com minha péssima habilidade manual, acabei quebrando a haste de fixação, necessitando prendê-la com extensor, o que era um complicador a mais. O computador de bordo de Maurinho também quebrou. Mas, um fato estava nos causando expectativas: saber a performance de Júnior com sua bicicleta especial. Afinal, ele estava fora de forma, com excesso de peso, treinou muito pouco, além de ter problemas nos joelhos. Tudo isso, aliado a uma bicicleta estilo "Harley Davidson" similar à que Peter Fonda usou no filme "Sem Destino" e totalmente imprópria para o percurso. Mas como ele era teimoso demais, não adiantava falar nada. Agora, era torcer para que o "Mágico Caminho de Santiago" fizesse mais um de seus milagres.

Na minha mochila estavam os meus lanche e almoço do dia, ou seja, banana, maçã, barras de chocolate, barras de cereais e, logicamente, um cantil com água no quadro da bicicleta que, certamente, seria enchido várias vezes no dia.

Saímos juntos, Levy, Maurinho e eu, e, de cima da maravilhosa e histórica ponte medieval sobre o Rio Arga nos despedimos de Puente la Reina com algumas fotos do local. Era emocionante ver o brilho dos olhos de todos os componentes do grupo. Existia um clima mútuo no ar de desafio, fé e muita expectativa.

Escolhemos, por sugestão dos padres da Iglesia de Santiago que carimbaram nossas credenciais, a Carretera Segundária N-11 que era mais segura, com menos trânsito e atualmente só era utilizada por tratores e

bicicletas. Durante quase todo o percurso eu só usava a marcha 11, o que dava uma velocidade média de 6 km/h. Este primeiro trecho de 8 km era só subida e algumas muito íngremes. Imediatamente Maurinho e Levy, em melhor forma e mais jovens, se distanciaram e eu acabei ficando para trás, já que gostava de pedalar sozinho porque esta era uma hora apropriada para fazer minha reflexão.

Apesar do vento frio eu estava suando muito e cansei-me rapidamente. O suor escorria pelo rosto e chegava a pingar pelo queixo. Encontrei pela frente três ciclistas, peregrinos holandeses, dois homens e uma mulher, e por terem muita bagagem não conseguiam pedalar e estavam empurrando suas bicicletas.

Finalmente consegui chegar no topo do monte e a partir daí uma compensação com cerca de 5 km de descida. Reforcei a velocidade, na marcha 37 e logo eu estava na "banguela", descendo a montanha a cerca de 50 km/h. Um pouco mais na frente resolvi, sem consultar o mapa, entrar numa pequena pista de terra NA-7171 que ia até o Monastério de Alloz, passando por baixo de um aqueduto. À medida que eu pedalava, comecei a sentir uma sensação estranha, até que tive uma constatação muito óbvia: eu estava me dirigindo para o lado oposto ao do Caminho de Santiago e já estava a um bom tempo assim. Este erro me fez tomar uma decisão para os próximos dias: toda vez que tivesse dúvidas, eu iria parar, ler o mapa e tentar encontrar alguém que me desse informações seguras. Afinal, esse é o comportamento adequado que todos nós temos que adotar, não só na nossa vida pessoal como na profissional.

O empresário no dia-a-dia de sua organização não é obrigado a ser um especialista nas diversas áreas onde atua. Por isso, é importante que ele procure sempre obter informações com especialistas que possam tirar-lhe dúvidas e ajudá-lo nas soluções específicas de determinados assuntos. Muitas vezes as empresas reclamam que o preço da maioria das consultorias é elevado. Concordo, mas se levarmos em conta os benefícios trazidos, com relação a tempo e eventuais reduções de custo, é bastante econômica e viável a utilização desses serviços. Na minha vida empresarial tenho usado muitas consultorias em todos aque-

les assuntos que considero necessários, e até o momento o saldo é muito positivo.

Com a ajuda do mapa, consegui retornar ao trajeto original do Caminho e após ultrapassar alguns peregrinos a pé com seus cajados e mochilas nas costas, já estava chegando a Villatuerta, um povoado pequeno com apenas três mil habitantes, mas muito simpático. Parei alguns minutos em frente a uma belíssima e pequena ponte medieval com dois arcos sobre o Rio Iranzu quando, absorto nos meus pensamentos, ouvi o som fortíssimo de uma buzina nas minhas costas. Pulei assustado para o lado e vi um caminhão colado comigo e ao volante o motorista espanhol ria muito do susto que levei. Foi aí que percebi que ele quis brincar comigo. Que bela brincadeira, pensei eu.

Ainda um pouco assustado, dirigi-me para a Igreja de la Asuncion, construção do século XIV, e resolvi ali mesmo, sentado em um banco da pequena pracinha, fazer o meu almoço: uma maçã, uma banana, um pedaço de chocolate e um cantil d'água. Perto de mim estava um casal de espanhóis que me explicou um pouco da história da cidade e até sobre o negócio no qual eles atuavam: cultivo de aspargos.

Após concluir minha refeição e despedir-me do simpático casal reiniciei minha caminhada. Uma coisa muito interessante que eu estava percebendo na província de Navarra era a grande quantidade de sementes em suspensão que ficavam flutuando sobre as plantações. Talvez esta fosse uma das explicações para a grande quantidade de verde que estava encontrando em todo o Caminho.

Na cidade de Estella fiquei pouco tempo, apenas o suficiente para conhecer a Catedral, visitar uma exposição sobre carros antigos, que estava acontecendo no pátio à sua frente, e comprar postais. Aí novamente caí na estrada.

Cerca de duas horas depois, evitando parar nos pequenos povoados e após muitas subidas e descidas cheguei a Los Arcos, uma cidade medieval do século XII localizada às margens do Rio Odrón, onde existia um hospital para peregrinos desde o século XIII. Neste local conheci Guilherme, um peregrino brasileiro, do Rio Grande do Sul, que era es-

critor e jornalista e estava fazendo o Caminho a pé pretendendo escrever matérias e artigos sobre esta experiência. Ele estava empolgado com o Caminho:

– Eu estava caminhando ontem e o sol estava se pondo atrás de mim. Dessa maneira, à medida que eu andava, minha sombra ia sempre à minha frente. Aí comecei a refletir sobre minha vida, sobre tudo que fiz ao longo desse tempo e a importância de toda essa peregrinação, disse-me ele. Além disso, senti algumas mudanças no meu comportamento, percebendo pequenas coisas que não eram antes perceptíveis para mim. Estou valorizando todos os passos que faço no Caminho, sendo também que os moradores locais lhe respeitam muito por você estar nesta peregrinação. Isto é fabuloso! – completava ele.

Despedi-me dele e na saída de Los Arcos encontrei com o Carro de Apoio e nele estavam Josias, Márcio e Júnior. Eles tinham acabado de visitar um castelo afastado da estrada e estavam chegando a Los Arcos para almoçar. Júnior avisou-me que queria fazer o trecho Los Arcos–Logroño junto comigo, mas nos primeiros quilômetros pude constatar que, realmente, com aquela bicicleta ele não chegaria a Santiago de Compostela, ao menos que fizesse diariamente somente um pequeno trecho, pois apesar da mesma ser muito lenta e pesada, ela também não tinha marchas suficientes que possibilitassem a subida de grandes ladeiras. Comecei a desconfiar que Josias, como motorista do Carro de Apoio, teria uma companhia quase que permanente a seu lado.

Passava das 17 horas, com o sol muito forte, quando atravessei a "Puente de Piedra" sobre o Rio Ebro e cheguei a Logroño. Nós havíamos marcado de nos encontrarmos em frente ao "Paseo del Espalón", a principal praça da cidade e encontrei toda a turma no local, sendo que alguns também tinham acabado de chegar lá. Até mesmo Franco, que havia saído de Estella, tinha nos encontrado e estava novamente com o grupo. Eu estava bastante cansado e pude fazer um balanço do dia e aprender muitas coisas, como, por exemplo: usar sempre o mapa nos momentos de dúvidas, evitar forçar muito tentando pedalar por

trilhas difíceis, não carregar bagagem, acordar cedo, não parar em todas as pequenas cidades, evitar conversar em demasia com os moradores, pois adoro conhecer novas pessoas e locais. Se eu quisesse chegar no tempo previsto a Santiago de Compostela teria que colocar em prática estes aprendizados.

À noite saímos para jantar e senti o "Serjão" um pouco triste e calado, sendo que ele chegou a comentar comigo a possibilidade de não completar o percurso conosco e antecipar o seu retorno ao Brasil. Conversei com ele, mas não senti muito êxito nas minhas palavras.

Antes de dormir, mais uma vez, relembrei todo o trajeto efetuado até o momento e agradeci muito a Deus por toda esta oportunidade que Ele estava me proporcionando. Dormi cansado, mas muito feliz.

Refletindo...

- *A vida é um eterno aprendizado. Seja sempre humilde na hora de aprender.*
- *Sempre que precisar, recue. Não tenha receio de adotar esta atitude.*
- *Antes de decidir, busque as informações necessárias.*
- *A pior decisão é sempre não decidir.*

CAPÍTULO 15

5º dia: desencontros & sustos

Logroño – Belorado

"As grandes realizações são sempre
frutos de grandes sacrifícios."
(Napoleon Hill)

Domingo, 4 de maio de 1997, 8 horas da manhã. Na cidade de Logroño não havia praticamente ninguém nas ruas. O povo espanhol, no verão, normalmente acorda tarde porque o amanhecer é depois das 7 horas e o anoitecer é após as 21h30min. Neste domingo é que realmente eles não iriam acordar cedo. Na noite anterior tivemos oportunidade de andar e conhecer melhor a cidade e pudemos perceber que ela era muito grande e que a cerca de 18 km dali se encontravam as ruínas do Castelo de Clavijo sobre uma grande rocha. Clavijo é considerado um nome mágico para os espanhóis em virtude da famosa batalha do ano de 844 d.C., onde, conta a lenda, o Apóstolo Tiago montando um cavalo branco lutou junto com os cristãos contra os mouros.

Antes de partirmos resolvemos tomar um café da manhã reforçado em frente à Catedral de Santa Maria de la Redonda. À medida que ia terminando o lanche cada um partia com sua bicicleta, e ao chamar "Serjão" para ir conosco, este, ainda com o semblante de preocupação, disse que era para nós irmos na frente que ele iria depois, logo que terminasse de

conversar com Josias e Júnior. Pegamos a trilha do Caminho pela Calle Marqués de Murrieta e partimos em direção à cidade de Nájera, a 24 km, onde estava prevista nossa primeira parada.

Nesta manhã eu estava muito cansado, talvez porque no dia anterior ao pedalar 78 km eu estivesse carregando muito peso na bicicleta. Apesar disso, eu estava supermotivado no Caminho e cerca de uma hora e meia depois nós estávamos chegando à cidade de Nájera, após ter passado por Navarrete.

No centro da cidade de Nájera, cortada pelo Rio Nájerilha, encontramos pessoas bem vestidas nas ruas que estavam indo ou retornando das missas dominicais, pois aqui se comemora o Dia das Mães no primeiro domingo de maio. Logo após atravessarmos a ponte, chegamos ao albergue da cidade.

Após carimbarmos nossa credencial, visitamos todo o albergue e os seus responsáveis nos ofereceram gentilmente alguns pedaços de queijo e salame com vinho. Ao folhear o Livro de Registros do Albergue, encontrei o depoimento de um médico brasileiro, de São Paulo, que estava com um grupo de amigos.

"Passei por aqui em maio de 1994 com minha esposa e sofremos muito. Voltei agora com 11 peregrinos (doze ao todo). Somos um grupo de terapia onde o responsável sou eu. Que peso, que mochila enorme, que vontade grande de chorar pelas dores daqueles que vieram pelo meu convite pois eu já sabia o que e quanto iria curtir, eles não. As leis do Universo citam em alguns momentos que fui eu que lhes causei tantas bolhas e tantas dores. Não me arrependo porém por tê-los convidado e nem pelo peso que tenho que carregar... Quero deixar registrada a minha alegria por estar sendo seguido por tantas pessoas especiais."

(Assinado Sadi).

Um outro depoimento dizia:

"Sou uma das pessoas que vieram com Sadi. Não me agrada vê-lo sofrer por minhas dores pois as dele já são muitas. Talvez, alguém

mesmo seja responsável por iniciar um movimento mas ninguém entra nele, sem querer. Sei que meu grande inimigo é minha própria vida e isso é só de minha responsabilidade. Quero aprender a viver de verdade, a sentir de verdade, a ser realmente.

Obrigado Sadi por ter iniciado este Movimento Adelante Peregrinos."

(Assinado Ive)

Mais um depoimento de um membro do grupo dizia:

"É com muito orgulho e gratidão que digo que sou uma das pessoas que vieram com Sadi. Sadi, queria que soubesse que estamos aqui porque queremos...

Não foi por acaso que estamos por aqui. Estamos em um Caminho Mágico. A dor faz parte. Não a transforme maior do que já é. Boa sorte no caminho a todos."

(Assinado Mara)

Fiquei um bom tempo refletindo sobre estes depoimentos e enquanto aguardávamos a chegada do Carro de Apoio na cabeça da ponte, andamos um pouco pela cidade e pudemos constatar que Nájera é uma cidade medieval muito bonita, sendo que seu nome em árabe significa "lugar entre pedras", tendo sido reconquistada no ano de 923 pelos navarros e leoneses. Segundo a lenda, Roldan apareceu em Nájera para vingar os cristãos que Ferragut, gigante muçulmano, senhor de Nájera, mantinha em seu castelo, conseguindo derrotá-lo e permitindo que o exército de Carlos Magno pudesse entrar na cidade e libertar todos os prisioneiros. A partir do século XI, ela se converte na capital do Reino de Navarra.

Como o Carro de Apoio já estava atrasado algumas horas, resolvi seguir o Caminho sozinho em direção a Santo Domingo de la Calzada pela trilha original. Logo na saída já pude perceber as dificuldades que iria enfrentar. O meu mapa, que continha informações de altitude do Caminho, mostrava que até o final do dia seria praticamente somente subidas, mas como dizia o depoimento da paulista Mara no Albergue

de Nájera, a dor faz parte do "Caminho Mágico" e não devemos fazê-la maior do que já é. Por isso tratei de pedalar e esquecer o mapa e este "detalhe".

A saída de Nájera é por ruas estreitas e tive que me orientar seguindo as setas amarelas pintadas no chão, nos postes, nas paredes das casas e nos muros. Encontrei uma subida íngreme de barro e entrei na trilha cheia de pedras e cascalhos. Aí pude ver, mais uma vez, a real importância da *mountain bike*. Se eu estivesse de *road bike* não conseguiria andar, pois, certamente, até o pneu iria furar. Portanto, quem quiser fazer de bicicleta o Caminho de Santiago de Compostela deve, primeiro, definir o roteiro, isto é, se for fazer só pelas Carreteras asfaltadas deve usar uma *road bike*, caso opte pela trilha ou um Caminho misto, como nós, deve optar pela *mountain bike*.

Mais uma vez estava eu sozinho no Caminho, quem sabe procurando o verdadeiro Caminho que quero para minha vida. A minha preferência por pedalar boa parte do dia sozinho era porque isto permitia uma maior reflexão sobre meu comportamento e objetivos pessoais e profissionais. Como, normalmente, passo a grande maioria do meu tempo cercado de pessoas, tenho pouco tempo para pensar exclusivamente em mim. Esta caminhada estava me dando condições de fazer um balanço geral e detalhado destes meus 41 anos de vida.

A trilha estava se transformando e o barro com cascalho deu lugar a um caminho quase gramado, cercado de plantações. Na parte alta de uma colina que eu estava atravessando, o vento começou a bater muito forte gerando até desequilíbrio na bicicleta. O tempo também estava mudando e pude perceber, ao fundo, picos nevados e de outro lado nuvens negras. Parece que todo aquele bom tempo que estávamos encontrando no Caminho iria se transformar.

À medida que ia avançando, constatava o grande volume de plantações irrigadas e, apesar de ser domingo à tarde, um fato curioso: encontrei muitos camponeses trabalhando em suas propriedades e tendo sempre ao seu lado um veículo em bom estado de conservação. Fiquei pensando na diferença desta cena na Espanha e no Brasil. De um lado,

camponeses espanhóis trabalhando aos domingos com bons veículos ao lado, do outro camponeses brasileiros que não trabalham aos domingos, mas que também não possuíam carros. Será que o antagonismo das cenas era a própria resposta?

Cheguei a Azofra, um pequeno lugarejo, e parei em uma pracinha onde existia uma fonte. Na frente, em um restaurante, havia uma comemoração familiar com muita música. Após descansar um pouco e observar a festa que os espanhóis faziam, enchi o cantil e retornei ao Caminho. Alguns quilômetros à frente, encontrei quatro peregrinos alemães que descansavam na grama. Um deles comia um enorme pão. Apesar da aparência cansada, eles tinham um semblante de tranqüilidade e a alegria era percebida pelo brilho dos olhos. Cumprimentamo-nos e continuei minha viagem.

Em um determinado trecho da trilha consegui ouvir barulhos de carro e percebi que a estrada N-120 não estava longe e, então, resolvi sair da trilha para alcançá-la. Para isto, tive que vencer uma grande colina empurrando a bicicleta e, às vezes, carregando-a nos braços, já que não havia nenhuma trilha. Eu tinha tomado uma decisão errada e estava na dúvida se recuava e voltava para a trilha original ou continuava tentando chegar à estrada. Lembrei-me de uma frase que falo sempre em minhas palestras: "um empreendedor deve saber o momento de recuar". Apesar de meditar rapidamente sobre o tema, resolvi continuar. Logo descobri que tinha tomado a decisão errada, mas resolvi, assim mesmo, ir até o final. Cheguei à estrada, sujo e exausto. Acho que este foi o castigo que recebi por desobedecer uma regra básica não só do empreendedorismo, como também da vida pessoal que recuar e rever planos fazem parte do jogo.

Apesar de por distração errar novamente o Caminho, na entrada da cidade consegui chegar finalmente a Santo Domingo de la Calzada e dirigi-me para a Catedral do Santo Sepulcro, uma bela igreja romano-gótica. No seu interior, destaca-se um galinheiro de madeira onde são guardados um galo e uma galinha brancos, que são trocados todos os meses. A lenda sobre o galinheiro, segundo a tradição, e que está escrita na igreja, é a seguinte:

"No século XIV, um casal pertencente à Diocese de Colônia peregrinava a Compostela com seu filho Hugonell. Na hospedaria de Santo Domingo, uma moça tenta o rapaz que a repele. Irritada, ela esconde um cálice de prata na roupa de Hugonell e na manhã seguinte o denuncia como autor do roubo. O rapaz é preso e enforcado. Porém, antes de prosseguir viagem, os pais ouvem a voz do filho que lhes comunica que está vivo, pois Santo Domingo o está amparando. Então eles se dirigem imediatamente ao corregedor da Vila que estava pronto para comer um galo e uma galinha assados. Ao lhe comunicar o ocorrido, o corregedor ironizou-os dizendo que o rapaz estava tão vivo como as aves do prato. Então o galo e a galinha saltam do prato, recobrem-se de penas e começam a cantar provando assim a inocência do jovem peregrino injustiçado."

Um ditado popular local também diz:

"Santo Domingo de la Calzada, donde canto la gallina después de asada".

Fiquei aguardando o Carro de Apoio, na Plaza del Santo em frente à Catedral, por mais de uma hora além do tempo-limite que havíamos programado e nem sinal dele. Estava um pouco preocupado e, enquanto descansava, refleti, novamente, sobre as percepções que estava sentindo no Caminho.

Uma idéia que me surgiu era estudar a viabilidade de construir, na minha fábrica, uma Capela, ou melhor, um local adequado para oração, independente do tipo de religião. Seria um "cantinho" para cada um, à sua maneira, poder conversar com Deus, um local onde cada um pudesse efetuar sua auto-reflexão, independente de ser católico, evangélico, kardecista ou ter qualquer outro tipo de crença.

Lembrei muito da minha família e, principalmente, de minha mulher Celinha. Rememorei o quanto ela me incentivou e me ajudou a fazer o Caminho. Nestes nove dias de separação estávamos nos falando todos os dias ao telefone, o que reduzia um pouco a minha saudade.

Como estava ficando tarde e eu pretendia chegar a Belorado antes do anoitecer, resolvi seguir caminho adiante independente do Carro de

Apoio e dos demais companheiros. Ao sair de Santo Domingo de la Calzada tomei a estrada N-120 e logo após cruzar a ponte sobre o Rio Oja vi uma placa na estrada com duas notícias: uma "boa" e outra "má".

A placa informava as distâncias para Belorado e para Santiago de Compostela, sendo que a notícia boa era que Belorado estava a 20 km de distância, logo 1,5 a 2 horas de viagem e a notícia má era que Santiago ainda estava a 623 km, isto é, eu tinha muito chão para andar.

Lembrei-me, então, de uma CCE – Característica do Comportamento Empreendedor do Programa Empretec das Nações Unidas que diz que um empreendedor divide as tarefas de grande porte em subtarefas com prazos definidos. Logo, minha meta era chegar hoje a Belorado e se nós cumpríssemos todas as metas diárias, certamente chegaríamos a Santiago na data prevista.

Ao parar para tomar um pouco de água, constatei que havia perdido a bandeira brasileira que ficava presa no bagageiro. A bandeira era praticamente uma identificação prévia minha mas não liguei muito para o fato pois eu tinha algumas bandeiras pequenas de reserva e quando encontrasse o Carro de Apoio, iria logo substituí-la.

Faltando cerca de 12 km para chegar a Belorado, encontrei um peregrino alemão de Hanover que estava fazendo também o Caminho de bicicleta. Ele estava com uma *road bike* totalmente carregada de mochilas. Conversamos um pouco e após tirarmos fotos um do outro, voltamos a pedalar. Ele gentilmente disse para eu ir na frente, mas fiquei com receio de pedalar muito forte e ele ficar para trás. Para minha surpresa ele acompanhou em plena subida todo o meu ritmo e descobri, então, que era eu que o estava atrapalhando. Foi aí que lhe disse para ir à frente sem se preocupar comigo. O alemão, em questão de segundos, sumiu na minha frente, apesar de todo esforço que eu estava fazendo para segui-lo. Constatei sua dupla vantagem competitiva sobre mim embora com todas as bagagens: bicicleta *road bike* x ciclista preparado. É, na estrada tem que ser *road bike*, não podendo ser *mountain bike*. E outra, o ciclista tem que estar em plena forma física.

Um pouco antes de chegar a Belorado, o vento tornou-se ainda mais forte, quase impedindo a bicicleta de se mover. Para complicar mais, nuvens escuras no céu indicavam que podia chover. Foi neste panorama que cheguei à cidade.

Belorado é um povoado pequeno, com um albergue modesto, de conforto e beleza bem inferiores ao de Nájera, localizado ao lado da Iglesia Santa Maria de Belén. Após reservar pernoite para mim e para alguns membros do grupo, dirigi-me à praça principal, de onde poderia controlar melhor a chegada dos meus companheiros.

Já eram 21 horas, a chuva caía e o frio aumentava e eu não tinha noção de onde estaria o nosso grupo. Estava bastante preocupado, imaginando que poderia ter acontecido até mesmo algum acidente, pois nós marcamos o horário-limite de 18 horas para o Carro de Apoio estar em Belorado. Além do mais, eu estava sem outras roupas e sem agasalho. Fiquei, com a bicicleta, aguardando-os debaixo de uma marquise e nada deles chegarem. Preocupado, pedi ajuda a um casal de peregrinos espanhóis para ligar para a Polícia Rodoviária e verificar se tinha acontecido algo. Felizmente, eles informaram-me que, até aquele momento, não havia nenhum registro de acidentes na estrada em nosso percurso nem com veículos e nem com ciclistas. Fiquei mais tranqüilo e senti que a única solução era aguardar. A minha preocupação era um pouco maior porque tinha sonhado, na noite anterior, com um amigo que havia falecido anos antes e durante todo o sonho o tema central era a morte. Por isso fiquei impressionado.

Passavam das 22 horas quando todo o grupo chegou. Eles informaram-me que houve vários motivos para o atraso, sendo que o principal foi a decisão de "Serjão" retornar ao Brasil, através da cidade de Bilbao. Segundo Josias e Júnior, ele tomou essa decisão porque estava preocupado com seus negócios, além de suspeitarem que ele tinha se indisposto com um companheiro, na tarde anterior, em Logroño. Foi aí que entendi o seu semblante fechado nesta manhã quando não quis seguir caminho com o grupo e ficou junto com o Carro de Apoio. Foi uma perda muito grande a partida de "Serjão" do grupo, pois além de ser um excelente

companheiro, sempre prestativo, sentimos que todo o grupo ficou um pouco sensibilizado com este retorno antecipado.

O nosso grupo nesta noite ficou bastante dividido, pois Levy e Maurinho estavam de bicicleta algumas cidades à nossa frente, "Serjão" havia retornado para o Brasil, eu resolvi ficar sozinho no Albergue de Belorado e os demais (Josias, Júnior, Franco, Rui, Márcio e Luciano) decidiram ir com o Carro de Apoio direto para a cidade de Burgos, que ficava 50 km adiante. Dessa maneira, eles poderiam, pela parte da manhã, consertar as bicicletas que haviam tido problemas.

Peguei apenas um agasalho no carro, despedi-me da turma e fui tentar jantar. Como todos os restaurantes do povoado já estavam fechados tive que me consolar apenas com uma tortilha no único bar aberto naquele horário e depois dirigi-me para o albergue.

O albergue de Belorado era simples e muito rústico, apesar de limpo. Ele se parecia mais com o de Roncesvalles e o de Puente la Reina e até o momento, dos albergues conhecidos, o de Nájera era disparadamente o melhor. Como todos os peregrinos hospedados já estavam dormindo, tomei silenciosamente um delicioso banho quente no banheiro comunitário. Escolhi para dormir, nesta noite de chuva, a parte de cima do último beliche do andar superior e quando já estava quase adormecendo, através de uma janela no alto, começou a pingar goteiras em cima de mim. A alternativa foi trocar de lugar e pegar o beliche de baixo.

Apesar do frio intenso e do corpo um pouco dolorido do exercício físico, ao pedalar 79 km morro acima neste dia, senti-me muito leve e orei a Deus. Agradeci-lhe por toda a proteção no Caminho e prometi cumprir à risca uma filosofia que tenho na minha vida que é "confiar em Deus como se tudo dependesse dele e esforçar-me ao máximo, como se tudo dependesse somente de mim".

Para amenizar o frio que sentia, já que não havia cobertor e nem saco de dormir, enrolei-me em roupas sujas e abracei-me à mochila. Adormeci rapidamente.

Refletindo...

- *Os empreendedores sempre buscam autonomia em relação a normas e controles existentes.*
- *Para atingirmos nossos objetivos ousados é sempre necessário muito sacrifício.*
- *A persistência é fundamental para superarmos os obstáculos que encontramos em nossas vidas.*
- *Essa é do Joelmir Betting: "O único lugar onde o sucesso vem antes do trabalho é no dicionário".*

6º dia: ultrapassando os limites

Belorado – Castrojeriz

"A arte de ser ora audacioso, ora prudente, é a arte de vencer."
(Napoleão Bonaparte)

Acordei por volta das 6h30min e muito dos peregrinos já haviam partido. Pela manhã foi que pude conhecer melhor o albergue onde havia dormido. Na parte debaixo, havia uma cozinha, uma estante com remédios de primeiros socorros e uma grande mesa onde os peregrinos faziam, silenciosamente, o último acerto em suas mochilas. No Livro de Registros, descobri que Maurinho e Levy haviam passado pelo mesmo albergue na tarde do dia anterior.

Após checar toda a bicicleta, dirigi-me à praça principal onde estava sendo montada uma pequena feira ao ar livre. O meu café da manhã foram duas bananas e um copo de chocolate quente. Como estava frio, agasalhei-me o máximo que podia e antes das 8 horas já estava novamente entrando na Carretera N-120 em direção a Burgos, onde combinamos nos encontrar por volta das 15 horas na praça perto da Catedral. O destino depois seria o pernoite em Castrojeriz, onde esperávamos chegar às 19 horas.

Os primeiros 15 km do trajeto Belorado–Burgos estavam previstos ser somente de subida contínua, pois eu estava saindo da cota de 770m

e iria até 1.150m. A minha previsão era gastar 4 horas de viagem até Burgos, mas logo pude perceber que estava sendo otimista e iria errar em minhas previsões.

O vento estava fortíssimo e contrário a minha direção. Por mais que forçasse o ritmo não conseguia passar de 6 a 8 km/h. Logo a velocidade caiu para 4 a 5 km/h e a bicicleta ficou muito leve. Quando passava um caminhão por mim, me desequilibrava e eu ia quase ao chão. O vento foi ficando tão mais forte, quase parando a bicicleta, que decidi, então, empurrá-la montanha acima. Era mais seguro e quase tão rápido.

Cerca de uma hora depois e apesar do frio, suando muito, encontrei um ponto de ônibus e resolvi parar e consultar os mapas, enquanto descansava. O abrigo era todo cercado de paredes de vidro para permitir a visão e proteger as pessoas da chuva e do vento. Entrei com bicicleta e tudo no local.

Eu já estava impaciente por estar tanto tempo parado no ponto de ônibus aguardando o forte vento passar e aí lembrei-me das palavras de Madame Debrill, a hospitaleira de Saint Jean Pied de Port na França: *"O peregrino caminha o quanto pode e não o quanto quer"*. Este pensamento tranqüilizou-me e cheguei à conclusão de que o máximo que poderia acontecer era desencontrar-me do grupo, em Burgos.

A impaciência é um grande defeito que tenho e que tento corrigir ao longo dos anos, mas não estou sendo bem-sucedido. A minha impaciência, apesar de causar-me muitos problemas, também tem me proporcionado alguns bons momentos, pois normalmente tenho tomado iniciativa na minha vida pessoal e profissional bem acima da média das demais pessoas. Meu grande desafio, porém, era atingir um ponto de equilíbrio nesta minha característica. Esperava que o Caminho de Santiago pudesse ajudar-me nesta tarefa.

Como o vento forte não passava, continuei a meditar sobre o Caminho e ao abrir o Novo Testamento que carregava comigo encontrei a seguinte mensagem na Segunda Epístola do Apóstolo Paulo a Timóteo, capítulo 2, versículo 6: *"O lavrador que trabalha deve ser o primeiro a go-*

zar dos frutos". Concordando plenamente com a mensagem, resolvi enfrentar o frio e o vento, retornando à estrada.

Um pouco mais à frente, encontrei um povoado, onde no único bar que estava aberto, pedi um café bem quente para aquecer-me. Aproveitei que o local era uma pequena mercearia e comprei também barras de chocolate e biscoitos.

– Quantos quilômetros ainda temos de subida? – perguntei.

– Apenas 4 km – respondeu a senhora atrás do balcão.

– E este vento forte que começou, vai passar logo? – perguntei-lhe novamente.

– Oh! moço, quando esse vento começa, é difícil parar. Às vezes passam dias até ele terminar – respondeu novamente.

Mais uma boa e uma má notícia, pensei. Mas não tinha jeito, a solução era pedalar estes quilômetros restantes e torcer para que ela errasse no prognóstico do vento. Afinal, eu já me encontrava a quase 3 horas na estrada e só tinha conseguido andar 11 quilômetros. Eu estava mais lento do que se estivesse andando a pé.

Apesar da persistência ser uma das minhas características positivas, questionei-me se eu não estava exagerando e se o procedimento mais apropriado não seria usar o Carro de Apoio como os demais companheiros, que o usavam quando estavam muito cansados? Eu estava correndo o risco de ter uma distensão nas pernas, mas lembrei-me da minha meta de fazer o máximo que puder do Caminho sem precisar usar o Carro de Apoio.

O vento forte continuava e o sol timidamente apareceu. Às vezes eu pedalava um pouco, outras empurrava a bicicleta morro acima. Logo passou por mim um casal com uma bicicleta dupla, tipo *road bike*, com roupas luminescentes e três volumes de bagagem. Eles me ultrapassaram facilmente e se distanciaram. Mais uma vez a constatação: bicicleta de estrada é *road bike*.

Um pouco antes de chegar a La Pedraja, na cota mais alta de 1.150m, encontrei um guindaste retirando uma carreta que havia caído em uma ribanceira. Acredito que este era o primeiro acidente que via naquelas estradas e um fato que gostaria de destacar era a quantidade de sinalização em ambos os sentidos da rodovia.

A Polícia Rodoviária espanhola preocupava-se muito com este item, independente do porte da estrada, e lembrei-me também das orientações que eles fazem aos ciclistas para todos trafegarem na mão correta e respeitarem toda a sinalização, tanto na estrada como na cidade. Um comportamento um pouco diferente do nosso cotidiano brasileiro.

No ponto mais alto do trecho, contemplei todo o vale e percebi plantações para todos os lados. Realmente, em todos estes dias, tanto na França como na Espanha, percebíamos como a terra era bem aproveitada. Mais um exemplo a ser seguido pelo nosso Brasil.

Começou a chover forte. Por isso, ao passar pela medieval cidade de San Juan de Ortega, um lugar com forte influência na história do Caminho, preferi não parar e achei melhor continuar a viagem.

Logo depois, tomei o último gole de água, mas não me preocupei, pois o Caminho estava se tornando mais plano e, apesar da chuva, o vento tinha reduzido um pouco sua intensidade. Este trecho que estava fazendo sozinho hoje, bem como a maior parte do de ontem, estava sendo muito proveitoso para meus pensamentos. Pedi muito a Deus para ajudar-me a mudar meu comportamento. Ser menos exigente com os outros e comigo mesmo, eliminando algumas mágoas que ainda estavam em meu coração. Desabafei e chorei muito, sendo que as lágrimas, ao rolarem pela minha face, atrapalhavam-me a visão. Cantei e orei por várias vezes a Oração do Amor de São Francisco de Assis, refletindo pausadamente sobre cada palavra:

Senhor, fazei-me instrumento de Vossa paz
Onde houver ódio que eu leve o amor
Onde houver ofensas que eu leve o perdão
Onde houver discórdia que eu leve a união

Onde houver dúvidas que eu leve a fé
Onde houver erros que eu leve a verdade
Onde houver desespero que eu leve a esperança
Onde houver tristeza que eu leve a alegria
Onde houver trevas que eu leve a luz
Oh Mestre, fazei que eu procure mais
Consolar que ser consolado
Compreender que ser compreendido
Amar que ser amado
Pois é dando que se recebe
É perdoando que se é perdoado
E é morrendo que se vive, para a vida eterna.

Uma sensação interessante ocorria comigo quando eu encontrava uma grande descida no Caminho. Eu não me iludia, pois quanto mais descidas houvesse, certamente eu iria encontrar novas subidas pela frente. Era impossível só ter descidas. Assim também é nossa vida. Afinal, nada cai do céu e tudo que obtemos normalmente é proveniente de muito esforço, muito trabalho, e somente através do esforço pessoal e de muita persistência é que tenho conseguido superar boa parte dos obstáculos e dificuldades que encontro no meu dia-a-dia.

Absorto nos meus pensamentos eu já estava quase chegando a Burgos, quando passei por um lugarejo à beira da estrada e vi uma bonita casa, que me pareceu familiar, não muito grande, mas com aparência de muito aconchego, cercada por um terreno todo gramado. À sua frente um pequeno lago, com uma ponte de madeira. Parei para tirar fotografias e estranhei este meu interesse por esta casa, pois não sou muito ligado a bens materiais e, principalmente, coisas do tipo casa de campo, casa de praia, etc... Por via das dúvidas, registrei este momento com minha máquina fotográfica. Não procurei explicações. Devem ser nuances do Caminho, filosofei.

Cheguei a Burgos, debaixo de chuva, com os termômetros da cidade marcando 13ºC. A chuva misturava-se no corpo com o meu suor, mas não estava sentindo frio. Minha preocupação, agora, era apenas encon-

trar o grupo. Procurei-os na Plaza Mayor e na Catedral, mas não os encontrei. Tentei achar o Carro de Apoio, nos diversos estacionamentos, mas também foi em vão.

A chuva continuava e surgiu outro pequeno problema, já que não conseguia cambiar dólares por pesetas, pois os bancos estavam fechados para a sesta. Consegui solucionar este pequeno obstáculo em um restaurante, onde tomei um chocolate muito quente e troquei o dinheiro com o proprietário.

Apesar de procurar os companheiros e ter deixado minha bicicleta durante muito tempo debaixo da chuva, no centro da Plaza Mayor para ver se alguém me identificava, percebi que eles não estavam mais em Burgos ou, pelo menos, não nestes lugares marcados. Resolvi seguir viagem sozinho para Castrojeriz.

Burgos é uma grande cidade do norte da Espanha e foi fundada em 884 pelo Conde Diego Rodríguez Porcelos, tendo crescido em virtude da intensa atividade comercial desenvolvida pelos peregrinos que faziam o Caminho na época medieval. Nela encontramos a Catedral Metropolitana de Santa Maria, do século XIII, sendo que a trilha atual dos peregrinos corta toda a cidade e em alguns trechos, principalmente nas ruas estreitas, só é permitida a passagem de pedestres e ciclistas peregrinos. Foi através desta trilha e seguindo as setas amarelas que, sob chuva, recomecei o Caminho.

As minhas roupas e até mesmo a pequena mochila que levava estavam muito molhadas. Como a chuva tornou-se mais intensa, parei em um pequeno estabelecimento comercial que parecia ser um depósito.

– Boa tarde! Você teria um saco plástico para me ceder? – perguntei todo molhado.

– Você é um peregrino? – retrucou um rapaz olhando para a vieira que estava no meu peito.

– Sim – respondi. Estou indo para Castrojeriz e preciso de plástico para proteger minha mochila de lona.

– Se necessitar, eu tenho mais aqui. Você quer?

– Sim, é claro. Vou aproveitar para proteger um pouco o meu corpo.

– Sugiro que, ao invés de você ir direto para Castrojeriz, você fique no Albergue Municipal que existe perto daqui, ao lado da universidade no meio das árvores – disse ele.

– Eu tenho que encontrar o meu grupo de amigos em Castrojeriz – reafirmei.

– Passe por lá pelo menos para você descansar um pouco e esperar a chuva passar ou mesmo diminuir.

– Ok! Muito obrigado pelos plásticos e pela ajuda – falei.

Após enrolar toda a mochila em plásticos, bem como colocar plásticos em volta do meu peito sob a capa que estava usando, mas que não apresentava bom resultado, parti em direção ao albergue, e logo após cruzar a ponte sobre o Rio Arlanzón encontrei uma espécie de bosque ao lado da universidade. A temperatura marcava 8ºC. Bem no meio das árvores, havia um galpão de madeira e logo vi que ali era o albergue mencionado.

Entrei no albergue, que apesar de rústico era muito aconchegante e comecei a tirar minhas roupas molhadas, quando percebi um vulto conhecido deitado em uma das camas. Chegando mais perto não tive dúvidas. Era ele mesmo!

– Oi, Franco, o que você está fazendo aqui? Onde está a turma? – perguntei-lhe.

– Estivemos juntos o dia inteiro, mas houve um desencontro e não sei mais onde eles estão – respondeu ele.

– Você vai fazer o que agora, Franco?

– Vou aguardar o Carro de Apoio me encontrar e quero retornar a Belorado para continuar o Caminho pela trilha, respondeu ele.

– Eu vou seguir para Castrojeriz agora, independente da chuva – falei. Espero chegar lá dentro de três horas.

– Eu não vou. Vou esperar aqui o Carro de Apoio, pois quero retornar a Belorado – disse ele firmemente.

Despedi-me de Franco e fiquei do lado de fora do albergue vendo a chuva cair fortemente. Aguardando também a chuva passar, estavam quatro peregrinos de bicicletas com um Carro de Apoio.

– Brasileiro? – perguntou um deles a mim.

– Sim, e vocês são espanhóis? – retruquei.

– Não, não somos espanhóis. Somos bascos.

– Por que basco e não espanhol?

– Espanhol é espanhol, basco é basco – repetiu um deles.

– Na sua opinião, como deveria ser então a divisão da Espanha? – perguntei.

– Em quatro: bascos, catalães, galegos e castelhanos. Acreditamos que dentro de alguns anos vamos oficializar isto.

Não quis me aprofundar nos conflitos internos da Espanha e resolvi seguir caminho, já que a chuva havia se reduzido um pouco.

Na estrada, à medida que ia pedalando, eu pensava onde estariam todos. "Serjão" tinha sido deixado no Aeroporto de Bilbao e eu não sabia se ele estava ainda na Espanha, se tinha ido para Nova York, como era sua intenção inicial, ou se tinha retornado direto para o Brasil. Franco estava no Albergue de Burgos. Maurinho estava sumido. Levy foi encontrado pelo Carro de Apoio às 23 horas na noite anterior, sujo, molhado e cansado na estrada de San Juan de Ortega a Burgos, eu estava aqui pedalando. É, parece que a nossa turma estava realmente se dispersando e cada um fazendo o seu próprio Caminho.

Eu estava há quase três horas sozinho na estrada, exausto e completamente molhado. Havia parado em um posto de gasolina em

Villanueva de Argaño para descansar um pouco, mas sentia que já tinha ultrapassado o meu limite físico. Minhas mãos, apesar das luvas, estavam geladas e duras. Meu joelho direito não respondia direito. Eu já havia andado, hoje, 95 km, durante quase 10 horas, e o céu estava escuro devido às pesadas nuvens de chuva. Eram quase 21 horas e lembrei-me que havia saído de Belorado antes das 8 horas da manhã, e estava eu, ali, na estrada sem saber o paradeiro do grupo. Questionei-me por várias vezes por que eu estava ultrapassando os meus limites? O que eu queria provar a mim mesmo? Por que esta disputa comigo mesmo?

De repente, um veículo entra na minha frente e freia bruscamente, provocando-me um grande susto! Mas, não era uma miragem. Era o Carro de Apoio com a turma toda.

Parei a bicicleta e, ainda um pouco atordoado, vi quando Júnior veio correndo, tirou meu casaco e capa que estavam completamente molhados e colocou um moletom seco sobre mim. O Levy tirou minhas luvas, também encharcadas, e colocou-me um outro par seco. Guardaram imediatamente a minha bicicleta no *rack* no teto do carro e colocaram-me para dentro da Furgoneta. Tudo isso foi muito rápido, eu estava ainda um pouco confuso com tudo aquilo que estava acontecendo, mas senti uma sensação muito gostosa de segurança e afeto por parte da turma. Fiquei emocionado com a preocupação verdadeira deles com meu estado físico.

Com o carro já em movimento, em direção a Castrojeriz, eles contaram-me que na noite anterior haviam encontrado Levy no Caminho e hoje na hora do almoço haviam achado Maurinho perto da Catedral de Burgos e que, para variar, haviam se desencontrado de Franco. Expliquei para eles onde Franco estava e o que pretendia. Josias e Maurinho decidiram, então, que voltariam para buscar Franco, em Burgos, depois que nos deixassem em Castrojeriz. Contaram ainda que nesta manhã retornaram a Belorado e San Juan de Ortega e não encontraram ninguém. Foram também ao Albergue de Burgos e viram os registros meu e de Franco e, por isso, imaginavam que eu estava à frente, na estrada perto de Castrojeriz.

Recebi também muitas críticas, por parte de todos, por estar excedendo-me no esforço físico. Concordei com eles. Afinal, a minha meta de fazer de bicicleta o máximo do Caminho e a minha persistência excessiva estavam transformando-se no lado obscuro da força e virando teimosia. Eu já não era mais nenhum menino e, apesar de estar em boas condições físicas, estava extrapolando meus limites.

Chegando a Castrojeriz, senti o quanto é importante um bom banho quente, uma roupa limpa e uma boa cama no hotel. Fiquei na banheira quase uma hora. Minhas pernas estavam dormentes e também sentia-me gripado. Estava muito cansado, mas feliz.

Nesta noite no restaurante do hotel, tomei uma garrafa de vinho tinto sozinho e comi um delicioso jantar. Já havia alguns dias que eu não sabia o que era uma refeição decente.

Antes de dormir, recebemos um telefonema de Franco dizendo que estava em Hornillos del Camino e queria que o Carro de Apoio fosse buscá-lo. Júnior explicou-lhe que o carro tinha voltado para Burgos para encontrá-lo e ele não estava mais lá. Franco insistiu, mas o grupo resolveu não lhe atender, desta vez, a solicitação e pediu para ele vir cedo, no dia seguinte, para Castrojeriz que todos nós iríamos esperá-lo e só partir após sua chegada.

Naquela noite, já na cama debaixo de um lençol limpo, só deu tempo de agradecer rapidamente a Deus. Dormi logo.

Refletindo...

- *Tome muito cuidado para não confundir obstinação e persistência com teimosia.*
- *Quem não tem coragem para enfrentar os obstáculos, não atinge seus objetivos.*
- *Curta sempre todos os momentos de sua vida.*
- *Retire as mágoas do coração. Não vale a pena tê-las.*

CAPÍTULO 17

7º dia: perdidos & achados

Castrojeriz – Calzadilla de la Cueza

"Não encontre defeitos, encontre soluções,
qualquer um sabe queixar-se."
(Henry Ford)

Dia 6 de maio de 1997. Acordei nesta terça-feira bem disposto. Nem parecia aquele farrapo humano que, na noite anterior, foi resgatado pelos amigos na estrada. Acredito que a demonstração de carinho dos amigos, o banho quente de quase uma hora na banheira, seguido de um bom jantar e uma ótima cama, foram os responsáveis por esta transformação.

O Hotel Mesón de Castrojeriz, apesar de simples, era muito gostoso, bonito e confortável. Realmente eu tinha passado uma ótima noite e estava surpreso com minha recuperação. Após tomarmos nosso café, resolvemos andar um pouco pela cidade. Castrojeriz é uma pequena vila que, nos séculos IX e X, foi cenário de contínuas batalhas entre sarracenos e cristãos. O seu traçado urbanístico recorda a primitiva Burgos, que se tornou uma grande cidade com o passar dos anos. Esta vila foi muito importante durante as peregrinações medievais, e das ruínas do Castelo de Castrojeriz, imponente construção do século IX no alto do monte, é possível apreciar a linda paisagem que se descortina por toda a região.

Já era meio-dia e estávamos, Júnior e eu, debaixo de forte vento, acerca de uma hora curtindo o Castelo de Castrojeriz quando ao prepararmos as bicicletas para descer a montanha, Júnior acidentalmente abriu sua máquina fotográfica e perdeu todo o filme que gastamos cerca de uma hora para fotografar. A solução, então, foi retornar ao Castelo e refazer todas as fotos.

Passava das 12h30min quando iniciamos a descida da montanha para tomarmos o Caminho de Santiago de Compostela. Neste dia a programação era fazermos uma primeira parada na cidade de Frómista, 24 km adiante, e uma segunda parada em Carrión de los Condes que ficava mais 22 km no Caminho. Ali iríamos fazer uma reavaliação e tomar a decisão se dormiríamos em Carrión ou continuaríamos o Caminho.

Iniciamos o nosso trajeto e, logo à frente, na Vila de Castrillo de Cabezón – terra natal de Antônio de Cabezón, um dos grandes nomes da música espanhola de todos os tempos – vimos uma placa: Santiago de Compostela: 497 km. A realidade era dura. Em todos estes dias, havíamos percorrido apenas 40% do Caminho e faltava ainda mais da metade. A distância contida nesta placa mostrou-me a necessidade de acelerar o passo. Neste dia, Júnior e eu estávamos juntos e éramos os últimos, portanto teríamos que ser mais rápidos.

Quando estávamos chegando na ponte que atravessa o Rio Pisuerga, encontramos uma família de quatro peregrinos franceses que estavam procurando um lugar para descansar e fazer um lanche. O peregrino, que parecia ser o líder do grupo, brincou comigo e ao saber que éramos brasileiros prognosticou que a final da Copa do Mundo de Futebol de 1998 seria entre o Brasil e a França. Continuamos o Caminho e encontramos o Carro de Apoio com Josias, que trazia Franco a bordo. Josias encontrou-o em Castrojeriz e a partir daquele momento ele disse que iria se juntar ao grupo.

No caminho para Frómista, Júnior estava muito lento. Realmente ele tinha vários motivos para isto, já que estava muito pesado, não havia feito preparação física adequada, a sua bicicleta era muito vagarosa e

não era apropriada nem para a estrada e nem para a trilha, além dele pedalar vagarosamente e parar freqüentemente para tirar fotografias e tomar um bom copo de vinho tinto para aquecer o frio. Realmente, todo este cenário comprometia sua velocidade. Após avisá-lo que eu iria adiantar a marcha, segui para Frómista, nossa primeira parada.

Ao chegar na vila de Frómista, constatei que toda a minha roupa plástica que iria me proteger de uma eventual chuva estava rasgada. Eu nem havia percebido este detalhe, absorto nos meus pensamentos. Frómista, uma vila medieval que mantém a tradição de hospitalidade do Caminho, teve sua população arrasada no século VIII, com a invasão muçulmana e tornou-se uma terra de ninguém. Sua repovoação só aconteceu no século X com a construção de um monastério Beneditino.

A temperatura estava muito baixa, algo em torno de 6ºC, e o vento ampliava a sensação do frio. Encontrei todo o grupo debaixo de uma marquise, aguardando que suas credenciais fossem carimbadas. Estavam faltando apenas Júnior e Márcio, sendo que Júnior reapareceria com a bicicleta quebrada algum tempo depois.

Após um bom lanche com chocolate quente, Rui, Levy, Maurinho e eu resolvemos seguir para Carrión de Los Condes e Josias, no Carro de Apoio, decidiu procurar Márcio que estava desaparecido.

Depois de uns bons pingos de chuva e muito vento forte, duas horas após chegamos em Carrión de Los Condes, uma pequena cidade muito bonita. Carrión no século XI foi um grande centro comercial e político da região, chegando a ter, na época, vários hospitais para atender aos peregrinos. Na entrada de Carrión está o Convento de Santa Clara, do século XIII que, segundo os historiadores, abrigou São Francisco de Assis quando este fazia a peregrinação para Santiago de Compostela.

Cerca de uma hora depois conseguimos reunir todo o grupo. Até mesmo o Márcio, que estava perdido, foi encontrado na beira de uma estrada e foi reintegrado à equipe. Após muito chocolate quente para amenizar o frio e depois de muita discussão, resolvemos nos dividir em dois grupos. O primeiro, formado por Josias, Rui, Franco, Márcio, Luciano e

Maurinho, resolveu ir com o Carro de Apoio diretamente para a cidade de León que ficava cerca de 100 km à frente, e Levy, Júnior e eu resolvemos continuar de bicicleta até a cidade de Calzadilla de la Cueza e dormir no albergue de lá. Segundo nossas previsões, no dia seguinte, se forçássemos o ritmo, seria possível encontrá-los em León, à noite, tendo sido marcado o horário de 18 horas, em frente à Catedral. Independente disso, o Carro de Apoio garantiu-nos que, após as 15 horas do dia seguinte, retornaria pela estrada e passaria pelos albergues cadastrados para, se necessário, ajudar algum de nós que atrasasse.

O Carro de Apoio partiu para a cidade de León e Levy, Júnior e eu seguimos para a vila de Calzadilla de La Cueza. Como já havia se tornado rotina, logo nos primeiros minutos Júnior já havia ficado para trás, para fazer algumas fotografias. Na primeira e segunda vez que Júnior se atrasou nós esperamos, sendo que na terceira vez o avisamos que iríamos seguir em frente e o encontraríamos no albergue.

Passava das 21 horas e estávamos a pedalar pela estrada com o sol iniciando toda a coreografia para se esconder atrás dos montes. A nossa altitude era de cerca de 800 metros e nas duas margens da estrada as plantações eram bem-cuidadas.

O pôr-do-sol avermelhado, com o vento frio no rosto, gotas de suor escorrendo por baixo de todas aquelas roupas, realmente faziam-me repensar toda a vida. Este Caminho estava sendo muito importante para mim e para todo o grupo. Lembrei-me, mais uma vez, que a formação de nossa equipe era muito heterogênea, no aspecto comportamental. Afinal, apesar da maioria se conhecer desde a infância e adolescência, a maior intensidade de nossos encontros era mesmo no Restaurante Old Town, onde foi formado o grupo. Nós éramos, no fundo mesmo, colegas de infância e amigos de "boteco", sendo que pouquíssimos entre nós mantinham uma relação mais profunda e intensa de amizade. Só que, agora, com a convivência nestes dias eu pude perceber que, entre vários de nós, o relacionamento não era mais tão superficial e acredito que boas amizades verdadeiras estavam se consolidando e surgindo no grupo. Absorto nestes pensamentos, chegamos Levy e eu a Calzadilla de la Cueza, uma vila do Caminho.

Ao chegar ao hotel e sentarmos para pedir um jantar, já que durante o dia havíamos comido apenas um sanduíche e bebido vários copos de chocolate quente, Levy exclamou:

– Meu Deus! Perdi meu passaporte.

– Calma Levy, procure direito que você vai achar – disse eu tentando acalmá-lo.

– Lucas, eu não estou encontrando. Acho que perdi mesmo, e dentro dele estão meus cartões de crédito e 1.100 dólares – disse com uma voz trêmula.

Enquanto Levy coçava a cabeça preocupado, eu continuei mexendo nas suas coisas e, infelizmente, constatei que o passaporte, os cartões e o dinheiro realmente não estavam ali.

– Levy, hoje de manhã em Castrojeriz você estava com o passaporte? – perguntei-lhe.

– Sim, Lucas, inclusive em Frómista eu também vi o meu passaporte ao retirar a Credencial de Peregrino para ser carimbada.

– Ok! Levy, e em Carrión de Los Condes, você se lembra de ter visto o passaporte quando nós fomos ao lado da Igreja de Santa Maria del Camino pegar o carimbo da credencial? – perguntei-lhe novamente.

– Sim, eu vi meu passaporte ali – disse ele.

– Fique tranqüilo, Levy, pois acredito que vamos achar seu passaporte lá, porque depois daquele momento eu acompanhei todos os seus passos e você não mexeu mais nos seus documentos. Fique calmo, Deus é bom, vai nos ajudar e vamos encontrar tudo!

Perder o passaporte naquela fase da viagem significava um grande problema não só para o Levy como para todos nós. Quanto aos cartões de crédito, a solução seria suspendê-los. E o dinheiro? A turma emprestaria algum para ele. O problema, agora, era o passaporte. Só aí lembrei-me de Júnior, que não havia chegado até o momento. Bem, o sumi-

ço de Júnior teria que ficar para segundo plano. Depois a gente pensava nele. A prioridade era o passaporte de Levy.

Perguntamos a Cezar Acero, o dono do restaurante e hospedaria, se existia um táxi na vila e ele respondeu que não. Como ele percebeu a nossa preocupação, prontificou-se a nos levar até a cidade de Carrión de Los Condes em seu veículo particular.

Cezar disse-nos que a senhora que carimbava as credenciais morava ao lado da igreja e era para lá que nós iríamos. No Caminho uma escuridão total e, muitas vezes, no carro, o silêncio tornava ainda mais pesado o ambiente. Foi a primeira vez que vi Levy tão preocupado em toda a viagem. Ao chegar na casa da senhora espanhola, batemos à porta e eu, afoitamente, falei:

– Somos brasileiros e estamos procurando...

– Quem é o Sr. Levy de Souza? – interrompeu-me ela.

– Levy, ela sabe o seu nome! Ela achou o seu passaporte – gritei eu, todo feliz, e dando dois beijos na velha senhora.

Ela havia achado os documentos e, inclusive, havia telefonado para alguns albergues vizinhos para avisar o acontecido. Levy, todo feliz, não sabia nem o que falar ao receber seu passaporte, cartão de crédito e todos os dólares intactos.

Após agradecer muito e fazermos uma doação para as obras assistenciais da igreja, que ela tomava conta, já que ficamos receosos de dar uma gratificação diretamente para ela, nos despedimos e fomos até o carro.

– Cézar, você já nos ajudou bastante ao achar os documentos de Levy. Precisamos de um segundo favor seu. Nosso amigo, Júnior, que está conosco, perdeu-se pelo Caminho e precisamos achá-lo. Você pode nos ajudar novamente? – perguntei-lhe.

Cézar gentilmente concordou e começamos a dirigir vagarosamente pela estrada em direção à Calzadilla de la Cueza. Entramos, inclusi-

ve, em dois pequenos povoados, Cervatos de la Cueza e Quintanilla de la Cueza, e nada de Júnior. Mais na frente ele resolveu passar por um pequeno atalho quando o farol mostrou um vulto se movendo fazendo sinais com algo no solo. Chegamos mais perto e eis que estava lá Júnior com seu casacão verde, chapéu característico e a bicicleta no chão.

Quando ele nos reconheceu, fez a maior festa e entrou rapidamente no carro. Levy, que estava muito feliz por ter achado o passaporte, prontificou-se a pedalar a bicicleta até a vila, sob os faróis do carro. Júnior explicou que por ter parado, várias vezes, para fazer fotografias do pôr-do-sol, acabou enganando-se e entrando em uma outra estrada e, por isso, se perdeu de nós.

Bem, entre mortos e feridos todos estavam salvos. Agora, o momento era retornar para o restaurante e jantar.

Após agradecermos muito ao Cézar, fomos dormir no albergue. Nessa noite o horário de 22 horas para fechamento do albergue foi descumprido e quando fechamos sua porta já era quase 1 hora da madrugada. Deitamos nos colchonetes existentes e dentro dos sacos de dormir, antes de fechar os olhos, lembrei-me de algo. Na noite anterior Levy e Júnior haviam me resgatado na estrada e hoje à noite foi a minha vez de ajudá-los. É, o mundo dá muitas voltas. Orei agradecendo a Deus e dormi.

Refletindo...

- *O primeiro passo para alguém resolver um problema é tentar manter-se calmo.*
- *Não tenha receios de pedir auxílio aos outros quando necessitar.*
- *Nós nunca sabemos o dia de amanhã na vida. Tudo pode mudar, logo...*
- *Os empreendedores não só pensam. Eles agem sempre.*

CAPÍTULO 18

8º dia: frio, chuva e muito vento

Calzadilla de la Cueza – Mansilla de las Mulas

"Um homem não está acabado quando ele é derrotado, mas sim quando desiste."
(Richard Nixon)

Por volta das 7 horas, acordamos. Neste 7 de maio, quarta-feira, o Albergue de Calzadilla de la Cueza estava ocupado apenas por Levy, Júnior e eu, 100% Brasil. O local era muito simples e estava um pouco abandonado. No térreo, os banheiros eram bastante limpos e no piso superior havia apenas duas camas e 19 colchonetes. Na noite anterior havíamos dormido tarde e conversado até de madrugada sobre as peripécias do dia. Já tranqüilos, rimos muito sobre tudo o que tinha acontecido. O clima entre nós três estava realmente muito bom.

Na parede do albergue havia um cartaz com uma mensagem que eu já havia lido em Roncesvalles. O conteúdo que me fez refletir bastante dizia o seguinte:

"A porta deste Hospital de Roncesvalles se abre a todos, enfermos e sãos, não somente aos católicos e sim a todos os pagãos, judeus, hereges e ociosos."

Após arrumarmos todos os nossos materiais, fomos tomar café da manhã no hotel do Cézar Acero. Cézar, um espanhol muito simpático, já morou no Brasil, durante um ano, quando trabalhou no Rio Grande do Sul. No seu hotel ele já hospedou personalidades que fizeram o Caminho como Paulo Coelho, Baby Consuelo, Ana Sharp, Shirley Maclaine, Paulo Sérgio Valle e muitos outros. De todos os livros espanhóis e brasileiros que ele já leu sobre o Caminho, elogiou muito o Caminho Real, da terapeuta Ana Sharp.

Após tomarmos nosso café, com muito pão e chocolate quente, agradecemos ao Cézar toda a ajuda na noite anterior e partimos para o nosso destino daquele dia. A nossa perspectiva era chegar à tarde na cidade de León. Eram "apenas 80 km" e a estrada não parecia ser muito irregular.

Logo nos primeiros minutos, uma triste constatação. O fortíssimo vento não permitia uma boa velocidade e em alguns trechos, até mesmo em descidas que normalmente faríamos sem pedalar, a força do vento era tamanha que fazia a bicicleta parar. Após 3 horas de viagem, sendo que metade do tempo empurrando a bicicleta a pé, conseguimos, Levy e eu, vencer os 22 km do percurso e chegar a Sahagún. Júnior, logo no início, avisou que não ia acompanhar o nosso ritmo e se houvesse problema ele se manteria na estrada para ser visto pelo Carro de Apoio.

Na cidade de Sahagún procuramos um lugar para nos abrigar da chuva e do frio e nos dirigimos à Igreja de San Tirso, do século XII e estilo românico, toda construída em ladrilhos e com uma bonita torre quadrada.

Na igreja, orei muito e até mesmo questionei se todo este vento era uma provação que teríamos que passar. Estava exausto, com as pernas doloridas e ainda sentindo muito frio, apesar de estar vestido com três camisas, um casaco, dois pares de luvas, dois pares de meias, uma bermuda de ciclista por baixo e duas calças por cima, inclusive de moletom. Na cabeça tinha um capuz, óculos e um cachecol no pescoço.

A moça que trabalhava na igreja informou-nos que o Instituto de Meteorologia local estava prevendo mais dois dias de muito frio, chuva,

vento e neve. Disse também que toda a Cordilheira Cantábrica estava coberta de neve e que já estava nevando em volta da cidade e que, provavelmente, poderíamos pegar uma nevasca.

Após almoçarmos um filé de merluza, dirigimo-nos ao Albergue de Sahagún para descansarmos um pouco e decidir o que fazer. Nós havíamos combinado, no dia anterior, com o grupo que foi para León que eles às 15 horas voltariam pela estrada e albergues procurando Júnior, Levy e eu, verificando se estava tudo correndo bem. Como chovia ainda muito, resolvemos dormir um pouco.

Com todas aquelas roupas deitei-me na cama do albergue e cansado caí em um sono profundo até que senti algo molhado passando pelo meu rosto e acordei. Que susto tomei! Era um enorme cão, que parecia ser da raça pastor alemão, que subiu na minha cama e estava lambendo-me e brincando comigo. O grito que dei acordou Levy, que riu muito da situação.

Depois de ter sido acordado desta maneira inusitada, tomei a decisão de seguir o Caminho sozinho, já que Levy, que também estava muito cansado, preferiu ficar no albergue aguardando a provável chegada do Carro de Apoio. Combinamos que quem encontrasse o restante da turma, avisaria a posição de cada um de nós, inclusive a de Júnior que havia ficado atrasado.

Segui caminho debaixo de chuva fina e lembrei-me de minha família e de minha mulher. Senti muitas saudades de Celinha e ao ver uma cabine telefônica na saída da cidade resolvi parar e telefonar para o celular dela no Brasil. Após conversarmos um pouco, fiz-lhe um convite:

– Celinha, por que você não vem aqui para a Espanha encontrar-se comigo, em Santiago de Compostela. Você pode chegar uns dois dias antes e aguardar-me – disse eu.

– Não, Lucas, isso é impossível – disse ela. Estou com muito trabalho aqui na empresa.

– São apenas alguns dias, uma semana no máximo – argumentei eu.

– É impossível a minha viagem. Estamos concluindo a Coleção Verão, que é a nossa principal coleção do ano e os tecidos diferenciais ainda não chegaram e seria uma irresponsabilidade minha largar tudo isso para encontrar-me com você – retrucou ela.

Realmente ela tinha razão. Seria muito perigoso para a empresa, ela, que é responsável pela área de Criação e Desenvolvimento de Produtos da marca COBRA D'AGUA, largar o trabalho no meio e arriscar perder ou mesmo prejudicar as vendas do segundo semestre.

Ela estava certa, porém uma coisa estava mudando em nosso relacionamento de todos esses anos. Em mais de 20 anos de vida em comum, a rotina era sempre ela chamar-me para passear e viajar e eu alegava sempre a impossibilidade devido ao trabalho. Agora era exatamente o contrário que estava acontecendo, cada um tomando a posição inversa. É, o Caminho de Santiago estava obrigando-me a refletir mais sobre a necessidade de sermos empáticos no nosso dia-a-dia e nos colocarmos sempre na posição e situação do outro.

Voltei para a estrada e peguei a Carretera N-120. Cheguei em um trevo, onde tive dúvidas do caminho correto a seguir e após optar por uma das alternativas comecei a forçar o ritmo para vencer as forças do vento e tentar chegar a León ou mesmo ser encontrado pelo Carro de Apoio.

Após muitas horas pedalando, começou a escurecer. Já havia passado das 21 horas e nem sombra do Carro de Apoio. Realmente a nossa estrutura não estava funcionando, pois fiquei o tempo todo na estrada e nem sinal deles. Até mesmo quando parei em um restaurante para tomar um chocolate quente, deixei a bicicleta, que já era conhecida, por todos, em pé na beira do asfalto para sinalizar que eu estava ali aguardando-os. Fiquei imaginando onde poderiam estar Levy e Júnior, já que acreditava que o restante do grupo (Josias, Rui, Maurinho, Márcio, Franco e Luciano) estaria em León fazendo compras, passeando ou mesmo descansando.

Já estava escuro, com o relógio marcando 22 horas, quando entrei em uma cidade chamada Mansilla de las Mulas, uma grande fortaleza

medieval cercada de muralhas, e procurei o Albergue dos Peregrinos para pernoitar. Na minha mente, eu questionava muito a correria com que o Caminho estava sendo feito por mim, transformando-se numa prova de resistência. Não era isto o que eu pretendia com o Caminho. Eu queria curtir mais os vilarejos e cidades medievais ao longo do percurso, conversar mais com os moradores locais, conhecer mais a história e a cultura. A decisão de chegar a Santiago no dia 12 de maio, que tomamos de comum acordo, não estava mostrando ter sido a mais adequada.

Quando entrei no albergue, no mural um cartaz dizia: *"Quanto mais lento o passo, mais bonito fica o caminho"*. Acredito que esta mensagem reforçou ainda mais os meus pensamentos.

Como eu havia chegado tarde ao albergue, pedi permissão ao rapaz que parecia ser o responsável pelo local para eu poder retornar mais tarde porque eu estava com muita fome e iria jantar no restaurante ao lado. Muito gentil, ele concordou e só pediu-me para não fazer barulho, pois a maioria dos peregrinos que ali pernoitavam já estavam dormindo.

No restaurante, pedi o "prato do dia", que ao custo de 900 pesetas (cerca de 6 dólares), compreendia uma garrafa de vinho tinto, uma jarra d'água, sopa de pescado (cerca de duas a três porções), cesta de pão, dois filés de pescado, salada e arroz com leite como sobremesa. A comida era muito farta e apesar de ter comido muito, ainda sobrou uma boa parte. Uma coincidência: a garrafa de vinho que tomei era da marca San Tirso, o mesmo nome da igreja onde fiquei meditando bastante tempo em Sahagún.

Ainda no jantar, abri o mapa e descobri um erro que me custou cerca de 2 horas de viagem. Eu havia entrado em uma estrada que me fez pedalar algo em torno de 20 km a mais do que uma outra opção existente. Acreditei até que este fato possa ter gerado o desencontro com o Carro de Apoio. Independente disso, eu não estava satisfeito com o ritmo que eu próprio estava empreendendo, pois eu estava forçando demais o meu corpo. Pedalar todos os dias cerca de 8, 10, 11 horas era demais. Eu nunca fui atleta e não seria agora, depois de me tornar qua-

rentão. No fundo estava havendo uma disputa interna entre a minha mente e o meu corpo e, talvez, quem estivesse mais sofrendo com isso era o meu coração. Realmente, isso acontecia com freqüência na minha vida, pois a minha cabeça sempre imprimiu um ritmo mais veloz e forte do que o meu próprio corpo permitiu. Muitas vezes eu temia pela minha própria saúde em virtude do excesso de persistência que possuo para atingir minhas metas, o que faz com que esta minha virtude ultrapasse os limites e se torne o lado obscuro de uma força. Eu tenho que equilibrar esta minha característica comportamental. Bem dosada é uma grande vantagem competitiva para mim e minha empresa, mas mal dosada pode ser fatal para a minha pessoa.

Um fator que tem desestimulado o grupo a permanecer na estrada pedalando é a extrema força do vento. Agora eu estava entendendo por que os jornais locais, na seção de Meteorologia, davam tantas informações sobre a intensidade e direção dos ventos. Nos últimos três dias encontramos ventos fortíssimos e sempre na direção exatamente oposta para onde nos dirigíamos. Até mesmo Levy e Maurinho, que de nossa turma eram os que mais tinham resistência física, não estavam agüentando.

Fui para a cama quase à meia-noite, e devido ao frio e os demais peregrinos já estarem dormindo; dormi sujo depois de percorrer 77 km em cerca de 8 horas, a maior parte debaixo de chuva e forte vento. Por medida de precaução deixei também um bilhete com meu cartão de visita na porta de fora do albergue, pois ainda tinha esperança de ser encontrado pelo Carro de Apoio.

Após orar e agradecer a Deus por ter-me protegido durante o dia, adormeci pesadamente.

Refletindo...

- *O entusiasmo é fundamental para a realização de qualquer meta.*
- *Precisamos, na vida, aplicar mais o conceito de empatia. Colocar-se no lugar dos outros é um grande aprendizado.*
- *Se necessário, reveja suas metas. Apesar de ousadas, elas têm que ser realizáveis.*
- *Os empreendedores por serem autoconfiantes, muitas vezes mantêm seus pontos de vista, mesmo diante de opiniões contrárias.*

9º dia: o reencontro e muita neve

Mansilla de las Mulas – Astorga

"No meio de toda dificuldade existe sempre uma oportunidade."
(Albert Einstein)

Acordei às 6 horas da manhã com meu relógio despertando e verifiquei que, apesar de estar ainda escuro, boa parte dos peregrinos, a maioria alemães e holandeses, já estava pronta para partir.

Após inspecionar a bicicleta e amarrar a mochila no bagageiro saí do albergue. Na porta ainda estava o meu bilhete, o que significava que o grupo não havia passado por ali naquela noite. Deixei um novo recado, na porta, com meu cartão de visita avisando que estava bem e dirigindo-me para a cidade de León, sendo que a perspectiva era chegar lá por volta das 9h30min, pois a distância era de cerca de 20 km.

O frio continuava intenso mas, felizmente, não chovia mais. Minhas pernas e, principalmente, meus joelhos estavam doloridos, porém eu tinha que seguir viagem. Em uma lanchonete, tomei café com pão e um bom chocolate quente. Uma música lenta tocava no local e isto deixou-

me ainda mais calmo. Eu estava muito tranqüilo, apesar de estar perdido do grupo. Cheguei a pensar em telefonar para o Brasil mas, com a diferença de fuso horário de 5 horas, lá em Vila Velha ainda era madrugada e eu não queria assustar ninguém. Como eu estava bem e acreditava que Levy e Júnior já deveriam ter sido resgatados pelo grupo não havia o que temer. Agora, o meu destino era a Catedral de León.

Após 21 km e duas horas e meia de muito vento e pouca chuva cheguei a León. León é uma grande cidade de origem romana e durante a Idade Média foi de importância fundamental para o Caminho de Santiago, pois nela convergiam os peregrinos franceses que vinham pela costa norte e atravessavam a Cordilheira Cantábrica por Pajares e Argas. O número de carros nas avenidas e ruas era muito grande e devido ao intenso trânsito tive dificuldade em chegar até a Catedral de Santa Maria de la Regla, o ponto de encontro que havíamos marcado para as 18 horas do dia anterior, e minha esperança era encontrá-los hoje no mesmo local.

A Catedral de León, do século XIII, é um dos mais belos exemplares da arquitetura gótica e uma das mais belas do mundo, com destaque para os seus pórticos.

No pátio em frente à Catedral nem um sinal do grupo. Perguntei a algumas pessoas que ali estavam se haviam visto alguns brasileiros de bicicleta e a resposta foi negativa. Resolvi, então, entrar na Catedral para conhecê-la e orar um pouco, tendo o cuidado de deixar a bicicleta do lado de fora para servir de referência para a turma.

Ao sair, ainda fiquei um bom tempo em frente da Catedral até que entrei em uma agência de turismo que ficava em frente e, após muitas perguntas, informaram-me que no dia anterior alguns brasileiros ficaram ali dentro esperando alguns companheiros que chegariam às 18 horas e que após esperar muito, eles se foram, mas não sabiam para onde.

No jornal de León deste dia 8 de maio, quinta-feira, encontrei notícias do Brasil dizendo que o leilão da CVRD – Cia. Vale do Rio Doce – havia sido suspenso com muito tumulto. As notícias locais indicavam,

também, que havia muita neve nas cordilheiras em volta da cidade e que no dia anterior, ao meio-dia, havia nevado na cidade, sendo que os ventos fortes continuariam. Resumindo, hoje também estava impraticável pedalar, mas o meu problema, agora, era reencontrar o grupo.

Resolvi procurá-los no Albergue dos Peregrinos, no Convento das Madres Beneditinas e lá eles, também, não estavam. As freiras foram muito gentis comigo e perguntaram-me se eu tinha notícias do bispo da Amazônia e dos padres que estavam fazendo o Caminho, e eu respondi que, nos últimos dias, desde Nájera, eu não havia tido mais notícias deles, mas acreditava que dentro de três a cinco dias eles deveriam estar chegando a León. Pedi-lhes, para guardar a bicicleta no Convento e elas consentiram.

Como haviam-se esgotado, praticamente, minhas chances de achá-los, decidi, então, buscar informações no Brasil sobre o destino deles e se não obtivesse êxito iria pedir à polícia para procurar informações nos hotéis e pousadas locais.

Ao telefonar para minha residência, acordei minha mulher e, para minha alegria, ela logo informou-me que Rui Abreu estava à minha procura desde o dia anterior e deu-me o telefone da Pensão León, onde todos estavam. Fiquei muito feliz com isto e logo mantive contato telefônico com eles, e as novas notícias eram que Júnior havia sido achado na estrada após ter pego neve e se escondido em um bueiro, o Levy continuava sumido e a bicicleta do Franco havia sido roubada na madrugada anterior.

Marcamos encontro na Praça da Catedral. Enquanto pegava a bicicleta no Convento e aguardava a turma eu refleti, mais uma vez, sobre o nosso grupo. Apesar de todos terem a intenção de fazer o Caminho, cada um queria fazê-lo à sua maneira, com tempos, meios e roteiros diferentes. Assim ficava realmente difícil conciliar os interesses e percebi que o que acontecia com nossa turma na viagem, no fundo, era o que ocorria em um grande número de empresas, onde as faltas de planejamento, consenso e comprometimento da equipe criavam difi-

culdades para atingir as metas propostas. Mais uma vez o Caminho fazia-me refletir sobre estratégia empresarial e a importância do trabalho em equipe.

Acredito que nesta viagem o mais sensato era cada um fazer o trajeto à sua maneira e, possivelmente, nos encontrarmos somente em Santiago. Em nossas empresas é necessário muito "jogo de cintura" para poder compatibilizar os interesses da organização com os talentos existentes e seus diferentes estilos. Este equilíbrio é fundamental para a organização manter os indivíduos motivados e fazer com que as metas da empresa sejam alcançadas.

O nosso encontro foi com muita festa, mas havia uma ausência: Levy. A última vez que eu o havia visto foi acerca de 24 horas antes, no Albergue de Sahagún e propus ao grupo retornar com o Carro de Apoio, pela mesma estrada, para tentarmos achá-lo e ao mesmo tempo procurando-o em todos os albergues.

Às 13h30min, perto de Mansilla de las Mullas, finalmente achamos Levy que vinha pedalando. Ele contou que, no dia anterior, ficou esperando o grupo até as 2 horas da madrugada, em frente ao albergue, e quando sentiu que ninguém chegaria quis dormir no local, mas não havia mais vaga e ele teve que se deitar na varanda do albergue, dentro do saco de dormir. Apesar dele ter ficado chateado com a turma que estava no Carro de Apoio pelo desencontro, ficou tudo bem. Afinal, mais uma vez, entre mortos e feridos, todos nós estávamos salvos.

Como a previsão do tempo era ainda de frio e neve, e por causa do adiantado da hora tomamos a decisão de não pedalar mais neste final de tarde e descansarmos um pouco visitando a Cordilheira Cantábrica, que estava coberta de neve. Tomamos a Rodovia N-630 com direção a Oviedo e Gijón, que fica no litoral norte da Espanha.

Os picos nevados, com altitude de 1.500 a 2.000 metros, estavam todos cobertos com muita neve e depois de tantos dias de cansaço e desencontros nos divertimos muito, como crianças brincando na neve. Realmente o local era muito bonito e convidativo.

Dali seguimos, diretamente, para a cidade de Astorga, a "Astúria Augusta" dos romanos, com suas velhas muralhas, onde chegamos no início da noite.

O destaque na cidade é o Palácio Episcopal de Antônio Gaudí, uma obra neogótica fabulosa do final do século XIX, somente comparável em importância com a Sagrada Família, em Barcelona. A Catedral de Santa Maria, também, com sua fachada barroca de pedra rosada, é o outro monumento importante da cidade.

À noite, o grupo confraternizou-se em uma pizzaria, onde relembramos, com muita alegria, todos os passos que demos no Caminho, desde o início da idéia, no Restaurante Old Town, até a presente noite. Estávamos todos muitos felizes.

Nesta noite dormi rapidamente.

Refletindo...

- *Descansar a mente e o corpo é essencial para recarregarmos nossas energias.*
- *"Quem tem boca vai a Roma", diz o velho ditado.*
- *Não adianta ficarmos nos queixando da sorte. Temos que ir à luta e esforçar-nos muito para atingir nossas metas.*
- *Nosso destino é criado por nós mesmos, dia após dia.*

10º dia: pedalando nas nuvens

Astorga – Ponferrada

"Vê mais longe a gaivota que voa mais alto."
(Richard Bach)

Neste dia 9 de maio de 1997, sexta-feira, acordamos um pouco tarde com o dia claro porém ainda frio. Tomamos o café da manhã na própria pousada e, após prepararmos todas as bicicletas, decidimos conhecer um pouco mais a cidade de Astorga, antes de partir.

Porém, logo na porta do próprio hotel, um senhor nos avisou que no trecho que iríamos passar, principalmente em Rabanal del Camino e Foncebadón, estava nevando e fazendo muito frio, e teríamos que tomar muito cuidado. O grupo decidiu fazer assim mesmo o trecho, e se houvesse algum problema o Carro de Apoio nos atenderia.

Apesar da alegria do grupo, Luciano mostrava-se muito preocupado pois havia telefonado para o Brasil na noite anterior e constatou alguns problemas no seu frigorífico. Se o problema persistisse, ele teria que antecipar seu retorno.

Os jornais espanhóis continuavam citando a privatização da Cia. Vale do Rio Doce e, como grande manchete, a decisão do Campeonato Espa-

nhol de Futebol, que aconteceria no dia seguinte, no jogo Real Madrid x Barcelona. Pelo visto, não éramos só nós, brasileiros, fanáticos por futebol.

O Palácio de Gaudí, que visitamos inicialmente, era mesmo maravilhoso, uma linda obra iniciada em 1899 e concluída em 1913, com o seu estilo neogótico, abrigando ainda um templo e um museu. No segundo andar, encontramos um quadro idêntico ao que existe no Convento da Penha, em Vila Velha/ES. Apesar da proibição de fotografias, Júnior resolveu fotografá-lo para fazer a comparação depois. Segundo ele, "uma fotografia só" não iria causar qualquer dano à obra de arte. Vimos, também, uma pintura de Santiago Matamoros similar a um quadro que existia no Restaurante Old Town, de propriedade de Júnior. Ficamos mesmo maravilhados com tudo que estávamos conhecendo.

Após deixarmos o Palácio Episcopal de Gaudí, o nosso grupo, constituído naquele momento por Levy, Rui, Maurinho, Júnior e eu, dirigiu-se à Catedral de Santa Maria, outro grande monumento da cidade de Astorga, com sua fachada barroca de pedra rosada. Os demais componentes da turma (Josias, Luciano, Franco e Márcio) já haviam tomado outro rumo e nosso amigo "Serjão" que retornou mais cedo, possivelmente já estaria em Vila Velha.

No interior da catedral assistimos a uma missa e, durante todo o tempo que estava orando, emocionei-me e fiz vários pedidos a Deus, nenhum deles de cunho pessoal, todos muito abrangentes e até mesmo globais. Acreditava, naquele momento, e continuo acreditando, que, se houver mais fraternidade e paz entre os homens, governantes mais competentes com visão de futuro e se preocupando verdadeiramente com seu povo, mais paciência e amor entre todos nós, menos orgulho e egoísmo e mais solidariedade, certamente iremos viver em um mundo bem melhor. Se isto acontecer realmente, a maioria dos pequenos pedidos pessoais que fazemos a Deus não terá mais sentido pois com os "problemas macro" resolvidos, os demais conseqüentemente o serão.

É a mesma situação de nossas empresas. Se procurarmos resolver os problemas prioritários, os essenciais, logo uma série de pequenos problemas secundários não mais existirá.

Comungamos e após o término da missa saímos da catedral e nos dirigimos à Carretera LE-142, porque o nosso destino naquele dia era a cidade de Ponferrada, com a primeira parada programada para a localidade de Rabanal del Camino. Nos primeiros quilômetros sentimos que a subida seria constante e o frio começou a apertar. Tive que parar para colocar mais roupas, inclusive luvas e gorro de lã, do tipo "passa montanhas" que encobre toda a cabeça e possui furos na altura dos olhos, para proteger-me do frio. Meu corpo estava totalmente coberto e os olhos ainda protegidos por óculos. Os minutos que gastei fizeram-me atrasar-me de todo o grupo.

Numa pequena localidade à frente, encontrei-me com Júnior que, como sempre, já havia, também, se distanciado do restante do grupo e ficado para trás. Ele estava em frente de uma igreja, tentando fotografar uma cegonha que estava na sua torre. Chamei-o para vir comigo, mas ele disse-me para não me preocupar com ele pois se se atrasasse muito ele pegaria, depois, o Carro de Apoio.

À medida que eu pedalava, mais se via a beleza dos picos nevados à frente. A maior parte do topo das montanhas estava coberta de neve e, apesar do frio intenso, havia um lindo sol. Fiquei na dúvida se o caminho que iríamos seguir passava realmente nos picos nevados, mas o jeito era seguir em frente. Ofegante e muito cansado, encontrei-me, duas horas depois, com a turma em Rabanal del Camino, pequena cidade que ficava a 1.156m de altura e sua fundação teve origem no século XII.

Ao conhecermos o Albergue de Rabanal constatamos que era, até o momento, o mais bonito e organizado que havíamos encontrado. Nele havia lareira, telefone, biblioteca, quartos especiais, separados dos demais, para quem roncava, camas metálicas com boas roupas de cama. Era realmente um lindo refúgio.

Este albergue foi construído através de doação da Associação Inglesa dos Amigos de Saint James (Saint James significava São Tiago

em inglês) e o local apresentava algumas estatísticas interessantes, referentes à hospedagem de peregrinos. Por exemplo, nos anos de 93, 94 e 95 hospedaram-se ali, respectivamente, 6.477, 4.037 e 4.994 peregrinos, sendo que de nacionalidade brasileira eram 26 no ano de 93, 46 em 94 e 48 em 95. Os países que mais apresentavam peregrinos eram, em primeiro plano, Espanha, Alemanha e França, e depois Bélgica e Holanda.

Antes de seguir caminho com destino a Foncebadon, que ficava a apenas 6 km de distância, mas com subidas bastante íngremes, telefonei para o Brasil e falei com minha mulher Celinha. Estava com muitas saudades dela e das minhas filhas.

Ao chegarmos a Foncebadon nos deparamos com as ruínas de algumas poucas casas e palhoças. A vila, que fica em frente ao Monte Teleno de 2.188m, é apenas ruínas e após tirarmos muitas fotos e até brincarmos na neve continuamos a viagem até a Cruz de Ferro, mais um símbolo do Caminho de Santiago de Compostela.

Nestes últimos quilômetros, entre Rabanal del Camino, Foncebadon e a Cruz de Ferro, empurrei a bicicleta porque em virtude da estrada ser muito íngreme, a velocidade normal pedalando na marcha 11 era de 5 a 6 km/hora, o que aumentava, ainda mais, as dores que eu estava sentindo nos dois joelhos. Porém, quando eu empurrava a bicicleta as dores sumiam e a velocidade caía para cerca de 4 km/h, o que dava uma diferença de apenas 1 a 2 km/h. Assim, sempre que a subida era muito acentuada eu, automaticamente, saltava da bicicleta e a empurrava. Era o único jeito de aliviar as dores nos joelhos.

A Cruz de Ferro, de 1,5m, fica numa altitude de 1.515m e se encontra cravada no topo de um poste de madeira de mais de 5m, cuja base possui um monte de pequenas pedras que foram ali depositadas por peregrinos ao longo dos séculos. A tradição milenar diz que todos os peregrinos que fazem o Caminho de Santiago de Compostela e passam pela Cruz de Ferro devem depositar e jogar pedras na base da cruz, mas não consegui identificar em vários livros o real motivo desta tradição.

Maurinho, Márcio e eu fixamos no poste da Cruz uma pequena bandeira do Brasil. Ao lado dela, já estava também uma pequena bandeira da África do Sul que foi depositada por um peregrino sul-africano, engenheiro, que havia se encontrado anteriormente com alguns membros do nosso grupo.

Após fazermos algumas orações no local continuamos o caminho para o nosso destino daquele dia, que era a cidade de Ponferrada, sendo que poucos minutos depois avistamos, ao longe, uma nuvem de chuva muito escura que se dirigia diretamente para nós. Para nossa surpresa, acabamos entrando no meio da nuvem. Era uma sensação muito estranha, pois Maurinho, Márcio e eu nunca havíamos tido esta experiência, de pedalar em uma estrada muito alta no meio de uma nuvem e quando nos distanciávamos cerca de 50m um do outro já não nos enxergávamos. O jeito era continuar pedalando debaixo de uma pequena chuva fria e fina, olhando para o chão do Caminho todo molhado com neve ao lado e uma neblina que impedia a visão de tudo que estava a nossa volta. Essa situação durou cerca de 2 km.

Foi uma sensação muito estranha e diferente, mais uma vez refleti sobre tudo que estava acontecendo com todos nós e, principalmente, comigo. É fundamental sairmos da rotina do dia-a-dia e viajarmos, conhecermos novos locais, novas pessoas, novos hábitos. O Caminho de Santiago de Compostela, com toda sua simplicidade, estava me proporcionando tudo isso, obrigando-me a repensar meu comportamento e valores. Sugiro a todos empreendedores que, na medida do possível, destinem parte de seu tempo para novas experiências de vida, mesmo aquelas que sejam de estilo oposto ao seu dia-a-dia rotineiro. Certamente o aprendizado irá superar, em muito, as expectativas.

Após sairmos da nuvem, entramos na parte boa da viagem, isto é, o mapa indicava que os próximos 15 km seriam somente de descida. E foi realmente o que aconteceu.

Neste trecho, um outro fato inédito aconteceu comigo. Já que a estrada era perigosa, com grandes penhascos e curvas sinuosas, a velocidade permitida para veículos era de no máximo 40 km/h. Só que a sen-

sação de liberdade e a adrenalina da velocidade falavam mais alto. Em uma grande parte do trecho eu desci na "banguela", isto é, sem pedalar, e ultrapassava freqüentemente a velocidade permitida. Em alguns pontos o velocímetro da minha "magrela" registrou 59 km/h. Em alguns pontos nas curvas entrava tangenciando em alta velocidade, reconheci que exagerei um pouco pois, se errasse qualquer curva e o freio falhasse, com todos aqueles penhascos, certamente meu Caminho terminaria ali e você não estaria lendo este livro agora. Descemos no total cerca de 1.000 metros de altitude em apenas 20 minutos.

Um pouco antes de chegarmos a Ponferrada, na cidade de Molinaseca, a corrente da bicicleta de Márcio quebrou e tivemos que parar para consertá-la. Uma coisa que me chamou a atenção nesta localidade é que eles aproveitaram o rio que corta a cidade e fizeram várias represas, tipo piscina, para utilização dos moradores locais. Esta é uma idéia que poderíamos usar em várias cidades do Brasil, desde que, é claro, as águas não fossem poluídas. É, mais uma vez, vivendo e aprendendo. Tirei algumas fotos destas piscinas, quem sabe, para uso futuro.

Para nossa surpresa, Ponferrada, às margens do Rio Sil, era uma cidade bem maior do que pensávamos e gastamos algumas horas para conseguir reunir todo o grupo, já que Rui e Josias, que estavam juntos de bicicleta, haviam se desencontrado de nós. Franco, cuja bicicleta havia sido roubada em León, decidiu percorrer o trecho a pé e não havia aparecido até o momento. O Carro de Apoio retornou e conseguiu encontrar Franco no alto das montanhas, tendo ele andado sozinho, a pé, 41 km naquele dia.

Franco, por ser muito criativo e caracterizar-se por ter muitas idéias não-convencionais, chegou a pensar em ficar morando durante uns tempos nas ruínas de Foncebadon, pois era seu interesse viver um pouco na Europa após concluir o Caminho de Santiago.

Ao procurarmos o Albergue dos Peregrinos de Ponferrada, uma decepção. Ele estava, praticamente, abandonado e lá só tinha um único hóspede, um japonês da cidade de Kobe e ele mesmo nos mostrou as péssimas condições do local. Após carimbarmos nossa credencial, procuramos um restaurante para jantar e depois um hotel para dormir.

Naquela noite refleti, mais uma vez, sobre tudo que estava acontecendo no Caminho. Verifiquei o quanto era importante, para mim, a minha família, a necessidade de delegar funções ainda mais na empresa, para que, gradativamente, eu possa afastar-me das funções operacionais e concentrar-me mais nas estratégicas.

Reavaliei, também, a melhor forma de se fazer o Caminho de Santiago de Compostela. Acredito que a melhor maneira é fazê-lo a pé, com poucas pessoas e, mesmo assim, procurando, ao longo do dia, passar o maior tempo caminhando sozinho, para poder refletir sobre você mesmo. Espero poder, no futuro, fazê-lo totalmente dessa forma.

Refletindo...

- *Defina sempre as prioridades dos problemas a serem resolvidos. Se solucionar os principais, tudo fica praticamente resolvido.*
- *Conheça novas experiências, independente delas serem, às vezes, antagônicas ao seu modo de viver.*
- *Nunca culpe os outros pela sua derrota. O melhor é analisar as causas e tentar mais uma vez.*
- *Esse é do Barão de Itararé: "Sábio é o homem que chega a ter consciência da sua ignorância".*

CAPÍTULO 21

11º dia: estrume & sopa

Ponferrada – El Cebreiro

"Nosso alvo na vida deveria ser não o de ultrapassar os outros, mas o de ultrapassar a nós mesmos."

(M. J. Babcock)

Neste sábado, 10 de maio de 1997, a nossa previsão era chegar até El Cebreiro, que ficava acerca de 52 km de Ponferrada. Esta pouca distância, porém, não significava que teríamos um trecho fácil. Afinal, teríamos que sair da cota de 500m e subir algumas montanhas até o nosso destino final: El Cebreiro ficava a 1.300m de altitude e teríamos de vencer um desnível de 800m. A nossa primeira parada estava prevista para a cidade de Villafranca del Bierzo.

Pela manhã o grupo dividiu-se: Maurinho, Levy e eu, após visitarmos uma feira livre na cidade, nos dirigimos de bicicleta para conhecer o famoso Castelo dos Templários. Luciano, que resolveu antecipar seu retorno por motivos profissionais, decidiu, em conjunto com Franco, alugar um carro e ir direto conhecer Santiago de Compostela e depois seguir para Lisboa, em Portugal, onde pegaria o vôo para o Brasil. Franco iria com ele e depois retornaria, para encontrar o grupo, em Santiago de Compostela. Já a turma formada por Márcio, Rui, Júnior e Josias resolveu consertar as bicicletas.

Após conhecermos o Castelo dos Templários, com suas torres imponentes e grossas muralhas, construídas ao longo dos séculos XII e XIV, pegamos a Carretera N-VI, com destino a El Cebreiro. Nossa meta era chegar antes das 20 horas para que pudéssemos assistir, pela televisão, ao jogo Real Madri x Barcelona e torcermos pelo jogador Ronaldinho que era o destaque, na época, do time catalão.

Um pouco antes de chegarmos a Villafranca del Bierzo passamos pela localidade de Cacabelos, onde encontramos um brasileiro, de Belo Horizonte/MG, chamado Cado. Ele, além de ser jogador de futebol de salão, treinava, também, equipes esportivas femininas de Ponferrada, inclusive de vôlei. Ele ficou muito feliz ao nos conhecer, porque já havia jogado com vários atletas capixabas que atuavam com ele na Espanha. O brasileiro, normalmente, fica muito alegre quando, no exterior, encontra seus conterrâneos.

O Caminho até Villafranca era muito bonito. Levy praticamente almoçou cerejas em um pé à beira da estrada, e por volta de 13h30min chegamos em nossa primeira parada.

Os meus joelhos, principalmente o direito, estavam doendo muito, em virtude do esforço que eu estava fazendo. Porém, como havia prometido a mim mesmo, procuraria fazer o máximo do Caminho de bicicleta e só utilizaria o Carro de Apoio em situações de extrema necessidade. Decidi, então, tomar novos remédios para minimizar a dor e permitir que meu objetivo fosse atingido.

O Albergue de Villafranca del Bierzo estava em reformas e com muitas partes de madeiras cobertas por plástico, parecendo uma barraca de acampamento. Apesar disso, o local era limpo e muito bem atendido por uma moça chamada Maria de Jesus, que além de responsável pelo albergue, também tinha improvisado, no local, um pequeno bar.

Enquanto nós tomávamos um chocolate quente, Maria de Jesus comentou sobre o brasileiro mais conhecido no Caminho de Santiago: Paulo Coelho.

– Muitos brasileiros têm feito o Caminho de Santiago de Compostela e o livro dele ajudou a divulgar toda esta mística. Apesar do texto ser um pouco diferente de nossa realidade, respeito seu ponto de vista pois cada um enxerga o Caminho à sua maneira. Realmente o livro é muito bonito, como se fosse um conto, uma fantasia, pois se citasse apenas a realidade poderia ser apenas mais um guia prático sobre Santiago de Compostela. É o trabalho dele. Afinal, ele é um escritor.

Achei bastante interessante e sensato o posicionamento adotado pela jovem espanhola. Depois do lanche nos despedimos e continuamos o nosso caminho.

Na altura do lugarejo Vega de Valcarce, começou a chover muito forte e tivemos que parar embaixo de uma marquise. Após alguns minutos, a chuva reduziu um pouco e decidimos continuar o Caminho, mesmo debaixo de uma chuva fina.

Mais à frente, Maurinho distanciou-se de nós e acabamos ficando juntos, apenas Levy e eu, que decidimos entrar por um caminho alternativo entre algumas fazendas. A chuva fina estava molhando muito a mochila da bicicleta e eu, por não ter nenhum plástico para cobri-la, tive que tirá-la do bagageiro e colocar nas minhas costas por baixo do casaco plástico. Como a estrada também era muito íngreme continuei empurrando a bicicleta, morro acima, apesar de estar exausto, ofegante e com as pernas bambas. O Levy, que tinha melhor resistência física, já estava cerca de 1 km à minha frente e eu conseguia vê-lo em alguns trechos do Caminho apenas devido ao seu casaco verde, que muitas vezes se confundia com a vegetação.

Ao atravessar alguns pastos ocupados por gado acabei sujando-me todo de estrume de boi. A própria bicicleta estava toda impregnada. Além de molhado eu, também, estava, agora, todo sujo e fedendo. Nos últimos 8 quilômetros até chegarmos a Cebreiro gastamos quase 3 horas para fazer esse pequeno percurso, andando muitas vezes perto de animais, todos eles com guizo no pescoço.

Chegamos a El Cebreiro, ainda debaixo de chuva, por volta das 19 horas. O pequeno povoado possuía apenas oito casas, sendo uma delas hospedaria e outra o Albergue de Peregrinos, que possuía dezenas de leitos. O local, considerado a entrada da Galícia, é muito bucólico, pois lá do alto, apesar da névoa constante, tem-se uma bela vista. O lugarejo teve origem no século IX, quando foi implantado um monastério com igreja e hospital para atender aos peregrinos. Este é considerado um dos trechos mais cansativos do Caminho.

A igreja de Cebreiro conserva bem as características de sua construção do século IX e a restauração feita no século XI. A fama deste Santuário se deve ao milagre (reconhecido pela Igreja Católica) que ocorreu no ano de 1300, quando, durante uma missa celebrada por um padre com pouca fé para um camponês do povoado de Barjamayor, a hóstia se converteu em carne e o vinho em sangue. O relato deste milagre acabou sendo divulgado para toda a Europa, o que atraiu ainda mais os peregrinos.

Mais tarde, quase na hora do jogo, chegou o Carro de Apoio com Josias, Júnior, Márcio e Rui que resgataram, em outra estrada, Maurinho. Eles ainda retornaram para tentar encontrar Levy e eu, mas o desencontro ocorreu porque fomos por outro caminho.

À noite, no restaurante local, enquanto víamos o jogo Real Madrid x Barcelona e secávamos nossas roupas em uma lareira, jantamos uma excelente sopa de legumes, muito quente, com frango. Achei a comida uma delícia. Não sei se por causa realmente do sabor ou da fome que eu estava. Como no outro dia queríamos sair cedo, após o jogo fomos dormir.

O Albergue de El Cebreiro era muito bom, com dois andares, banheiros muito limpos e beliches de dois andares com colchão e travesseiro. Ele abria às 16 horas e fechava às 23 horas, sendo solicitado a todos que às 8 horas deixassem o albergue desimpedido.

Na entrada do albergue havia um quadro onde se lia:

"Peregrino, seja bem-vindo a esta casa! Cuide dela como se fosse sua. Colabore com a sua ordem e limpeza. Utilize corretamente o

que nela encontrar. Pense no que nela passar e que mereça sua gratidão. O peregrino é uma pessoa sensível, muito agradecida, respeita as horas de merecido descanso e procura deixar a casa livre às 8h da manhã. Se possível deixe na porta algum valor. Se não puder, que Deus lhe abençoe. Para nós bastam sua recordação e reconhecimento. Esperamos que São Tiago ilumine o seu caminho até Compostela. Feliz estada aqui em nosso povo!"

À noite, antes de dormir, como de costume refleti mais um pouco sobre a nossa viagem e principalmente sobre os últimos dias. Podíamos perceber claramente que a falta de persistência e determinação de alguns de nós no Caminho, em alguns momentos, no fundo era reflexo do que acontecia na vida pessoal e profissional. O mesmo caso poderíamos citar sobre o Carro de Apoio que, teoricamente, deveria ser bem coordenado e com muito planejamento, já que éramos um grupo grande, heterogêneo, passando por quase 200 vilas, povoados e cidades. Apesar das boas intenções do grupo, a falta da característica comportamental relativa a planejamento indicava, mais uma vez, como nós, brasileiros, somos falhos neste aspecto.

Absorto nestes pensamentos, adormeci.

Refletindo...

- *Para atingirmos um objetivo, sempre temos vários caminhos para alcançá-lo.*
- *As pessoas pouco persistentes sempre encontram motivos para desistir dos seus objetivos.*
- *O atingimento de nossas metas, na maioria das vezes, exige sacrifício pessoal e um esforço extraordinário.*
- *Este pensamento é de Confúcio: "Aquele que cometeu um erro e não o corrigiu está cometendo outro erro".*

CAPÍTULO 22

12º dia: dores e muita persistência

El Cebreiro – Palas de Rei

"Nunca desista."
(Winston Churchill)

Domingo, 11 de maio de 1997. O dia amanheceu chuvoso, frio e escuro. Eu havia acordado às 6 horas da manhã no albergue e cedo muitos peregrinos seguiram o Caminho apesar da chuva fina e contínua.

Como El Cebreiro ficava no alto de um monte, tínhamos dificuldade em enxergar a paisagem embaixo, pois a neblina encobria tudo. Lembrando-me da minha mãe e de minha mulher, porque naquele dia, no Brasil, se comemorava o Dia das Mães, dirigi-me à pousada para acordar os demais companheiros, uma tarefa árdua que no dia-a-dia mostrava todas as nossas diferenças individuais e, muitas vezes, falta de comprometimento com a nossa meta de chegar a Santiago de Compostela. Nesse dia, depois de muita luta, conseguimos sair às 10h10min. Realmente era mais fácil enfrentar as montanhas, chuva, neve, cansaço do que tentar administrar os interesses individuais de cada um.

O nosso roteiro para o penúltimo dia incluía paradas rápidas em Triacastela, Sarria e Portomarín e deveríamos andar pouco mais de

100 km para chegar a Palas de Rei, já que decidimos chegar a Santiago de Compostela na tarde de segunda-feira, 12 de maio de 1997.

Neste primeiro trecho, até Triacastela, havia algumas subidas bastante íngremes que me fizeram empurrar, mais uma vez, a bicicleta de maneira constante. A chuva, o frio e a neblina continuavam intensos e nos locais planos eu procurava pedalar com força, apesar da dor nos joelhos.

Um pouco à frente encontrei um casal de peregrinos ingleses, idosos, com cerca de 70 anos. Eles caminhavam tranqüilamente com suas mochilas e capas plásticas debaixo da chuva e sob neblina. Na pousada, horas antes, eu havia conversado com eles e disseram-me emocionados que tinham dois filhos brasileiros. Como quis saber mais detalhes, eles informaram-me que eram filhos adotivos à distância, com problemas mentais e que eles colaboravam mensalmente com uma instituição filantrópica que cuidava deles. Achei muito bonito o gesto e emocionei-me com este fato. Cumprimentei-os, desejando uma boa viagem e continuei meu caminho.

Em um determinado trecho, onde podíamos pedalar com mais força, encontramos Rui Abreu parado na estrada. Ao chegarmos perto, indagamos o que estava acontecendo e ele respondeu que o frio intenso estava congelando suas mãos e estava tendo dificuldades em manusear o freio e as marchas. A solução foi fazermos uma massagem nas suas mãos, colocarmos luvas e depois um saco plástico para protegê-las. Ficou meio esquisito aquele embrulho em cada mão, mas foi uma solução paliativa que deu certo e permitiu que ele voltasse a pedalar sem problemas.

Uns poucos quilômetros depois, finalmente, começaram as longas descidas previstas no mapa. Houve trechos onde a velocidade permitida para veículos era 30 km/h na estrada e, Rui e eu, juntos, entrávamos tangenciando na curva com velocidades bem superiores. Em alguns casos, cheguei a 56 km por hora. Foi mais uma imprudência, mas o sentimento de liberdade e o fascínio por chegar perto do limite foi maior.

Em Triacastela, primeiro ponto de parada, conseguimos nos encontrar com o grupo quase todo, com exceção, é claro, dos companheiros do Carro de Apoio que, para variar, tinham sérias dificuldades em cumprir os horários acordados. Após tomarmos chocolate quente, resolvemos entrar por uma trilha que liga Triacastela a Sarria e que economizava alguns bons quilômetros. É... vivendo e aprendendo, mais uma vez. Logo no início encontramos tantas dificuldades, inclusive falta de sinalização, que preferimos retornar e voltar a fazer o Caminho pela estrada que passava pelo Monastério San Julian de Samos. Este percurso era bem mais longo, mas, pelo menos, era mais viável fazê-lo de bicicleta e permitia, também, sermos alcançados pelo Carro de Apoio, isto é, se ele aparecesse.

A chuva não parava mesmo e eu sentia-me muito cansado e já estava atrapalhando o nosso grupo que pedalava junto e que, naquele momento, era formado por Márcio, Maurinho, Levy, Rui e eu. Ao passarmos pelo Monastério de Samos, cuja igreja ostentava uma esplêndida fachada barroca, e carimbarmos nossas credenciais paramos em um restaurante à beira da estrada para tomarmos mais café e chocolate quente. Enquanto o grupo decidia esperar a chuva diminuir, avisei-lhes que, como estava muito lento, eu ia sair na frente para não atrasá-los. Estávamos cerca de 130 km de Santiago de Compostela e eu queria chegar, de qualquer maneira, a Palas de Rei naquele fim de tarde, pois acreditava que, no dia seguinte, a distância de 60 a 70 km até Santiago seria feita de qualquer forma na base do coração e muito menos pelas pernas.

Cerca de 2 km à frente caiu um temporal que impedia minha visão da estrada. A solução foi parar debaixo de uma pedra na beira do caminho e aguardar a chuva diminuir. Aguardei alguns minutos e nada da bendita chuva passar. Foi aí que um casal de franceses, de bicicleta, passou pedalando tranqüilamente pela estrada, com todos os equipamento de proteção adequados, e tentei acompanhá-los. Não deu certo. Mais à frente, quando encontrei um abrigo de ônibus, daqueles com vidro em todas as laterais, parei imediatamente.

Enquanto tremia de frio debaixo do abrigo, eu fazia uma avaliação sobre o nosso Caminho. Nós já estávamos desde o dia 25 de abril via-

jando, cerca de duas semanas e meia juntos, e era plenamente natural este desgaste entre o grupo.

Agora estávamos resumidos a sete participantes. Josias e Júnior normalmente andavam no Carro de Apoio. Josias era o piloto oficial e Júnior, em virtude de suas características físicas e por sua bicicleta não ser adequada, acabou virando na maior parte do tempo o co-piloto oficial. A turma da *bike* era composta por Márcio, Rui, Maurinho, Levy e eu. Os três que já haviam partido era o Sérgio Vasconcelos, que se desligou em Logroño, Luciano, que precisou retornar ao Brasil por motivos profissionais e Franco, que foi acompanhá-lo até Lisboa, em Portugal.

A chuva finalmente reduziu e eu voltei para a estrada, sendo que parte do grupo conseguiu encontrar-se na cidade de Sarria. Como veio a notícia de que o Carro de Apoio havia retornado para procurar Júnior, decidimos, Levy, Maurinho e eu, ir direto para Portomarín, que ficava acerca de 30 km dali.

No meio do Caminho consegui telefonar para o Brasil e falar com minha mulher, Celinha, e parabenizá-la pelo Dia das Mães. Contei-lhe sobre meu cansaço e ela incentivou-me dando forças para não desistir e continuar, pois faltava tão pouco para chegar ao destino final.

Santiago: 102 km. Acabei de passar por mais uma placa na estrada. Meu destino estava perto.

Depois de Portomarín e logo após uma localidade chamada Nespereira, encontrei um trevo, com três opções de caminho para chegar a Palas de Rei. Fiquei na dúvida e parei para consultar o mapa. Apesar de ter boas informações na mão, continuei em dúvida qual era a melhor opção, pois à minha frente se descortinavam três alternativas de estrada que, a princípio, atendiam às minhas necessidades que era de chegar à cidade de Palas de Rei. Fiquei alguns minutos parado, sozinho, no cruzamento, quando uma senhora que vinha andando aproximou-se de mim e vendo a concha no meu peito perguntou:

– Peregrino de Compostela?

– Sim, sou brasileiro e pretendo chegar hoje à noite a Palas de Rei e pelo meu mapa tenho três opções – falei eu. Que caminho a senhora me indica?

– Os dois caminhos laterais (esquerda e direita) são por estradas e, também, chegam lá, mas este aqui à frente passa por fazendas e é o Caminho oficial de Santiago de Compostela – disse ela.

Agradeci as informações e decidi escolher o caminho central. O trajeto era muito interessante e passava pelo meio de plantações e pequenas fazendas. Como era domingo, existiam nos pequenos lugarejos que eu atravessava muitas crianças. O cheiro de verde e estrume de boi misturados pela chuva era característico.

Cerca de três horas depois e, mais uma vez, completamente exausto cheguei no Albergue de Palas de Rei. Levy, Maurinho e eu, que fizemos todo o percurso do dia de bicicleta, fomos os primeiros a chegar. Mais tarde, por volta das 21h30min, apareceu o Carro de Apoio com Josias, Júnior, Márcio e Rui.

Uma coisa curiosa aconteceu quando o grupo que concluiu o percurso de bicicleta começou a narrar o trajeto escolhido. Maurinho, que ao chegar no trevo escolheu o caminho da direita, apresentava no velocímetro de sua bicicleta 111 km percorridos no dia. Levy, que escolheu o caminho da esquerda, apresentava 108 km e eu que tomei o caminho central 103 km. De qualquer maneira, independente do caminho todos passaram de 100 km. Foi realmente uma longa jornada para os três, que por caminhos diferentes haviam chegado ao mesmo destino.

Como estávamos famintos e muito cansados entramos em um restaurante e pedimos o Menu do Dia, que era uma sopa de legumes (na Espanha se fala caldo e eu comi dois enormes pratos), filé com fritas, uma garrafa de vinho da casa, sobremesa, sendo que o preço era bastante acessível, 950 pesetas, equivalentes a seis dólares e meio.

Apesar do albergue ser bonito e limpo, preferi dormir no hotel próximo para poder ter mais conforto. O albergue tinha vários estrangeiros, principalmente pessoas de terceira idade, o que já era uma cons-

tante neste Caminho. Encontrei novamente um casal de alemães que estava fazendo o Caminho de bicicleta e com o qual já havia cruzado várias vezes.

Após ligar para minha mãe no Brasil e parabenizá-la também pelo Dia das Mães, fui para o hotel dormir. Dormir, não. Desmaiar, acho que é a palavra mais correta.

Refletindo...

- *Não tenha receio de procurar outros caminhos para atingir seus objetivos.*
- *Quando tiver dúvidas, busque sempre informações. Não tenha receio de perguntar.*
- *Quando fazemos o que gostamos, por mais difícil que seja a meta, sempre fica mais fácil atingi-la.*
- *Seja sempre solidário. Lembre-se do amanhã.*

CAPÍTULO 23

13º dia: enfim, Santiago

Palas de Rei – Santiago

"Encontra o sucesso quem acredita nos seus sonhos e se empenha para transformá-los em realidade."

(Autor não identificado)

Segunda-feira, 12 de maio de 1997. Apesar do frio, o céu estava claro e muito azul. Esse era um grande dia para todo o nosso grupo e, principalmente, para mim porque, afinal, faltavam poucas horas para chegarmos a Santiago de Compostela.

O dia estava sendo realmente muito especial e diferente, todos acordaram cedo e não houve nenhum tipo de atrito. A programação que Rui, Márcio e eu fizemos previa uma parada em Arzúa e a chegada na praça em frente da Catedral de Santiago por volta das 15 horas. A previsão era vencer os quase 70 quilômetros com apenas três subidas muito fortes, em cerca de 6h30min e, também, combinamos que, à medida que cada um fosse chegando, nós amarraríamos as bicicletas uma nas outras de maneira a impedir qualquer tipo de roubo.

Às 8 horas, após encher o cantil na fonte de água potável, em frente ao pequeno hotel, saímos em direção à estrada e lembrei-me, mais uma vez, das palavras de Madame Debrill: *"o peregrino deve caminhar o quan-*

to pode e não o quanto quer". Esta frase, no fundo, era um aviso para mim, já que eu sempre tive uma determinação muito forte em tudo que fiz na vida e, freqüentemente, extrapolava meus limites. Agora, no Caminho de Santiago, eu estava conseguindo conviver um pouco mais com minhas limitações e fraquezas e administrando a situação de maneira a atingir o objetivo proposto. Prometi, a mim mesmo, que neste último dia iria pedalar com tranqüilidade visando poder concluir bem o Caminho e já que Deus havia me protegido permitindo que eu tivesse chegado até ali, certamente eu iria cuidar-me para chegar até Santiago, são e salvo. A primeira providência seria não forçar os joelhos e sempre que encontrasse ladeiras fortes que exigissem uma marcha baixa eu deveria saltar e empurrar a bicicleta.

Os primeiros quilômetros de estrada foram muito fáceis porque me sentia superleve e estava muito feliz. Comecei a recordar trechos do Caminho, desde o primeiro dia e eu acabava sorrindo de felicidade por estar tão próximo da minha meta. Lembrei-me, também, da história que diz que o mais importante não é chegar a Santiago de Compostela, e sim fazer o Caminho com o coração aberto, curtindo a simplicidade de tudo que a gente vê, sente e faz. É, hoje estava um dia muito gostoso de pedalar e eu estava totalmente absorto nos pensamentos quando, neste momento, voltei à realidade pois um cachorro começou a latir e a correr atrás da minha bicicleta. Nem liguei para este pequeno susto, já que eu só tinha olhos para a estrada à frente.

Na localidade de Melide, antes da cidade de Arzúa, encontrei uma enorme montanha e comecei a reduzir as marchas à medida que a dor nos joelhos, principalmente no direito, ia aumentando. Em questão de segundos, lá estava eu empurrando tranqüilamente a bicicleta pelo acostamento morro acima. Eu estava atuando como se fosse uma equipe de futebol que está vencendo o jogo e administrando o escore, esperando o tempo passar. Apesar de ser um dos mais velhos do grupo e ter baixa capacitação física, eu tinha sido até o momento a pessoa que mais havia pedalado da turma e tudo isso fruto de algumas características comportamentais que possuo e fazem uma grande diferença na minha vida pessoal e profissional: tenho sempre metas ousadas e

sou extremamente persistente e determinado em planejar e perseguir as metas, independente do sacrifício que seja necessário fazer.

Após pedalarmos um trecho numa estrada plana, Márcio e eu chegamos a Arzúa, o nosso ponto de encontro intermediário antes de Santiago. A nossa breve parada consistiu apenas em carimbar a credencial e retornamos imediatamente para a estrada, já que estávamos ansiosos para chegar ao nosso destino final. Faltavam apenas cerca de três horas.

Quando faltavam apenas 15 quilômetros para chegar a Santiago encontramos muitos peregrinos a pé e também alguns ciclistas franceses, que nos ultrapassaram em alta velocidade.

O dia estava sendo realmente muito diferente dos outros e um dos motivos desta afirmação era que, nesta manhã, o Carro de Apoio já havia passado por mim três vezes, inclusive perguntando se eu estava precisando de algo. É... Santiago de Compostela estava operando milagres, fazendo com que até o Carro de Apoio funcionasse direito, pelo menos neste último dia. Até o vento soprava a nosso favor, estava tudo parado, as árvores não balançavam e, para nós, ficava mais fácil pedalar.

Alguns poucos quilômetros antes de Santiago, Márcio parou para telefonar para a sua família no Brasil. Ele estava muito emocionado e durante o tempo que esteve na cabine telefônica chorou copiosamente. Acredito que ele estava externando toda a sua tensão emocional, principalmente pelo falecimento, prematuro, de sua irmã, semanas antes de nossa partida para a Europa.

A cidade de Santiago já aparecia à nossa frente e ela era muito maior do que eu pensava. Mais alguns minutos e chegaríamos finalmente à Catedral.

Rapidamente fiz, na minha mente, uma retrospectiva do Caminho e, pelas minhas contas, eu já havia ultrapassado os 800 km entre o trecho que fiz a pé e a parte de bicicleta nestes 13 dias. Apenas em dois pequenos trechos eu usei o Carro de Apoio. A primeira vez foi no 6º dia,

quando fui resgatado pelo Carro de Apoio alguns quilômetros antes de chegar a Castrojeriz. Em virtude do meu estado lastimável não deixaram eu continuar pedalando. Eles estavam certos. A segunda vez foi no 9º dia, em León, para não criar conflito com todo o grupo. Acredito que, naquele momento, tomei a decisão mais sensata.

Um outro fator que percebi era a integração "homem x máquina" que estava ocorrendo entre minha bicicleta e eu. Realmente o clima entre nós estava sendo de muita harmonia e eu estava agradecido à minha "magrela" por tudo que estava ocorrendo. Ela agüentou todos os esbarros e intempéries e se encontrava, ainda, em ótimas condições. Eu estava totalmente acostumado a todos os procedimentos necessários a uma bicicleta e já fazia tudo de maneira automática.

A emoção ia me dominando à medida que pedalava dentro da cidade de Santiago em direção à Catedral. As lágrimas misturavam-se com o suor, o que fazia arder os meus olhos e obrigavam-me constantemente a limpar os óculos. Márcio e eu pedalávamos eufóricos e velozmente pelas avenidas quando, finalmente, surgiu imponente, à nossa frente, a Catedral de Santiago de Compostela, com suas inconfundíveis torres. Havíamos finalmente chegado. Neste momento três badaladas fortes soaram e, instintivamente, olhei para o relógio. Eram exatamente 15 horas.

Parei a bicicleta lentamente como que hipnotizado pelo majestoso monumento, que era a Catedral. Durante alguns minutos fiquei estático à sua frente e orei agradecendo a Deus por tudo que estava ocorrendo.

Refletindo...

- *É preciso sempre sonhar e arrumar tempo para realizar os nossos sonhos.*
- *A autoconfiança é primordial para atingirmos nossos objetivos.*
- *Os nossos sonhos só são realizados após muita persistência e determinação.*
- *Entusiasmo quer dizer "ter Deus dentro de você". Um homem com entusiasmo, certamente, alcança suas metas.*

CAPÍTULO 24

O sonho realizado

Santiago de Compostela

"A vitória sempre foi de quem
nunca duvidou dela."
(Raul Follerean)

A Catedral de Santiago de Compostela é uma das mais antigas e interessantes de todo o mundo, com sua construção iniciada em 1075 e concluída em 1211, numa mistura de arte galega dos estilos barroco e clássico. Na sua fachada, existe uma grande escada que dá acesso à praça, onde nós havíamos deixado as bicicletas.

Ainda extasiado, e com um grande sentimento de leveza, comecei a subir lentamente os degraus da escadaria para conhecer o interior da Catedral onde está o túmulo do Apóstolo Tiago. O interior da igreja era muito bonito, com vários arcos e muitas capelas, com muitos fiéis orando, independente de serem peregrinos ou não. Pelas vestes, percebi que o número de ciclistas era muito elevado, e alguns estavam ainda sujos e enlameados. Outros peregrinos que fizeram a caminhada a pé com seus tradicionais cajados e mochilas nas costas andavam pela igreja com olhares perdidos, provavelmente refletindo sobre sua própria vida.

Sentei-me calmamente e comecei a orar enquanto a missa e a Cerimônia dos Fumeiros não começavam. Era hora de agradecer a Deus por

toda a proteção ao longo do Caminho, por toda a força física que permitiu que eu chegasse ao meu destino, por toda a capacidade de análise da vida que eu estava processando naquele momento.

De olhos fechados e cabeça baixa, passava um filme na minha mente da história da minha vida. As lágrimas rolavam lentamente pelo meu rosto, ainda suado e um pouco sujo de poeira.

A cerimônia religiosa começou e, apesar de tentar prestar atenção nas palavras do padre, eu continuava refletindo sobre tudo o que estava acontecendo dentro de mim. Eu estava fazendo uma grande avaliação dos valores que considero essenciais e que norteiam o meu comportamento no dia-a-dia. Reavaliei minha vida pessoal e profissional e pedi a Deus forças para que conseguisse mudar algumas características e hábitos que não considero adequados e que tenho feito muita força para mudá-los.

A música sacra, muito bonita, me fez voltar à realidade e prestar mais atenção na Cerimônia do Fumeiro que estava iniciando, um ritual tradicional que eu só havia conhecido anteriormente pela TV, com os incensários presos nas cordas voando pela igreja. Fiquei impressionado com o que vi.

Após sairmos da igreja nos dirigimos ao Escritório dos Amigos de Santiago de Compostela onde fomos apresentar nossa Credencial de Peregrino, toda carimbada, o que comprovava que havíamos realmente feito o Caminho e solicitar o Certificado de Peregrino que é emitido em latim.

Durante o tempo que ali estivemos, conversamos com o Padre Don Jaime, da Paróquia de Santiago de Compostela, que nos solicitou que fizéssemos uma oração de agradecimento e representássemos o nosso país na Missa dos Peregrinos, que seria celebrada no dia seguinte, ao meio-dia, na Catedral. Prometemos a ele redigir um texto conjunto e apresentá-lo na manhã do dia seguinte, antes da missa.

Agora que tínhamos atingido a nossa grande meta, decidi, então, telefonar para o Brasil e pedir à minha mulher que informasse às demais

famílias dos nossos companheiros que já estávamos em Santiago de Compostela e felizmente todos estavam bem. Expliquei-lhe que, pelo nosso planejamento, iríamos ficar mais um dia em Santiago e depois seguir para Portugal, antes de embarcar, definitivamente, para o Brasil.

À noite, extravasamos nossa alegria e comemoramos a vitória no Bar do Miguel, vizinho do nosso hotel, cujo proprietário era um espanhol flamenguista que tinha sido garçom no Rio de Janeiro, por 25 anos, e era muito engraçado e envolvente, agradando a todos os clientes que freqüentavam seu estabelecimento. Colocamos nele o apelido de Miguelzito, por sua semelhança com Zito, o proprietário de um barzinho que a nossa turma freqüenta na Praia da Costa, em Vila Velha, Espírito Santo.

Estávamos muito contentes. Cada um, à sua maneira, estava feliz por ter conseguido chegar a Santiago de Compostela após vários meses de preparação e quase duas semanas de caminhada. Parecíamos crianças que acabaram de ganhar o mais belo presente de sua vida. É importante a comemoração da realização de um sonho.

No dia seguinte, pela manhã, procurei Don Jaime para apresentar-lhe o texto que seria lido por Márcio Nolasco, que representaria nosso grupo e os peregrinos do Brasil, na missa do meio-dia. Um fato interessante foi que Don Jaime sugeriu que eu mudasse a ordem de agradecimento já que no texto que nós havíamos escrito, colocamos o agradecimento ao povo espanhol antes de Deus e ele, por motivos óbvios, sugeriu a inversão. Concordei plenamente com ele e o texto final que Márcio leu foi o seguinte:

– "Os peregrinos do Brasil agradecem a Deus e ao povo espanhol por tudo que nos foi proporcionado no Caminho de Santiago de Compostela e após muita reflexão individual esperamos poder levar às nossas famílias, ao povo brasileiro e a todo o mundo mais amor, fraternidade e paz entre os homens. Para isso pedimos a bênção do Apóstolo São Tiago".

Após a Missa dos Peregrinos e depois de comprarmos muitos souvenirs e lembranças para os amigos e familiares, subimos todos no Carro

de Apoio e nos dirigimos para Portugal, de onde partiríamos, dias depois, para o Brasil.

No meu rosto, um sorriso e, no meu coração, a felicidade de ter realizado mais um sonho de minha vida: fazer o Caminho de Santiago de Compostela.

Refletindo...

- *Repense sua vida. Você está fazendo o que gosta?*
- *Não tenha medo de sonhar, por mais ousado que seja o seu sonho. Se você acreditar que pode transformá-lo em realidade, já é meio caminho andado.*
- *Cada um de nós tem o seu próprio Caminho. Descubra-o e faça-o.*
- *Esta frase é do escritor José de Alencar: "O sucesso nasce do querer." Sempre que o homem aplicar a determinação e a persistência para um objetivo, ele vencerá os obstáculos e, se não atingir o alvo, pelo menos fará coisas admiráveis.*

CAPÍTULO 25

As lições do meu caminho

"Muda tuas idéias e mudarás
teu mundo."
(Norman Vicent Peale)

Quando alguém me pergunta sobre o que eu aprendi no Caminho de Santiago de Compostela eu tento resumir toda a experiência obtida em alguns pontos que considero fundamentais. Uma síntese das principais lições do meu caminho são estas:

- A importância da simplicidade. É necessário que nós tenhamos consciência de que na vida tudo é muito simples e que nós, várias vezes, erradamente, a complicamos de maneira totalmente desnecessária. A busca da simplicidade é fundamental para mim.
- Ter consciência dos valores e crenças em que acredito. Foi uma boa oportunidade para, durante estes dias, reavaliar e confirmar para mim mesmo o que considero essencial na minha vida, o que é prioritário e ao que realmente dou valor.
- Aceitar e saber conviver com minhas próprias limitações, fraquezas e deficiências, sem sentimentos de culpa pela não-perfeição.
- Arranjar mais tempo para mim como ser humano. Procurar conhecer-me ainda mais.

- Aprender a conviver com pessoas muito diferentes e de comportamento antagônico. Respeitar seus pontos de vista e nossas diferenças individuais.
- Ter sempre metas pessoais bem definidas, para poder realizar meus sonhos, independente das metas do grupo do qual faço parte.
- A importância e necessidade de trabalhar mais para a comunidade onde vivo. Não esquecer nunca que, além de seres humanos, somos cidadãos. No meu caso, trabalhar sempre pela cidade de Vila Velha e pelo Estado do Espírito Santo.
- Não ter medo de recuar, quando descobrir que o caminho está errado. Revisar, sempre que necessário, os planos.
- Curtir todos os momentos da vida, fazendo sempre o que gosto. Procurar ter mais momentos alegres.
- Cuidar mais do corpo, procurando melhorar minha capacitação física, o que, certamente, me proporcionará uma vida mais longa e saudável.
- Ter consciência e acreditar, ainda mais, que existe uma energia superior, um ser supremo, artífice do universo e de todas as formas de vida, que nos norteia e nos acompanha sempre: Deus.

Meu Certificado de Peregrino de Santiago de Compostela, emitido em latim, conforme tradição desde o século XIV

CAPITULUM hujus Almae Apostolicae et Metropolitanae Ecclesiae Compostellanae sigilli Altaris Beati Jacobi Apostoli custos, ut omnibus Fidelibus et Peregrinis ex toto terrarum Orbe, devotionis affectu vel voti causa, ad limina Apostoli Nostri Hispaniarum Patroni ac Tutelaris **SANCTI JACOBI** *convenientibus, authenticas visitationis litteras expediat, omnibus et singulis praesentes inspecturis, notum facio:* Dnum: LUCAN IZOTON VIEIRA *hoc sacratissimum Templum pietatis causa devote visitasse. In quorum fidem praesentes litteras, sigillo ejusdem Sanctae Ecclesiae munitas, ei confero.*

Datum Compostellae die 12 *mensis* Maii *anno Dni* 1997

SIGILLUM CAPITULI BEATI JACOBI COMPOSTELLAE

Secretarius Capitularis

A partida no Aeroporto de Vitória com a inseparável Bandeira do Brasil. Em pé, da esquerda para a direita: Josias, eu, Luciano, Rui, Márcio, Júnior e Franco. Agachados: "Serjão", Maurinho e Levy

Minha bicicleta, eu e a Catedral de Santiago de Compostela: sonho realizado

Cerimônia do Fumeiro na Catedral de Santiago de Compostela. Muita emoção e religiosidade para os peregrinos

Madame Debrill, a hospitaleira de Saint Jean Pied de Port, na França, carimbando a minha Credencial de Peregrino

Levy e eu, exaustos, cruzando a Cordilheira dos Pirineus a pé, na fronteira entre a França e a Espanha

Márcio, Maurinho e eu, no alto das montanhas. Como companheiros, sol, frio e uma linda paisagem

Castelo dos Templários em Ponferrada, uma obra do século XII. A ansiedade já tomava conta de mim...

Márcio na trilha original dos peregrinos: lama, raízes e pedras como grandes obstáculos

Pequena vila na Cordilheira Cantábrica coberta de neve. Um raro momento de lazer e descanso

Estrada entre Castrojeriz e Frómista.
A placa indicava faltar ainda 497 km de persistência para atingir minha meta

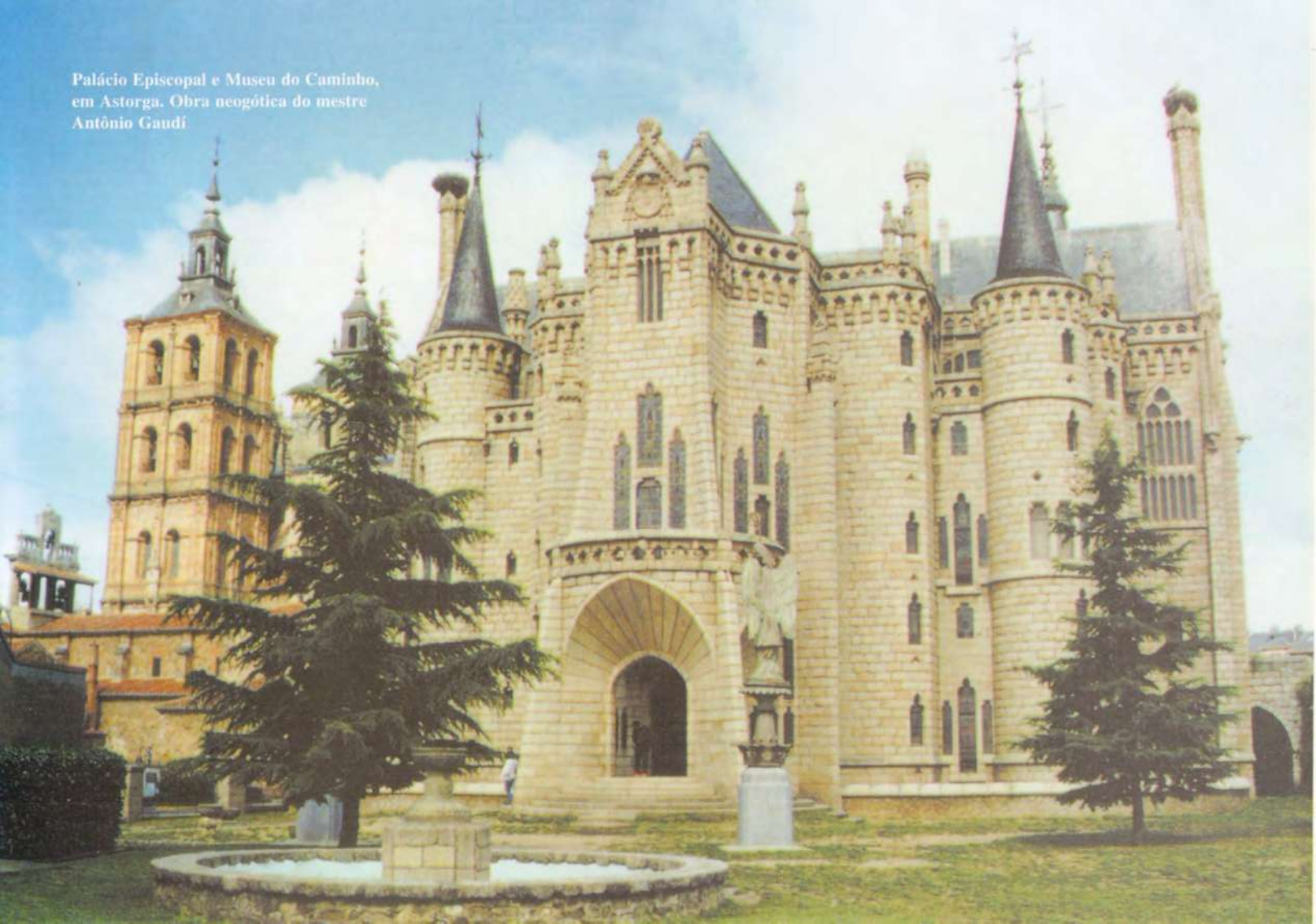
Eu na estrada, entre Calzadilla de la Cueza e Sahagún. Apesar do frio e vento, muita determinação para chegar a Santiago

Encontro de todo o grupo. O único ausente, "Serjão", já havia retornado ao Brasil

Ponte medieval do século XII na cidade Puente la Reina, local de reflexão dos peregrinos e ponto de encontro de todos os Caminhos de Santiago de Cospostela

Um caminho verdadeiramente mágico dentro de uma nuvem de chuva com neve ao lado

Grupo de peregrinos europeus, com suas pesadas mochilas, na trilha que leva à Catedral de Santiago de Compostela



Palácio Episcopal e Museu do Caminho, em Astorga. Obra neogótica do mestre Antônio Gaudí